

JÔNIA TÍRCIA PARENTE JARDIM ALBUQUERQUE

**PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE DOCENTES
UNIVERSITÁRIOS:
ESPAÇO E TEMPO DA FORMAÇÃO**

Orientador (a): Filadélfia Carvalho de Sena

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

**Lisboa
2014**

JÔNIA TÍRCIA PARENTE JARDIM ALBUQUERQUE

**PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE DOCENTES
UNIVERSITÁRIOS:
ESPAÇO E TEMPO DA FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Ciências da Educação conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Profa. Doutora Filadélfia Carvalho de Sena
Co-Orientadora: Profa. Doutora Maria Neves Gonçalves

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

**Lisboa
2014**

Epígrafe

Experiência Formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: o saber-fazer e os conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilidade de uma pluralidade de registros. (Josso, 2010, p. 36)

Dedicatória

À **Deus** por ter me dado forças para chegar até o fim. ELE sempre foi minha fonte de inspiração e fé.

À **minha família** em especial ao meu esposo Júnior, a minha flor de Lis e ao meu pequeno Levi.

Agradecimentos

Durante o curso muitas pessoas passaram por mim e marcaram a minha história. À todos os professores do Programa de Pós-Graduação pela dedicação e incentivo ao aprender sempre e com qualidade.

Aos meus familiares que confiaram em minha capacidade de realizar mais essa etapa de vida.

À minha orientadora professora Doutora Filadélfia Carvalho de Sena que confiou em minha capacidade de produção científica e esteve comigo em todos os momentos desse trabalho.

À professora Doutora Maria das Neves pelo incentivo em tornar meu trabalho cada vez mais científico.

À minha mãe Professora Doutora da Universidade do Cariri Conceição Jardim que muito me ajudou com suas considerações e experiência como educadora.

Às minhas amigas de Mestrado Arnislane, Laudicéia, Caroline e Daniele por todas as horas de estudo e dedicação destinadas aos trabalhos acadêmicos.

Às professoras da Universidade Estadual Vale do Acaraú que contaram as suas histórias e muito contribuíram para a realização dessa pesquisa.

À Professora Eliza pelo carinho.

Finalmente a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse possível.

Resumo

O mundo globalizado provoca mudanças de contextos e condutas as quais geram exigências e refletem no papel que o professor universitário exerce dentro de um espaço social, cultural que é a universidade. Fazer parte desse grupo social exige uma formação contínua, constitutiva de novas identidades e propulsora de uma ideia: o professor precisa adequar-se à função de ensinar e educar no mundo atual. O objetivo dessa pesquisa foi de compreender no percurso de formação de professores universitários as implicações sobre a construção da identidade docente. Para contemplar os objetivos a escolha foi pela pesquisa qualitativa, utilizando a abordagem (auto)biográfica. A abordagem (auto)biográfica vem sendo ao longo de três décadas construída no contexto da formação de adultos e de um procedimento denominado de “história de vida em formação”, onde sua dinâmica e inspiração encontram-se fundamentadas, principalmente, nos trabalhos de Marie-Christine Josso (2004; 2010). Foram narradas quatro histórias de vida de professoras universitárias pertencentes ao quadro docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral- Ce. A análise das narrativas foram de acordo com as etapas da coleta propostas por Josso (2004; 2010) e pudemos perceber que pesquisar sobre os processos de formação dessas professoras universitárias, a partir de da escuta de suas histórias de vida, permitiu-me sentir a fragilidade, a pluralidade e a mobilidade das identidades construídas ao longo da vida de cada professora.

Palavras-chave: docência superior; identidade docente; histórias de vida; método (auto)biográfico.

Abstract

The globalized world causes changes of contexts and behaviors which generate demands and reflect on the role that the university professor has within a social space, which is the cultural university. Being part of this social group requires training, constituting new identities and driving of an idea: the teacher must adapt to the role of teaching and education in today's world. The objective was to understand the course of training of university teachers the implications on the construction of teacher identity. To address the goals the choice was the qualitative research approach using the (auto)biographical. The approach (auto)biographical been over three decades built in the context of adult education and a procedure called " life history in the making, where its dynamics and inspiration are based mainly on the works of Marie Josso-Christine (2004, 2010). Were narrated life stories of four university professors belonging to the faculty of the State University Valley Acaraú in Sobral-Ce. The narrative analysis were in accordance with the steps of collecting proposals for Josso (2004, 2010) and we realize that research on the processes of formation of these university professors, from listening to their life stories, allowed me to feel the frailty, mobility and plurality of identities constructed over the life of each teache.

Keywords: Teaching higher; teacher identity; life stories; method (auto)biographical

Índice

RESUMO.....	4
ABSTRACT	5
ÍNDICE.....	6
INTRODUÇÃO	7
Capítulo 1 - Percursos Teóricos da Pesquisa	12
1. Identidade Docente	13
1.1. Concepções de identidade.....	13
1.2. A identidade do docente universitário	17
1.3. Universidade Lugar de Formação	22
1.4. Experiência formadora na perspectiva (auto)biográfica	32
Capítulo 2: Percursos Metodológicos da Pesquisa	37
2. Abordagem Metodológica: Narrativas de vida construindo percursos de identidade de docentes	38
2.1. O Universo da pesquisa qualitativa.....	38
2.2. A escolha da abordagem como condição para pensar a formação de professoras universitárias	42
2.3. Universo dos sujeitos da pesquisa.....	46
2.4. Etapas e procedimentos da abordagem (auto)biográfica	48
2.5. Compreensão da subjetividade presente na formação das docentes	60
Considerações Finais	66
Referências Bibliográficas	70
APÊNDICES	i

Introdução

Esta pesquisa, cujo objeto são os “Processos Identitários de Docentes Universitários: Espaço e Tempo da Formação” encontra-se vinculada à linha de pesquisa Construção e Diversidade de Saberes: Cultura e Desenvolvimento Pessoal, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Portugal, e teve como objetivo de estudo compreender no percurso de formação de professores universitários as implicações sobre a construção da identidade docente.

O mundo globalizado provoca mudanças de contextos e condutas as quais geram exigências e refletem no papel que o professor universitário exerce dentro de um espaço social, cultural que é a universidade. Fazer parte desse grupo profissional traz exigências em relação ao investimento na formação que pode ser constitutiva de novas identidades e propulsora de uma ideia: o professor precisa adequar-se à função de ensinar e educar no mundo atual.

Dentro dessa perspectiva entendemos que o século XXI é palco de inúmeras transformações no campo econômico, social, político e a educação não fica de fora dessas discussões e exigências do mercado globalizado. É possível visualizar tais exigências no crescente número de Instituições de Ensino Superior, as quais cobram dos seus docentes, qualificações e constantes formações (Passos, 2009). Em muitas situações essa busca pela formação gera sentimentos que de maneira direta ou indireta podem afetar na prática docente. O que se percebe é que alguns professores universitários entram na docência, por vezes, sem a formação didático-pedagógica necessária para o ensino e assim, entram em sala de aula, acreditando que ao possuir uma especialidade e por ter sido aluno muitos anos o habilita a ser um docente. E essa entrada, por vezes é uma demanda de mercado, causando lacunas no seu desempenho, no momento de organizar sua práxis profissional. Isso pode ser visto, em muitas situações, sendo apresentado por Pimenta (2010) quando afirma que: “o professor universitário inspira-se na sua própria experiência de aluno”. Dentro desta pesquisa Tardif (2002) vai dizer que estamos imbuídos de diversas influências entre elas essa levantada por Pimenta (2010). A mesma autora (2010, p. 36) descreve a situação afirmando que o professor universitário, durante a sua formação, muitas vezes, não recebe formação no campo de ensinar, pois isso depende da natureza da graduação desse profissional seja licenciatura ou bacharelado.

Na prática diária de professores universitários é perceptível ações individualizadas, com programas de disciplinas e com métodos de avaliação sem uma devida orientação e organização pedagógica, com isso esses profissionais acabam se moldando as experiências vividas quando alunos, trazendo em suas histórias de vida o *habitus professoral*¹. É fato, o professor aprende com a prática dos seus mestres e por vezes as reproduzem em sala de aula tais comportamentos, visto que toda ação que produza satisfação tenderá a ser repetida e aprendida.

Ao apresentarmos essa problemática, tentamos compreender como um professor universitário se descobre, diante de tantas adversidades do mundo, e buscamos traçar uma identidade para esse docente, tarefa difícil e marcada pela subjetividade, pelos desafios diários impostos pelos mais diversos campos da vida pessoal, na relação do aluno com o professor, nas tarefas administrativas.

A formação do professor enquanto tema desta pesquisa levanta e instiga o pesquisador a se debruçar sobre os processos da formação e investigar acerca dos saberes e das experiências vividas para se chegar a uma compreensão dessas experiências que tomam a dimensão da formação de professores universitários e que contribuíram na construção de suas identidades. Esse interesse por formação e identidade potencializa-se, a partir das características do mundo atual que exige respostas aos desafios de docentes universitários. Desafios esses que correspondem as demandas do mundo do trabalho, da realidade social e cultural, do modelo econômico, político e da globalização. Visto que, docente é considerado um educador, um formador de opinião, aquele que dialoga com a sociedade e não fica aprisionado aos seus programas disciplinares, repetindo conteúdos, reproduzindo modelos e para o aprendizado de seus alunos.

A partir de questões acerca do tema, alguns questionamentos foram levantados, dentre eles: o que torna a experiência ser uma experiência formadoras? Além disso, pensar em que momento da trajetória da vida de professor essas experiências foram transformadoras e em que momento passam a contribuir na construção da identidade docente?

Para responder a essas questões propusemos como objetivo geral compreender no percurso de formação de professores universitários as implicações sobre a construção da identidade docente.

¹. Isso se configura com a efetivação de práticas exercidas, social e coletivamente configuram um *habitus*, ou seja, práticas que deixam de ser meros saberes práticos e configuram um comportamento, assim apresentado por (Silva, 2005).

Os objetivos específicos que nortearam a pesquisa foram pensados a partir da construção do percurso de formação e do modo de entender a constituição da identidade de ser professor universitário, além de perceber como esses saberes e conhecimentos foram se constituindo como percurso, e como os mesmos interferem no ser e tornar-se professor universitário.

O conhecimento e as aprendizagens, tendo como foco central a compreensão de como essas experiências tornaram-se experiências formadoras, explorando a formação de si e do sujeito, abraçando a globalidade da pessoa nas dimensões bio-psico-socioculturais ao longo da história de vida de professor. Abordando as histórias de vida, como mediação do conhecimento de si, Josso (2007) disse que trabalhar com histórias de vida permite [...] mergulhar em sua própria história [...] tomando ciência sobre diferentes modos de registros de expressão de si orientando a sua formação.

Esse olhar foi possível através da abordagem (auto)biográfica como parte do delineamento metodológico escolhido no sentido de compreender através das narrativas as experiências formadoras como os professores formam suas identidades enquanto docentes do ensino superior. A abordagem (auto)biográfica inspirada em Josso² (2004; 2010), nos permitiu conhecer estas experiências ao mesmo tempo em que percebemos o que promove a formação das identidades e subjetividades. Os professores universitários com suas infinitas experiências puderam através das narrativas transformar suas vivências em experiências de formação onde sem uma reflexão contínua sobre a própria história de vida e do percurso enquanto docente do ensino superior. A formação de professores perpassa conscientemente pela atividade, sensibilidade, afetividade e ideação.

Ao ouvir as narrativas de formação e participando diretamente de todas as escutas e por elas adquiridas foram formadoras de suas identidades. A abordagem (auto)biográfica proposta por Josso permitiu não só a investigação do professor, mas também o contato com minha própria história enquanto professora do ensino superior, dando sentido a minha própria narrativa e como eu me compreendo fazendo parte dessa comunidade acadêmica.

A coleta de dados, realizada como etapa do trabalho de campo se deu através das escutas das narrativas de vida e foi levado em consideração o período como professora

² Marie Christine Josso autora mais citada nesse estudo, por conta de seus estudos e experiência em falar sobre a formação de adultos, a partir do método (auto)biográfico abordado pelas histórias de vida. Marie-Christine Josso faz parte de um grupo de pesquisadores da Europa que, há mais de vinte anos, dedicam-se nessa abordagem que vem se consolidando em seminários universitários ou em sessões de formação contínua de profissionais da Educação. Os mesmos pesquisadores que vem construindo as bases epistemológicas da abordagem que perpassa tanto no campo da saúde como social (Josso, 2004, p.22).

universitária. Vale ressaltar que a abordagem metodológica escolhida permitiu escolher um período da vida de professor, no nosso caso, o tempo como professores universitários, sendo um momento da pesquisa, de extrema complexidade e delicadeza, pois exigiu um trabalho atento a toda narrativa desse período, onde pude dialogar com as escutas que foram gravadas, com as anotações e transcrições realizadas.

A identidade docente de professores universitários, em seu percurso constitutivo se dá ao longo de toda a vida do professor, seja em suas experiências pessoais ou profissionais. Os acontecimentos que foram trazidos pelas narrativas revividos e interpretados a partir das narrativas. Para compreendermos como essa subjetividade foi se constituindo, como foi formada, e que agora trago para a reflexão final, é possível sim que a formação da identidade do professor(a) universitário(a), suas experiências nessa trajetória podem ser tomadas como experiências formadoras.

Esse trabalho dissertativo está organizado em três capítulos. O primeiro é composto pelos percursos teóricos da pesquisa onde aparecem os seguintes temas: concepções de identidade apoiada pela literatura das ciências humanas onde fui dando forma aos conceitos da identidade docente. Outro mais específico e que dá conta da identidade da docência universitária, tendo apresentado o que caracteriza esse ser professor e quais suas experiências foram se tornando experiências formadoras. Para atuar nesse campo acadêmico; em seguida, universidade como lugar de formação enfatizando as leis que regem o exercício da docência e as qualificações que cada professor deve apresentar para atuar nesse campo. Esse percurso teórico foi construído a partir de leituras de textos acadêmicos nas mais diversas formas, impresso, internet, documentos oficiais tudo direcionado a favorecer a pesquisadora, com uma fonte bibliográfica atualizada e diversificada, a fim de proporcionar um diálogo entre os autores e a pesquisadora gerando um texto conciso e relevante para outras pesquisas na área. O segundo capítulo, denominado de percursos metodológicos da pesquisa, caracteriza o estudo como pesquisa qualitativa a partir da abordagem (auto)biográfica que toma as narrativas de vida, tendo como referência e modelo de procedimento das histórias de vida sistematizado por Marie-Christine Josso (2004; 2010), a qual apresenta uma linha norteadora da delimitação das etapas e procedimentos assim definidos: fase de introdução à construção da história da formação; fase de elaboração da narrativa; fase de compreensão e de interpretação das narrativas escritas; fase de balanço dos formadores dos participantes. No terceiro capítulo relato o momento da metodologia proposta por Josso (2004; 2010) que é a fase de balanço dos formadores e participantes será tomado como um capítulo devido o

mesmo surgir como fundante de todo processo (auto)biográfico. Suas análises que não comportam somente as reflexões da pesquisadora, mas das professoras envolvidas no processo. Este é marcado pela experiência do último momento de encontro com as participante da pesquisa.

Seguem as considerações do estudo. Portanto esta pesquisa contribui para as áreas de Educação e Psicologia, a partir das análises da compreensão que as professoras tiveram de suas experiências e do que as tornaram formadoras. O tema e a pesquisa repercutiram-se na minha vida pessoal, pois trata-se de um estudo que me aproxima da minha experiência e subjetividade enquanto professora universitária.

Capítulo 1 - Percursos Teóricos da Pesquisa

1. Identidade Docente

Identidade foi a palavra mais pensada ao longo desse trabalho, não somente a identidade do docente, mas a maneira como cada professor vai formando-se a partir das experiências vividas ao longo de sua trajetória de vida e de formação. Essas são experiências que permeiam pelos diversos campos da formação envolvendo vida pessoal, escolar, graduação, pós-graduação, vida social. Modos de ser e viver e que foram sendo inscritos no fazer do exercício da docência e que se prolonga na vida desses professores universitários, oportunidades formativas que chegou a constituir-se como cenário de aprendizagens docentes. O docente possui experiência de sala de aula, em vários anos como aluno, para além do tempo que atua como professor. A construção de sua identidade passa pelo seu processo pessoal e sua voz é essencial na definição da caminhada a ser construída

1.1. Concepções de identidade

Quanto as concepções envolvendo as questões conceituais sobre identidade continuam provocando debates, e por conta disso muitas definições foram pensadas, a partir de cada momento vivido, desde os aspectos culturais, sociais, psicológicos. A sociedade ao longo da história sofreu mudanças estruturais nos aspectos de classe, etnia, raça, gênero, sexualidade e nacionalidade, os quais no passado foram consideradas como fatores marcadores de identidades sólidas. Atualmente essas mudanças podem afetar, também, a identidade pessoal, causando na pessoa humana um deslocamento ou descentração do sujeito³.

A identidade pode ser conceituada a partir de três concepções diferentes, do sujeito⁴ do Iluminismo, do sujeito do Sociológico e sujeito do Pós-Moderno. O sujeito do Iluminismo fundamenta-se na “concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado e dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (Hall, 2011, p. 10). O centro essencial do eu é a identidade de uma pessoa. Isso mostra uma conceituação muito individualista do sujeito e de sua identidade, ou seja, somos aquilo que desde o nascimento já

³ Descentração do sujeito é visto por Hall (2011) como a perda de um sentido de si estável. Essa descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

⁴ A expressão sujeito é apresentada por Hall para caracterizar a pessoa humana, o cidadão, dentro das concepções do Iluminismo, Sociológico e Pós-moderno (Hall, 2011, p.10).

tinha sido identificado, se nasci uma pessoa boa, é porque serei boa. Essa concepção versa com o pensamento de Santos *et al* (2012) quando apontam sobre a autoformação quando “o sujeito da formação assume o comando numa progressiva atenção consciente a si e às ligações que estabelecem ao longo da vida” e Pineau (1988, pp.65-67) reforça dizendo que autoformação é “apropriação por cada um do seu próprio poder de formação”. Seguindo as concepções identificaremos o sujeito sociológico definido como aquele que reflete a sua crescente complexidade com o mundo moderno e a consciência de que sua interiorização não é autônoma e autossuficiente e sim carente de outras pessoas geradoras de valores, sentidos e símbolos. Hall (2011, p. 11) infere que “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, onde o indivíduo tem o eu real, um mundo em constante modificação com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem”. Para os autores que trabalham com a abordagem (auto)biográfica eles denominam essa interação entre o eu e o social como sendo polo da heteroformação, compreendendo-a como o sentido da conformação, à medida em que os homens se educam pela influência do mundo físico e social (Santos, *et al*, 2012, p.161).

Voltando a ideia de identidade, na concepção sociológica, ela pode ser descrita de acordo com a citação abaixo:

“Ela preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o público. O fato de que projetamos a nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (Hall, 2011, p. 12).

O que se vê é uma mudança da identidade do sujeito antes unificada e estável e agora fragmentada, composta não de uma, mas de várias identidades, por vezes contraditórias ou não resolvidas. Essas mudanças, por vezes, estruturais ou institucionais influenciaram no processo de identificação, tornando-o mais provisório, variável e problemático. Desse modo, surge o sujeito pós-moderno, “conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2011, p. 13).

Assim, no sujeito pós-moderno a identidade aparece com algo móvel, formado e transformado continuamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, não unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de cada sujeito, existem identidades contraditórias que conduzem para direções diferentes, de tal modo que as identificações são continuamente deslocadas. Essa concepção pós-moderna encerra o

pensamento de que a identidade seja algo plenamente unificado, completo, seguro e coerente e sim reforça o pensamento de uma “multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente” (Hall, 2011, p. 13). Esse pensamento de Hall sobre o sujeito assumir identidades diferentes é reforçado por Ciampa (1990, p.36) quando afirma que o ser humano é sempre “uma porta abrindo-se em mais saídas e que sua identidade humana gera vida e tudo o que impede a vida, impede que o homem tenha uma identidade”.

Bauman (2005, p. 35) apresenta que a identidade não é algo fixo, e faz uma comparação com a época líquido-moderna⁵, em que as pessoas vivem livremente, flutuantes, desimpedidas, e ao sentirem-se presas à identidades inflexíveis e sem alternativas é algo cada vez mais malvisto, pois o “anseio por identidade vem do desejo de viver experiências ainda não vividas e em flutuar sem apoio e sem espaço definido, gerando ansiedade”. Esse sentimento de ansiedade sobre o que esteja sempre a ser descoberto é apontado por Bauman quando diz que “identificar-se com [...] significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar” (Bauman, 2005, p. 35-37) e que a identidade é um conceito, altamente contestado e que poderá ser interpretado como algo flexível e completa dizendo que:

“ [...] Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega [...]. A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa a ser devorado” (Bauman, 2011, p.84).

Dentro da abordagem sociológica Dubar (2005) sustenta que “eu nunca posso ter certeza de que minha identidade para mim mesmo coincide com minha identidade para o outro”. Esse pensamento pode gerar reflexão, pois cada indivíduo pode ser identificado por outrem, mas pode recusar essa identificação e se definir de outra forma (2005, p. 137). A identidade docente, segundo Cardoso (2010) pode ser compreendida como algo dinâmico capaz de vivenciar momentos de rupturas, continuidades e reelaborações no contexto sócio-histórico, relacional individual e coletivo. É enfatizado, também, que a construção identitária não é algo linear e pré-estabelecido e se efetiva a partir das lutas sociais e embates da categoria estabelecendo um padrão diferenciado na forma de compreender a relação dos docentes com outros profissionais.

⁵Época líquido-moderna: Época em que estar em movimento não é mais uma escolha, agora se tornou um requisito. (Bauman, 2011).

O psiquiatra Ronald David Laing (1972) deixou em seus apontamentos que a busca pela identidade satisfatória pode gerar sentimento de frustração e fracasso e que a identidade é algo em que a pessoa se sente a mesma no lugar, no momento, seja no passado ou no futuro e reforça que:

“A identidade da pessoa não pode ser completamente abstraída de sua identidade-para-os-outros; de sua identidade-para-si-mesma; da identidade que os outros lhe atribuem; da identidade que ela atribui aos outros; da identidade ou identidades que julga que lhe atribuem, ou que pensa que eles pensam que ela pensa que eles pensam” (Laing, 1972).

O pensamento de que uma identidade não se realiza na relação com o próximo é fictício, é falso (Ciampa, 1990). O mesmo autor ainda enfoca dizendo que a identidade, que se transforma, vai se concretizando pelas novas relações sociais em que uma pessoa vai se unindo socialmente e a maturidade dessas relações sociais faz com que a nova identidade não seja uma ficção ou uma abstração imaginária e que só se é alguém através das relações sociais e que um indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. O mundo, criação humana, é o lugar do homem.

Nossa vida é essa expressão adquirida pela passagem permanente de mudança advindas dessas relações sociais onde cada indivíduo encarna essas relações sociais, configurando uma identidade pessoal, uma história de vida, um projeto de vida, a ser vivido no emaranhado das relações humanas e pensando assim, a identidade é um fenômeno psicossocial extremamente importante a qual não deve ser vista somente como uma questão acadêmica, científica, ela deve, também, ser encarada como algo social, político, sendo compreendida como uma metamorfose geradora de vida. Esse processo de transformação deve ficar bem próximo da vida do docente universitário, pois o professor necessita transformar-se constantemente, pois essa transformação gera uma modificação no seu ambiente de trabalho (Ciampa, 2000).

Perceber a maneira como cada professor se sente e transforma-se é refletir com Nóvoa (1995, p. 16), a ideia de que, a “identidade não é um dado adquirido, não é uma prioridade, não é um produto. É um lugar de lutas, conflitos, bem como um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão”. Ratificado por Huberman (1992) que a identidade não é algo estático, e sim, algo dinâmico e inacabado. É por vezes uma renúncia a outras identidades, mesmo que seja por tempo determinado. “O desenvolvimento humano pode ser “teleológico”, ou seja, o ator humano observa, estuda, planifica as sequências que percorre e, posteriormente pode vir a alterar as características da fase seguinte” (Huberman,

1992, p. 53). A vida profissional é então marcada por sequências de fatos, ordenados em fases, sendo assim, uma continuidade. A medida que os fatos da vida vão sendo registrados através das experiências vividas em sala de aula seja como aluno ou professor ou pela cultura escolar o indivíduo vai formando a sua identidade profissional, ele vai se constituindo professor.

Huberman (1992) apresentou em seus escritos o que Reigel pensava sobre o desenvolvimento humano, definiu como sendo uma dialética na qual o indivíduo se encontra em estado de tensão entre forças internas (psicológicas e maturacionais) e externas (sociais, culturais e físicas). Essa dialética gera no indivíduo representações e ações as quais os leva a indagar-se sobre si mesmo. É evidente que a pessoa que mais conhece sobre a sua trajetória de vida, profissional é aquela capaz de dizer sobre o vivido, seja pela forma como a mesma se descreve ou pela importância do papel que a mesma desempenha no mundo.

A identidade deve ser assumida e incorporada a vida de cada um e Ciampa (1990, p.164) diz assim: “se sou professor, é porque me tornei professor; como sou professor então dou aulas; como dou aulas, então continuo professor. Identificando-me assim, tenho a identidade de professor formada”. Ele completa seu pensamento afirmando que as pessoas devem agir de acordo com as predicções que lhes são atribuídas, os rituais sociais, reatualizam as identidades. O caráter temporal da identidade fica restrito a um momento originário, quando menos esperamos nos tornamos nossas predicções, interiorizamos nossa personagem e identificamo-nos com ela (Ciampa, 1990).

1.2. A identidade do docente universitário

A identidade não é algo imutável, nem externo que possa ser herdado ou adquirido. Ela é compreendida, historicamente, como um processo em construção na vida de uma pessoa. A identidade é fruto de relações complexas entre o eu e o outro, entre o social e o pessoal (Moita, 2000).

A opinião de Moita é ratificada por Dubar (2005, p.135) quando comenta que “a identidade para si e para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis - nunca sei quem sou a não ser no olhar do outro - e ligados de maneira problemática - a experiência do outro nunca é vivida diretamente pelo eu”. É salutar ler os escritos de Dubar, pois, o autor apropria-se de pensamentos pertinentes e aprofundados, a respeito da identidade quando diz que, nunca podemos ter certeza da nossa identidade, pois ela é abordada como algo a ser construído e por

vezes, reconstruída sempre que houver incertezas (Dubar, 2005).

Essa relação do eu com o outro personifica o conceito de identidade, a qual é construída a partir dos processos de formação. E formação pode ser conceituada, para além de uma atividade de aprendizagem situada em tempos e espaços limitados e precisos, como também uma ação vital da construção de si. A formação perpassa pela capacidade de compreendermos como cada pessoa se formou, através das pluralidades da vida. Formar-se é trocar experiências, interagir socialmente, aprender sempre com as relações, pois ninguém forma-se no vazio (Moita, 2000, p. 115).

As narrativas das histórias de vida de docentes universitários, apontam para uma singularidade de cada história, apontando o modo de agir, reagir e interagir de cada uma. “Um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido de um processo de formação” (Moita, 2000, p. 115).

Dentro da definição de identidade situa-se a questão da identidade profissional. Moita quando fala sobre os percursos de formação de professores, nos conduz a compreensão de Derouet quando o mesmo escreve sobre identidade profissional:

“É a construção que tem uma dimensão espaço-temporal, atravessa a vida profissional desde a fase da opção pela profissão até à reforma, passando pelo tempo concreto da formação inicial e pelos diferentes espaços institucionais onde a profissão se desenrola. É construída sobre saberes científicos e pedagógicos como sobre referências de ordem ética e deontológica” (Moita, 2000, p.116).

Dentro desse pensamento de identidade profissional, Pimenta (1996c) coloca que a profissão professor é algo que caminha ao lado das necessidades da realidade social. E o mundo atual vai exigindo deste profissional mudanças, qualificações, exigências essas que podem, direta ou indiretamente, mudarem a identidade docente. Uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão, da revisão das tradições e dos significados sociais da profissão. Moita (2000) também escreveu que o processo de construção de uma identidade profissional não fica a parte da função social, da cultura do grupo de pertença profissional e do contexto sociopolítico. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, como ator ou autor, confere à atividade docente no seu dia a dia, a partir de seus valores, do modo de agir no mundo, de sua história de vida, de suas angústias, anseios e dos saberes. Mediante o pensamento dos autores acima referenciados Menezes (2011, p. 58) acredita que “a identidade profissional é construída, e sem dúvida, com base, nos significados sociais”.

A identidade do docente universitário se constitui do fazer e do saber envolvido no cotidiano das relações entre ensino, pesquisa e extensão imbuídos dos elementos elencados por Pimenta (2010) quando afirma que para atuar como profissional, o professor precisa ser reflexivo, crítico, competente no âmbito de sua disciplina. Libâneo (2012) reforça e sugere ainda que faz-se necessário o professor ter domínio do conteúdo da matéria, apropriação metodológica, conhecimento da realidade sociocultural dos alunos e ser conhecedor das práticas socioculturais, institucionais em que os alunos encontram-se envolvidos para que o mesmo possa atuar até mesmo nos aspectos da motivação. Tudo concorre para o desejo de educar, pois a educação é um processo de humanização. Dela se solicita seres humanos capazes de criar e oferecer respostas aos desafios e diferentes contextos sociais e políticos.

O saber profissional tem uma dimensão temporal, ou seja, a história de vida do professor e a sua construção ao longo da carreira, os conhecimentos adquiridos através das experiências formadoras vividas na família, na escola ficam registradas na memória do professor, que poderá recordar de algo que lhe foi marcante no tempo da escola da vida. Ao evocar acontecimentos é possível lembrar de uma professora do quinto ano, de uma injustiça pessoal vivida na pré-escola ou das intermináveis equações de matemática. Tardif apresenta que “uma sequência de experiências de vida não pode ser invertida. Não há operação lógica que se volte ao ponto de partida com que tudo recomeça” (2002, p. 67). O professor ao ter uma consciência temporal favorece sua historicidade definindo a vida cotidiana, dando significado e direção à sua própria trajetória de vida.

“O professor que busca definir seu estilo e negociar, em meio as solicitações múltiplas e contraditórias, formas identitárias aceitáveis para si e para os outros utilizará referências espaço-temporais que considera válidas para alicerçar a legitimidade das certezas experienciais que reivindica” (Tardif, 2002, p. 67).

Reforçando o pensamento citado, anteriormente, Tardif (2000) relata que os saberes profissionais são temporais, ou seja, são adquiridos através do tempo. Pensando assim Tardif (2000) ratifica que parte dos saberes dos professores são considerados frutos do tempo que os professores estiveram mergulhados na sua vida escolar e que esse período, de aproximadamente dezesseis anos, será manifestado através da bagagem de conhecimentos, crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente. Essas experiências podem influenciar no modo como cada docente exerce a sua profissão.

Cada professor passa por momentos de formação, ao longo de sua carreira profissional e Huberman (1992) comenta sobre o ciclo de vida dos professores que pode ser compreendido

como sequências as quais não necessariamente podem ser vividas na mesma ordem ou que as profissões passem pelas mesmas fases. A primeira fase é entendida como a entrada na carreira, a qual abrange os três primeiros anos de ensino, perceptível ao profissional, por representar o contato inicial com a complexa função de ser professor: preocupação consigo e com os alunos, distanciamento entre o real e ideal da sala de aula, as questões pedagógicas, dificuldades com os alunos e com o material didático, etc.

Na segunda fase denominada por Huberman como estabilização pode ser vista como um momento de escolha subjetiva de uma identidade profissional que implica na renúncia, pelo menos por um período determinado, a outras identidades. Esse momento, também, evidencia-se como a pertença a um corpo profissional, refletindo como uma libertação, uma emancipação, apesar de ser uma fase inicial, onde a competência profissional é crescente. Em seguida, a terceira fase de diversificação que é, inicialmente, caracterizada como um momento de motivação, dinamismo, onde posteriormente, pode se tornar rotineira decorrente caso o professor não coletivize as suas atividades, enchendo-as de entusiasmo e inovação. O desencanto, às vezes, presente em muitos docentes vem a partir do fracasso em suas experiências dando margem ao aparecimento de questionamentos sobre a vida profissional e esse período surge por volta dos trinta e cinco e quarenta anos de idade, ou entre o décimo quinto e vigésimo quinto anos de ensino, onde o professor questionar-se sobre o que fez de sua vida, avaliando os objetivos alcançados e se metas foram atingidas.

Huberman (1992) descreve em sua obra que estudos empíricos evidenciam que os sentimentos apresentados decorrem de fatores sociais como as condições de trabalho, a monotonia em sala, acontecimentos políticos e familiares. Posteriormente, aparece a quarta fase marcada pela serenidade, segurança e distanciamento visto em professores entre quarenta e cinco e cinquenta e cinco anos dentro do ambiente momento de sala de aula, com os colegas e até mesmo com os superiores. Ao tempo que aparece a serenidade, é visível o distanciamento, com difícil diálogo afetivo entre alunos e professores, talvez pelas diferenças de idade, cultura etc.

No Brasil, cerca de duas décadas atrás, surgiram várias discussões sobre as atividades dos docentes universitários. O que se discutiu foi sobre o desenvolvimento de competências próprias que gerassem nessa atividade um profissionalismo e superação de pensamentos acerca do ensinar na universidade, não somente para complementação salarial ou para se preencher um tempo ocioso. Essas competências específicas foram identificadas por Masetto (2009) como importantes para a docência de 3º. Grau:

1) O professor deve ter domínio dos conhecimentos básicos numa área específica e experiência profissional de campo. Exige-se de quem pretende ensinar conhecimentos e práticas profissionais atualizadas adquiridas a partir da participação em congressos, cursos de aperfeiçoamento, especializações etc. Outro ponto são as atividades que o professor realiza por meio de seus estudos e reflexões críticas sobre temas específicos, dando-lhe novo significado e produção de textos que possam ser lidos e discutidos pelos alunos e seus pares;

2) O professor deve ter domínio na área pedagógica, esse ponto é o mais carente, seja porque a veem como algo supérfluo ou desnecessário para sua atividade de ensino, sendo assim o professor deve ter clareza sobre o que seja aprender relacionando com os princípios básicos da aprendizagem, como aprender de modo significativo de modo eficaz e com maior fixação, conhecer as teorias atuais sobre a aprendizagem no ensino superior as quais perpassam pela a formação de pessoas adultas visando o desenvolvimento cognitivo, afetivo-emocional, de habilidades e formação de atitudes o professor deve ser um conceptor e gestor de currículo, essa atribuição reflete na sensibilidade que o docente deve ter sobre a integralidade das suas disciplinas com as demais existentes no currículo dos seus educandos gerando um trabalho multidisciplinar e de comunicação com os colegas e com pessoas fora do ambiente universitário, é fundamental que ele perceba o currículo como instrumento formador de um profissional o qual abrange o desenvolvimento cognitivo, a elaboração, organização, produção, reconstrução de conhecimentos, à imaginação, à criatividade, à solução de problemas. Dentro do campo pedagógico deve existir uma relação, do professor-aluno, motivadora, incentivadora capaz de gerar grupos de trabalho com objetivos comuns e de desenvolver uma atitude de parceria e co-responsabilidade. O professor deverá ter domínio da tecnologia educacional.

3) O professor deve trabalhar sua dimensão política: ao entrar em sala, o professor não deixa de ser um cidadão, alguém que faz parte de um povo, de uma nação. Alguém que tem visão de homem, de mundo, de sociedade, de cultura e educação. É um cidadão, um político, um ser comprometido com seu tempo, sua civilização e sua comunidade.

Reforçando a ideia de Masetto (2009), Santos (2001) discute que o professor universitário para executar a sua função deve conhecer o conteúdo de sua especialidade, ter uma visão de educação, de mundo, de homem e ter conhecimentos pedagógicos. A formação dos professores é, também, discutida por Perrenoud (1999) que diz o professor ter sua

formação fortalecida pelo pensamento de uma prática reflexiva⁶ e participação crítica⁷, o autor reforça dizendo que os professores devem ser mediadores e intérpretes ativos das culturas, dos valores e do saber em transformação.

1.3. Universidade Lugar de Formação

A universidade é vista como um dos patrimônios mais decisivos e profundos da humanidade, a partir do momento em que desenvolve habilidade de manejar conhecimentos e de formar gerações, não só para o mercado, mas para saberem pensar (Demo, 2008). E nesses últimos vinte anos ela sofreu um desgaste na sua hegemonia decorrente das transformações na produção do conhecimento universitário convencional para o conhecimento transdisciplinar, contextualizado, interativo, produzido e dialogando com as novas tecnologias da comunicação e informação. Mesmo tendo sofrido essas modificações, de uma forma geral, a universidade se viu diante de uma pluralidade de dificuldades como crise financeira, rigidez institucional que a impediu de formar novos perfis de profissionais mais criativos (Santos, 2010).

Entendemos por universidade como uma instituição educativa com o compromisso de formar gente com permanente exercício da crítica, que se sustenta, de acordo com o modelo norte americano, como entidade de pesquisa, ensino e extensão (Pimenta, 2010). A universidade é, portanto, um espaço capaz de produzir problemas e o resultado desta problematização, aponta para uma sociedade assistida em suas demandas e desafios. Pensando assim, ensinar na universidade, constitui uma constante busca na construção do saber, da crítica, da ciência, e na construção da sociedade. Masetto (2009) enfatiza que as instituições superiores são parcialmente responsáveis pela formação dos seus membros como cidadãos (seres humanos e sociais) e profissionais competentes. O professor que não sabe aprender, não pode fazer seu aluno aprender. Compreendemos que a universidade tem valorizado muito mais a discussão sobre o processo didático-pedagógico de formação e desvalorizado as condições de vida, estudo e aprendizagem dos professores em formação (Fernandes & Fernandes, 2007).

⁶ Prática reflexiva é aquela que fala sobre a relação do professor com o saber, com as pessoas, o poder, as instituições, as tecnologias, o tempo de ensino, as cooperações, tanto quanto sobre o modo de superar as limitações ou de tomar seus gestos técnicos mais eficazes (Perrenoud, 1999, p. 13).

⁷ Participação crítica é aquela em que o professor deve apresentar quatro níveis de formação, o de aprender a cooperar e atuar em rede, de aprender a viver o espaço de ensino como uma comunidade, aprender a sentir-se membro de uma verdadeira profissão e responsável por ela e aprender a dialogar com a sociedade (Perrenoud, 1999, p. 13).

Essa dinâmica da universidade em refletir sobre as necessidades sociais, exige dos professores algumas atribuições na forma de ensinar. A pesquisadora Pimenta (2010) apresenta algumas dessas atribuições: ter domínio científico e profissional do campo específico; desenvolver autonomia nos alunos; considerar o processo de ensinar/aprender como atividade integrada à investigação; desenvolver a capacidade de reflexão; ativar a investigação dos conteúdos; desenvolver atividades de equipe; criar e recriar situações de aprendizagem; valorizar a avaliação como diagnóstico e não como controle; integrar as práticas ao universo cultural e de conhecimentos dos alunos. As atribuições acima citadas reforçam que o exercício docente, no ensino superior, exige competências específicas, que não se restringem apenas ao diploma de licenciatura, ou título de mestre ou doutor, exige do professor além do domínio de conhecimentos, compromisso profissional como em qualquer profissão. Demo (2008, p. 37) escreve em sua obra *Universidade, Aprendizagem e Avaliação: Horizontes Reconstitutivos* que “o que fazemos na universidade hoje não tem quase nada a ver com a sociedade intensiva de conhecimento, que pede soberbo saber pensar, capacidade constante de inovação e aprendizagem permanente”.

A universidade também tem o papel de formação e preparação para o mercado quando se propõe em “formar gente para posições de comando ou destaque na sociedade e na economia, ou então, um espaço capaz de formar gente com potencial de construir e reconstruir conhecimento” (Demo, 2008, p.50-51). Esse espaço de ensino deve preocupar-se em desenvolver uma aprendizagem de atitudes e valores, despertando nos educandos os valores como, “democracia, participação na sociedade, compromisso com a evolução, localização no espaço e tempo de sua civilização, ética pessoal, profissional, grupal e política” (Masetto, 2009, p. 16).

A docência requer formação profissional, exigindo do professor conhecimentos específicos vinculados à sua atividade docente e aquisição de habilidades, visando uma melhoria na qualidade de suas aulas. A cada momento, o docente necessita de aprofundamento científico-pedagógico que o capacite a enfrentar questões fundamentais geradoras de ideias de formação, reflexão e crítica. Esses conceitos apontam para uma formação em constante acabamento, pois ela está vinculada à história de vida dos professores os quais se veem em formação permanente, processo esse que tem início, mas nunca tem fim. (Veiga, 2008). Assim, Freire reforça falando, muito claramente, sobre o processo de formação existente entre docente e discente apontando que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (Freire, 2010, p.25). O professor ao

ensinar aprende e os alunos ao aprenderem, também, ensinam, pois a formação deve partir do “diálogo consigo e com o mundo, na busca da autenticidade nas experiências”(Souza, 2008).

O professor universitário necessita instigar a criticidade, curiosidade, a vontade de arriscar-se, pois quanto mais críticos os discentes forem formados, maior a capacidade de aprenderem, epistemologicamente, aquilo que foi ensinado.

Ser professor universitário exige um saber mais amplo e de constante formação. Um dos propósitos da universidade é formar profissionais comprometidos, críticos, questionadores e inquietos com questões sociais divergentes dos seus princípios. Mediante afirmativa Freire escreve: “ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (Freire, 2010, p. 31). A criatividade anda próxima da curiosidade diante daquilo que não foi executado por nós e de uma forma paciente ou impaciente tentamos mudá-lo. Ou seja, o professor apresenta algo anteriormente escrito, com o intuito de fomentar a curiosidade de saber de onde surgiu, o que pode ser mudado, como ser diferente. A formação permanente dos professores caminha pensando, criticamente, sobre a prática docente adotada hoje, ontem e o que pode ser melhora para futuro (Freire, 2010, p. 40).

A educação, desde o ensino fundamental e médio até a universidade, tem a responsabilidade de educar/formar cidadãos/profissionais comprometidos com a sociedade, e esse pensamento é reforçado pela Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), onde a educação passou a ser disciplinada norteando e uniformizando a educação no Brasil, conforme está exarado no art. 1º. e parágrafos:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

De acordo com esta lei a educação escolar compõe-se de: educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; e educação superior. No Título V, Capítulo IV, essa lei disciplina a Educação Superior, contemplando parte do objeto de estudo

dessa pesquisa, que é a formação de professores universitários. A finalidade da Educação Superior está exarada no art. 43, incisos I a VII:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Segundo a atual Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9.394/96, a universidade se caracteriza por autonomia didática, administrativa e financeira, por desenvolver ensino, pesquisa e extensão e, portanto, deve contar com número expressivo de professores qualificados e com a presença máxima de titulação de mestres e doutores. (Pimenta, 2010) Assim, seja qual for a instituição a qual o docente seja vinculado alguma função lhe será cobrada, porém a docência será a função singular em todas as instituições.

De acordo com art. 52 da LDB, as universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano que se caracterizam pelos incisos: I) produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional; II) um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado; e III) um terço do corpo docente em regime de tempo integral.

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

Art. 66. A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.

Parágrafo único. O notório saber, reconhecido por universidade com curso de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico.

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III - piso salarial profissional;

IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho.

§ 1º A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino (Renumerado pela Lei nº 11.301, de 2006).

Com todas essas exigências para tornar-se professor universitário fazemos um reflexão. Os professores estão conseguindo desempenhar sua função de docente caminhando para a sua formação profissional/pessoal contemplando as exigências básicas da universidade. O notório, é que em algumas instituições de ensino superior, a entrada do docente é analisada pela sua formação profissional, pelo domínio em uma área específica, e pouco olha-se para a competência de em ser um docente. Pimenta (2010) comenta que essa ideia faz parte de um senso comum disseminado, onde, se pensa que basta ter conhecimentos sobre conteúdo que esse profissional está apto para ser professor. Nesse contexto, ensinar passa a ser, tão somente, um repassar de conteúdos para um grupo de pessoas em uma sala de aula. Sem contestar, o professor, muito embora venha a ter em sua formação disciplinas de metodologia do ensino superior, eles não recebem ao entrarem na docência formação para atuarem em situações específicas, no ato de ensinar.

Concordando com esse pensamento Imbernón (2010) reforça dizendo que o conceito obsoleto de formação definido como uma atualização científica, didática e psicopedagógica deve ser substituído pelo pensamento de formação com caráter de descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção de uma teoria, partido de um pensamento que o professor deve ser um construtor de conhecimento pedagógico de forma individual e coletiva. Esse conceito pode ser reforçado por Veiga (2008, p.20) ao afirmar que a formação docente é uma “ação contínua e progressiva, que envolve diversas instâncias e que atribui valorização significativa para a prática pedagógica e para a experiência”.

O conhecimento pedagógico deve ser construído de forma coletiva e individual e na prática o que se vê é um caminhar dos professores bastante solitário, seguido de decisões individualizadas, desde a elaboração dos planos de aula, da escolha da metodologia e da avaliação. Esse modo de ensinar é reflexo do modelo jesuítico, o qual encontra-se na gênese das práticas e nos modos de ensinar presentes nas universidades. Os jesuítas foram os

primeiros a implantarem, no Brasil, instituições escolares. O seu modelo foi marcado com normas rígidas, onde a base estava na unidade e hierarquia da organização dos estudos, na graduação das classes e todo o conhecimento só podia avançar caso o conteúdo anterior estivesse bem compreendido. Nesse modelo, o professor tinha o papel de transmitir conteúdos já elaborados e compactados em um material de ensino comum a todas as escolas jesuíticas, o qual fazia parte do documento *Ratio Studiorum*⁸, o professor tinha apenas o dever de cumpri-lo (Saviani, 2008).

Atualmente, os professores universitários diferentemente do modelo jesuítico, ele não tem um manual a seguir. Pimenta (2010, p.148) cita que: “sua ação docente é muito calcada no senso comum do como ensinar”.

O professor universitário é agente causador de inquietação, mediador de novos pensamentos, questionamentos para seus discentes. Na atual conjuntura a universidade passa por mudanças na sua estrutura e na posição social e sofre o reflexo de uma formação profissional onde, desde os anos 50, pensa a universidade com uma função de operacionalizadora, isto é, define-se como sendo a transmissora de rápidos conhecimentos visando a inserção rápida de graduandos no mercado de trabalho a partir de um papel de treinamento e adestramento.

Tudo isso, gera no sujeito aprendente⁹ uma redução na esfera do saber em relação ao conhecimento e um desprezo do pensamento, tornando o conhecimento fracionado, quantificado e sem uma inter-relação com a realidade social e o pensamento do aluno. Essa reflexão de universidade operacional pode ser vista por Chauí evocando que a universidade operacional:

“[...] não forma nem cria pensamento, despoja a linguagem de sentido, densidade e mistério, destrói a curiosidade e admiração que levam à descoberta do mundo, anula toda a pretensão de transformação histórica com ação consciente dos seres humanos em condições materialmente determinadas” (Chauí, 1999, p. 222).

Esse pensamento de professor operacional, citado anteriormente, pode causar no professor universitário uma tendência a construir sua identidade profissional, a partir de suas produções científicas e das atividades produtivas que geram mérito acadêmico, esquecendo-se às vezes, de responsabilidade sobre a condução do saber de seus discentes (Zabalza, 2004,

⁸ A Companhia de Jesus deu início à elaboração de um plano geral de estudos a ser implementado em todos os colégios da Ordem em todo o mundo, o qual ficou conhecido por *Ratio Studiorum*. (Saviani, 2008, p.50)

⁹ Sujeito aprendente: Segundo Josso (2004, p38) o aprendente passa por processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural.

p.106). O autor ainda nos faz refletir sobre o que se encontra dentro da sua atuação docente suas dimensões e componentes, os quais definem o papel do professor na universidade, elencando as seguintes dimensões: profissional, pessoal e administrativa. Na primeira podemos refletir quais as nossas exigências e qual retorno esperamos do nosso trabalho, também nos questionamos sobre como nossa identidade é construída e pensamos sobre as necessidades de formação inicial e permanente. Na segunda dimensão considera-se o envolvimento e compromisso pessoal com a profissão docente, os ciclos de vida e situações pessoais quanto ao sexo, idade, condição social, problemas de saúde citando o estresse, desmotivação. Na terceira o professor relaciona-se com as condições contratuais, incentivos e com carga horária, horários, e quais quer outras obrigações vinculadas ao exercício profissional.

De acordo com as três dimensões destacadas anteriormente, o professor universitário pode exercer três funções o de ser professor, pesquisador ou administrador. “(...) ser docente ou ser um bom docente é diferente, por que requer diferentes conhecimentos e habilidades de ser um bom pesquisador ou um bom administrador” (Zabalza, 2004, p.108). Essas dimensões leva-nos ao questionamento se a docência universitária é uma profissão ou se é um trabalho que exercemos. Também podemos nos indagar sobre qual eixo a nossa identidade profissional é construída e quando é que cabe a nós dizermos o que somos, como nos autodenominamos, seja sociólogos, economistas, advogados, engenheiros, fisioterapeutas, médicos, ou somos professores da universidade. Frequentemente, nós, professores universitários nos identificamos como professores universitários, desde que tal afirmativa sinalize *status* social. Em contra partida esse reconhecimento torna-se secundário quando necessita de avaliar os elementos constitutivos e integrantes dessa identidade (Zabalza, 2004, p. 107). A dificuldade do estudo da identidade está simplesmente na obtenção de dados ou fatos importantes considerados válidos e fidedignos; ou seja, quanto mais informação/formação, quanto melhores forem os dados, melhor e mais conheceremos a identidade (Ciampa, 1990, p. 153).

É perceptível, que a identidade do docente universitário seja composta por aquilo que sentem, os livros que leem ou escrevem, sobre o que sabem, os colegas com que se relacionam, os congressos que frequentam, as conversas profissionais, costumam estar mais centrada em suas especificidades científicas do que em suas atividades docentes, o que observamos com isso é que em muitos de nós professores acabamos por determinar algumas das características da nossa identidade, justamente no conhecimento sobre a nossa especialidade e não no conhecimento sobre a nossa docência (Zabalza, 2004, p. 107).

A identidade profissional dos professores em todos os níveis do sistema educacional é ainda indefinida, pois a formação desses profissionais sempre esteve voltada para o domínio científico e/ou para o exercício das atividades vinculadas a sua especialidade podendo com isso chegarmos a considerar que a tarefa de buscar uma definição sobre a identidade docente ainda merece estudos por ser difícil construir uma identidade profissional que ainda não leve em consideração outros aspectos que não seja os vinculados à docência. Pimenta (2010, p. 142) assegura que em muitas instituições o professor ao dominar uma disciplina já possui competência para se tornar docente, não distanciando o pensamento popular em que basta o professor dominar o conteúdo para reunir em si condições suficientes para saber transmiti-lo bem, reforçando que ensinar é dizer um conteúdo a um grupo de alunos em sala de aula.

O exercício da docência deve ser encarada como uma atividade profissional, o autor Zabalza (2004, p.108) enfatiza que ao pensar assim, os professores devem, então, ter conhecimentos e habilidades exigidos a fim de poderem desempenhar adequadamente suas funções, opondo-se a ideia, bastante usual de que “ensinar se aprende ensinando”, essa afirmativa revela uma reflexão não profissional, ou seja, o docente não precisa preparar-se para ensinar, tal profissão exige apenas experiência e vocação. A docência superior exige muitos desafios e conhecimentos específicos. Esse pensamento é reforçado por Pimenta (2010, p.143) quando diz que o professor universitário, por vezes, caminha sozinho, realizando um trabalho individual e individualizado, sujeito a sofrer falhas e comprometendo a construção da sua identidade profissional. Isso se deve, reforça Pimenta (2010), ao desinteresse do sistema educacional em não preparar, ou melhor, profissionalizar seus docentes. A docência deixou de ser prioridade das instituições e dos próprios professores. O autor Masetto enfatiza esse pensamento dizendo que:

“O trabalho docente é sempre solitário, no sentido de que não temos com quem dividir nossas alegrias e angústias, uma vez que, nesses momentos, o aluno, nosso parceiro de sala de aula, não pode partilhar das nossas questões técnicas. Nós professores brasileiros, estamos ainda começando a criar, entre nós, o hábito salutar de discutir e refletir sobre nossa própria prática com nossos pares, trocando experiências, verbalizando dúvidas [...]” (Masetto, 2009, pp. 77-78).

Muitas mudanças já ocorreram no cenário universitário, Zabalza (2004, p.110) diz que: “ a tradicional missão do docente como transmissor de conhecimentos ficou relegada a segundo plano, dando espaço ao seu papel como facilitador da aprendizagem de seus alunos.” Essa é refletida, a partir dos diferentes meios os quais os alunos podem obter conhecimentos, antes adquiridos pelos professores, como: livros, documentos, internet. Apesar da facilidade

do acesso a informação, não se pode garantir uma decodificação e assimilação adequada dos conteúdos.

O professor universitário enfrenta vários dilemas durante a construção de sua identidade profissional. A primeira delas é a individualidade, onde todos trabalham de forma isolada, como uma célula fechada. O outro ponto é a pesquisa na docência onde é fundamental que os professores de universidade pesquisem, mas isso não é funcional para o projeto de formação, no qual participam como pesquisadores, deixando a docência a margem. Outro ponto é a especialidade/generalista visto que cada professor restringe suas atividades dentro do marco profissional e de especialização, resolvendo a sua maneira a formação que lhe foi atribuída. O importante é buscar o equilíbrio entre a qualificação dos docentes e a pesquisa, dualismo este que responde a um nível satisfatório de especialização capaz de gerar pesquisas significativas que aproximem os alunos das áreas afins da profissão (Zabalza, 2004, pp.120-122).

A pergunta é? O quê, de fato, se espera de um professor universitário? Cada vez mais, conquista espaço a formação que se distancia de conteúdos especializados: o que se quer é uma formação polivalente, flexível e centrada na capacidade de adaptação a situações diversas e na solução de problemas. “Cada vez mais busca-se um tipo de formação que permita um desenvolvimento global da pessoa, potencializando sua maturidade e sua capacidade de compromisso social e ética (Zabalza, 2004, p. 115).

Tardif (2002) apresenta que a universidade, quanto instituição de ensino e pesquisa, fomenta a partir das pesquisas, o papel de geradora de conhecimentos. A inspiração para essa formação se dá pela forte ligação com os modelos da cultura moderna. Os modelos sociais e de formação são considerados como dois fenômenos complementares no âmbito da cultura moderna e contemporânea.

A sociedade moderna exige uma constante renovação de conhecimentos deixando a formação e a educação para segundo plano. Os valores sociais, culturais, e epistemológicos dos saberes renovam-se constantemente e a formação reside a margem das tarefas essenciais e assumidas pela comunidade científica em exercício. “Os educadores e os pesquisadores tornam-se dois grupos cada vez mais distintos, destinados a tarefas especializadas de transmissão e de produção dos saberes sem nenhuma relação entre si” (Tardif, 2002, P.35). Nóvoa durante entrevista concedida à TV Escola, realizada em Setembro de 2001, relatou que a formação de professores, atualmente, é estabelecida como algo contínuo, que começa nas escolas e segue por toda a caminhada profissional. Essa formação exige que o professor torne-

se um ser capaz de pensar, refletir sobre a sua prática. O autor, também comentou que a experiência, por si só, pode ser uma mera repetição, uma mera rotina, não é ela que é formadora, pois formadora é a reflexão sobre essa experiência.

O professor universitário assume o seu papel de gerador de conhecimentos, ou apenas o de transmissor, pois segundo Tardif o professor universitário faz parte da comunidade científica capaz de produzir saberes, transformando, ou melhor dizendo, renovando o conhecimento antigo em novo, bem como a capacidade de transmiti-lo de forma adequada e produtiva. “O corpo docente tem uma função social estrategicamente tão importante quanto a da comunidade científica e dos grupos produtores de saberes” (Tardif, 2002, p. 36).

O professor universitário precisa compreender que a sua atuação fica limitada/restrita a ser um bom cientista ou um bom administrador, ele também deve ser um bom formador, ou seja, alguém capaz de estimular o desenvolvimento e a maturidade dos alunos, transformando-os em pessoas mais cultas e, por sua vez, mais desenvolvidas no âmbito pessoal e social (Zabalza, 2004, p. 115).

Algumas reflexões surgiram sobre a influência que os professores universitários exercem sobre os valores, atitudes, visão de mundo e de profissão de seus alunos dentre elas ressaltamos o pensamento sobre se os professores universitários são formadores apenas professores qualificados e se os mesmos são capazes de construir um referencial no qual seus alunos olhem e com o qual aprendam a viver, pensar, a examinar os temas profissionais e os problemas da atualidade, também a reflexão acerca do que os estudantes universitários esperam dos seus professores.

A formação pode ser conceituada, por além de uma atividade de aprendizagem situada em tempos e espaços limitados e precisos, como também uma ação vital de construção de si. A formação perpassa pela capacidade de compreendermos como cada pessoa se formou, através das pluralidades da vida. Formar-se é trocar experiências, interagir socialmente, aprender sempre com as relações, pois ninguém forma-se no vazio. Ao pesquisarmos as histórias de vida dessas professoras temos acesso a singularidade de cada história de vida, conhecendo o modo de agir, reagir e interagir de cada uma. “Um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido de um processo de formação” (Moita, 2000, p. 115). O processo de formação é considerado a dinâmica da construção da identidade de uma pessoa.

Segundo Tardif (2002, p.20) “antes mesmo de ensinarem, os futuros professores vivem nas salas de aula e nas escolas e portanto, em seu futuro local de trabalho durante

aproximadamente 16 anos (ou seja, em torno de 15.000 horas).” Por esse motivo é que ressignificar as marcas que foram deixadas por professores se faz necessária na construção do ser professor. Se não formos capazes de superar as lembranças negativas, certamente poderemos estar reproduzindo aquilo que vivemos enquanto alunos.

A história de vida dos professores não se limita apenas a vida escolar ou familiar, mas também, a sua carreira marcada pela construção do saber profissional. Os professores se tornam o que são de tanto fazer o que fazem, isso influencia na sua identidade e subjetividade profissional (Tardif, 2002, p. 20). A identidade docente recebe influência positiva ou negativa por conta do docente trabalhar seres humanos e com seres humanos.

1.4. Experiência formadora na perspectiva (auto)biográfica

Falar sobre experiência formadora na visão (auto)biográfica é refletir, principalmente, com alguns autores, tais como Josso (2004; 2010), Nóvoa (1997; 2000; 2001), Franco Ferraroti (1998), Delory-Momberger (2006), Gaston Pineau (2006). Autores que lançam reflexões acerca do tema em discussão e que são considerados como representantes de trabalhos desenvolvidos na área da formação de adultos. Esses autores ficaram conhecidos no ambiente acadêmico brasileiro a partir da obra *O método (auto) biográfico e a formação*, organizada por António Nóvoa e Mathias Finger, em 1988. Abordaremos Josso (2004; 2010) por ser a referência no conceito de experiência formadora, e por ter sido a autora escolhida para a condução metodológica da minha pesquisa. Em suas obras *Experiência de vida e formação* e *Caminhar para si*, a autora narra seus 30 (Trinta) anos de pesquisa voltados a vivência com a abordagem (auto) biográfica, a partir das narrativas de vida. Desse modo, as experiências ditas formadoras são aquelas consideradas significativas e que simbolizam atitudes, comportamentos, pensamentos e o saber-fazer. Sentimentos que caracterizam uma subjetividade e uma identidade. Para Josso uma experiência:

“[...] implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural, isto é, ela comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais. A experiência constitui um referencial que nos ajuda a avaliar uma situação, uma atividade, um acontecimento novo” (Josso, 2010, p.49).

Durante a trajetória de vida vivemos muitos fatos, infinitas situações, vivências, e experiências, mas para que qualquer fato seja considerado como experiência formadora é

necessário que provoque uma reflexão sobre o que foi vivido, observado, percebido e sentido. Estamos aqui falando do que Josso (2010, p.48) vai apontar como referência para conceituar experiência formadora que “implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. Articulação que se objetiva numa representação e numa competência”. Desse modo, a formação deve ser experiencial ou então não é formação, porém a sua indução na subjetividade humana e na identidade pode ocorrer de forma mais ou menos significativa.

A experiência formadora passa por um processo de construção composto por três modalidades de elaboração. A primeira que consiste em “ter experiências” a partir de acontecimentos ou situações vividas significativamente sem terem sido provocadas. A segunda modalidade em “fazer experiência” a partir de acontecimentos vividos e provocados por nós mesmos. A terceira modalidade em “pensar sobre as experiências vividas”, tanto as provocadas, quanto as não provocadas e ao colocar essas experiências em relação a outras experiências de vida as quais surgem outras significações que estabelecem novas relações e significados, servindo, assim de interpretação desses contextos socioculturais formalizados, como arte, ciência, permitindo-nos um alargamento do campo da consciência, da mudança, da criatividade, da automatização e responsabilização, gerando aprendizagem, conhecimento e formação (Josso, 2004, p. 51). Os aspectos acima tratados nos remete às dimensões envolvidas no processo tripolar¹⁰ da auto-hetero-ecoformação, que consiste na interação e transação comigo, com os outros, com o ambiente natural ou com as coisas.

Todas essas modalidades de elaboração de uma experiência provocam atitudes interiores indispensáveis, tais como, a abertura para si, para outros e para o meio e essa abertura traduz-se, numa disponibilidade para o que pode acontecer e ser explorado, numa procura para sabedoria de vida.

Para Josso (2010), uma experiência formadora aponta maneiras de ser e agir de uma pessoa ao perceber-se no mundo e a partir, de sua própria narrativa de vida, ela se aproxima do seu poder transformador reconhecendo em suas experiências a articulação com a dinâmica de sua vida, indicando que a construção de sua identidade permeia em uma área de conhecimento que une os sentidos da memória e das lembranças. O pensamento de Josso (2010, p. 25) sobre experiência formadora nos remete a um conhecimento que envolve uma multiplicidade de dimensões, dentro de uma visão do humano, na qual nos leva a refletir sobre

¹⁰ Movimento de tomada de consciência reflexiva e de tomada de poder da pessoa sobre a sua formação (Galvani, 1997).

os contextos envolvidos no percurso da formação e que fazem parte da aprendizagem que foi sendo constituída ao longo da vida, em virtude das oportunidades oferecidas, das vivências, dos conhecimentos adquiridos, e mais ainda: daquilo que tocou, “que sentiu, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (Larrosa, 2002, p. 24).

Os conhecimentos que fundamentam uma experiência formadora, Josso (2004, p. 39) aponta como determinados aspectos da pluralidade de registros de modelos culturais transmitidos aos descendentes como figuras de identificação decorrente da transmissão cultural que integra aspectos do saber, do fazer e do ser. Sena (2011, p. 63) reforça que a dinâmica da vida é capaz de gerar conhecimentos os quais mostram o ser, saber e o fazer de uma pessoa. E que modelos culturais vividos fazem parte de processo educativo surgidos a partir de imitação ou envolvimento em grupos espontâneos¹¹. Sobre esses aspectos Josso afirma dizendo que:

“[...] trata-se aqui de identificar os universos de conhecimentos”. Por esse universo podemos compreender as coisas, o ambiente natural e o ambiente humano para assim compreender a si mesmo, para dar uma ou várias significações aos eventos, atividades, relações nas quais ele está implicado ou empenhado” (Josso, 2010, p. 201).

Para as professoras universitárias pensar a vida, o mundo, as remetem à reflexões acerca do lugar onde elas se encontram inseridas, nas lutas, no engajamento indicando assim, pontos importantes e indicadores da maneira de pensar de cada uma e permitindo que tais reflexões sejam revestidas das experiências adquiridas ao longo de cada percurso formador. Josso (2010, p.201), ao perceber seu próprio percurso formador entendeu que “ no amplo domínio das aprendizagens instrumentais, o que ela tinha a sua disposição eram fragmentos”. As experiências são significativas e para serem formadoras, é necessário pensar sobre o que foi vivido e Josso (2004, p.48) enfatiza dizendo que “ [...] experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidade”.

O termo experiência¹² foi bem compreendido por Larrosa (2002, p.25) quando diz que experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” e por Josso (2004,

¹¹ Grupos espontâneos como a família, amigos em seu aspecto formal e normativo (Sena , 2011, p. 64).

¹² Para Larrosa (2002, p.25) , a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite.

p.47-56) dizendo que “experiência transforma nossas subjetividades e nossas identidades”. É salutar dissertar que nem toda informação pode ser considerada como uma experiência e Larrosa (2002, p.20-26) enfatiza dizendo que devemos “[...] separar a experiência da informação. A informação dá lugar à experiência” . A atualidade caminha no tempo da informação utilizando a internet, os telejornais para que a informação chegue até nós de forma rápida e da mesma maneira que chega vai embora, apresentando fontes fragmentadas da vida. Todos esses recursos tecnológicos atuais passam informações comparadas como *flash*¹³ e esse sentimento de contentamento é marco de uma vida fragmentada. Isso é próprio de um mundo secularizado, de sujeitos que conhece muito e bem informado, ou seja, “uma sociedade constituída sob o signo da informação na qual a experiência é impossível” (Larrosa, 2002, p.22).

Somos uma sociedade da aqui e agora, da satisfação passageira, vivemos do imediatismo, do tempo presente e assim somos comparados a turistas que chegam a um lugar desconhecido, passam pouco tempo, buscando apenas prazer, sem dar a devida atenção à situação social do local visitado e muito menos às pessoas, é raro aquele turista que traz de volta uma experiência formadora. A sensação é de que não temos tempo, o mundo atual nos fornece um volume significativo de informações que se passa demasiadamente depressa e a vida parece vazia, fragmentada e sem sentido. Não é difícil escutarmos tal colocação. Sena (2011, p.66) diz que vivemos num tempo de “exacerbação do prazer momentâneo tornando a nossa vida fugaz, onde vivemos coisas instantaneamente, substituindo satisfações, por outros estímulos ou por excitações igualmente fugazes e efêmeras”. O tempo atual é marcado por pequenas urgências como afirma Bauman (2004, p.8) em que o “retrato definitivo do homem moderno [...]– restringe-se a traçar um painel de esboços imperfeitos, [...]”. A modernidade atual é denominada por Bauman como “Modernidade Líquida” onde tudo é visto de maneira volátil, inclusive as relações humanas, onde até a consciência das ações se perdem, onde todas as instituições, todas as relações e o compromisso parece se “liquefazer”¹⁴ dando-nos a impressão de liberdade.

Josso (2004, p 50-51), sugere que para compreender a construção da experiência é preciso encarar três modalidades de elaboração: “ter experiências”, é viver situações e acontecimentos durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocado; “fazer experiências”, são as vivências de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos, isto é, somos nós mesmos que criamos, de propósito, as situações para fazer experiências; “pensar sobre a experiência”, tanto aquelas que tivemos sem procurá-las, quanto aquelas que nós mesmos criamos.

¹³ *Flash*: Palavra escrita em itálico por fazer parte da língua inglesa.

¹⁴ A modernidade foi capaz de desfazer tudo que era tradição, estável (Bauman, 2004).

Nesse contexto do imediatismo é salutar direcionar um olhar sobre a história de vida de uma pessoa, pois a arte de lembrar exige que cada um observe-se genealogicamente, marcando um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências (Souza, 2008). O autor reforça dizendo que:

“O tempo é memória; o tempo é o situar-se no passado e presente. Tempo, memória e esquecimento. Uma trilogia para pensar a arte de lembrar, para estruturar um olhar sobre si, para revelar-se. A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador” (Souza, 2008, p. 114).

Sendo assim, podemos pensar que ao narrarmos nossa história podemos nos depararmos com fatos ou experiências formadoras capazes de gerar em nós mudanças em nossas identidades. As narrativas geram consciente ou inconscientemente um resgate ou uma busca de si, às vezes, esse desejo causa sentimentos positivos que nos impulsiona a narrar, na íntegra, as experiências, e em algumas situações, os sentimentos aflorados de experiências negativas gerando uma dificuldade de falar sobre o assunto.

Capítulo 2: Percursos Metodológicos da Pesquisa

2. Abordagem Metodológica: Narrativas de vida construindo percursos de identidade de docentes

2.1. O Universo da pesquisa qualitativa

A escolha do percurso metodológico enquanto caminho para que o pesquisador atinja os objetivos propostos na pesquisa busca responder os questionamentos levantados quanto ao tema escolhido. Essa constatação foi percebida durante este estudo, no ato de fazê-lo. O fato não é fácil ou tão simples conseguimos definir a trilha metodológica esse foi um processo que levou tempo, dedicação e estudo. O caráter qualitativo dessa investigação aprofundou o mundo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, fenômenos humanos que caracteriza o ser humano e o distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2009). Pensando em aprofundar-me sobre o caminho qualitativo, também, consultei outros autores e que renderam reflexões pertinentes e consolidadas sobre a temática as quais estão sendo apresentadas.

Enfatizo o pensamento de Castro (2010), quando indica que a pesquisa qualitativa é ideal para responder questões mais particulares, a um nível da realidade que não pode ser quantificada, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quando os cientistas que se utilizam da pesquisa qualitativa deduzem que determinados assuntos do mundo não podem ser avaliados por parâmetros quantitativos, especialmente por não levarem em consideração os aspectos da subjetividade humana, isso implica dizer que o método qualitativo traz sua especificidade e resposta a um modelo de conhecimento científico próprio dos primórdios da ciência moderna. De acordo com Severino (2007, p.118) relacionar a condição específica de sujeito não são levados em consideração e por não garantir essa especificidade e objetividade próprio do método experimental-matemático positivista, frente a esses elementos da condição humana o mesmo é ineficaz”. Com base nos autores estudados uma pesquisa qualitativa é capaz de fazer os participantes se identificarem com os acontecimentos sociais e as condições institucionais ligadas a uma época particular que exerceu uma certa influência, mesmo que esses acontecimentos ou condições estejam ausentes ou sejam diferentes para outros grupos (Huberman, 1992, p.58).

Por ser uma abordagem que está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e à maneira como cada uma compreende o mundo a qual está inserida, é possível, assim, interpretar os fenômenos sociais, a partir do sentido atribuído pelos atores da pesquisa. Pope (2009, p. 13) enfatiza escrevendo que “em vez de simplesmente aceitar os conceitos e explicações utilizadas na vida diária, a pesquisa qualitativa faz perguntas fundamentais e investigadoras a respeito da natureza dos fenômenos sociais”.

Partindo de fenômenos aparentemente simples de fatos singulares, a pesquisa qualitativa expõe a complexidade da vida humana, evidenciou e analisou os significados da vida a existência do homem em sociedade. Compreende os indivíduos em suas ações e como os mesmos constroem suas vidas e suas relações (Chizzotti, 2010). O que é importante ressaltar em tudo isso interessante é que a pesquisa qualitativa oportuniza os sujeitos elaborarem conhecimentos que produzem práticas adequadas para intervir nos problemas identificados, ou seja, identificam o problema, analisam, discriminam as necessidades prioritárias e propõem ações mais eficazes. Chizzotti (2010, p. 83) afirma que essa relação é dinâmica entre o pesquisador e o pesquisado, é viva, participante, indispensável para se apreender vínculos entre as pessoas e objetos”.

Após descrição de autores sobre o caráter qualitativo da pesquisa, se faz necessário comentar sobre a abordagem (auto)biográfica, instrumento escolhido para compreender as experiências através das narrativas de histórias de vida. Nesse caso narrativas de docentes universitárias.

No campo das pesquisas em Educação vemos um crescente número de pesquisadores utilizando esta abordagem (auto)biográfica para refletir sobre a formação de professores. Marie-Christine Josso aparece como uma notável pesquisadora que investiga a formação e experiências de professores. Neste cenário essa abordagem é uma metodologia que permite “reconstituir a rede de acontecimentos interiores e exteriores que marcaram a existência de ser pensante e reflexivo” (Josso, 2004, p. 115).

As investigações em histórias de vida, de acordo com Josso (2004, p. 25), partem da “preocupação com que os autores da formação consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos”. O trabalho com as narrativas permitiu observar as opções, as inércias e as rupturas que o sujeito ao longo de sua história de vida e a faz, compreender a dialética passado/presente.

Conforme Josso (2004), as pesquisas que comungam da abordagem (auto)biográfica, almejam identificar trajetórias de identidade docente trabalhando com a lógica dos sujeitos como “pedras vivas” (p. 14), já que a história é tecida a partir das experiências, onde o sujeito introduz a textura e os sentidos da sua ação. E Goodson (1992) refoça o pensamentos de Josso dizendo que pesquisa qualitativa trata de ouvir o que o professor tem a dizer, respeitar e tratar rigorosamente os dados que o professor introduz nas narrativas.

Nesse sentido, apresenta Josso:

“Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar de si mesmo, a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural” (Josso, 2004, p. 48).

A abordagem (auto)biográfica tem sua gênese nas reflexões iniciadas em Genebra e em outros países da Europa. Autores como Pierre Dominicé, Marie-Christine Josso, António Nóvoa, Franco Ferraroti, Pineau e outros tem alavancado grandes reflexões envolvendo pesquisadores que lidam com a formação de adultos. Uma abordagem que vem se consolidando seminários universitários ou de sessões de formação contínua de profissionais da Educação. Os mesmos pesquisadores que vem construindo as bases epistemológicas da abordagem que perpassa tanto no campo da saúde e social (Josso, 2004, p.22).

As histórias de vida, há mais de vinte anos fazem parte das abordagens biográficas. Elas suscitam uma mudança no posicionamento do pesquisador, por meio do apuramento de metodologias de pesquisa-formação, articuladas à construção de uma história de vida, como também, essa abordagem abrange a formação, a autoformação (Josso, p.23, 2004).

O mais coerente desse método é sua originalidade da pesquisa-formação em histórias de vida, pois é possível sentir a constante preocupação com que os autores de narrativas atinjam uma produção de conhecimentos que faça sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos. (Josso, p.25, 2004)

Vale ressaltar que um estudo das histórias de vida pode alargar o conhecimento acerca da identidade docente, a partir das escutas e interpretações das narrativas da identidade de docentes universitárias no espaço e tempo de formação.

Conforme cita Josso:

“As experiências de transformação das nossas identidades e da nossa subjetividade são tão variadas que a maneira mais geral de descrevê-las consiste em falar de acontecimentos, de atividades, situações ou de encontros que servem de contexto para determinadas aprendizagens” (Josso, 2004, p. 44).

A abordagem (auto)biográfica, proposta por Marie-Christine Josso (2004; 2010), proporcionou a construção de conhecimentos novos relacionados aos processos de formação das professoras. Além disso, a utilização da abordagem das histórias de vida expõe o papel formativo, já que através dela o protagonista da narrativa toma consciência da sua própria história, das experiências e aprendizagens adquiridas enquanto se torna ator e investigador de sua própria história. Através das narrativas é possível perceber a universalidade do tema abordado através da ênfase e valorização da singularidade. É levado em consideração o intercâmbio entre a experiência adquirida e o processo de formação, já que ambos possuem seus fundamentos na prática (Josso, 2010).

Outros teóricos ao refletirem sobre essa abordagem relatam que as histórias de vida permitem que os protagonistas vivenciem suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto da sua trajetória de vida. Uma prática metodológica que nos permitiu investigar as formas pelas quais nossa subjetividade e identidade são formadas (Silva, 2009, p. 43). O autor também apresenta que abordagem (auto)biográfica não se limita a desvelar apenas os momentos e os aspectos formativos de nossa vida, mas, sobretudo de nossa vida educacional e profissional. A (auto)biografia tem um objetivo libertador, emancipador permitindo ao indivíduo fazer uma maior compreensão de si, um agir mais consciente, responsável e comprometido.

Mais especificamente esta pesquisa configurou-se na abordagem (auto)biográfica, segundo Olinda (2009, p.158), torna um gênero literário aberto a todas as pessoas que assim queiram recolher suas memórias em um texto, independente de ser um rei, um santo, um governante, um político, um pedagogo, ou um escritor ilustre”. Essa abordagem, atualmente, assume *status* de instrumento de investigação e formação podendo-se pensar toda a trajetória ou parte dela a partir de um tempo escolhido da formação acadêmica. Assim, compreendemos que esses períodos são tempos de experiência que através das narrativas e do trabalho co-interpretativo sobre os processos de formação podem ser tomados como ressignificação das próprias experiências e do seu potencial de transformação. Em (Josso,2004, p.40) percebemos que os relatos de experiências de cada indivíduo reproduzem histórias capazes transformar, uma ideia, como também uma situação, uma atividade, um encontro. Essas histórias de vida aparecem com enfoque sociocultural, elucidando diferentes formas de falar de si, de

identidades e subjetividades. Assim Josso (2004, p.41) enfatiza que a construção da narrativa de formação de cada indivíduo conduz a uma reflexão antropológica¹⁵, ontológica¹⁶, axiológica¹⁷.

O processo de formação dá-se a conhecer por meio dos desafios e apostas nascidas entre a condição individual e coletiva, das experiências, advindas das recordações constitutivas das narrativas de formação, por vezes, não contam os ensinamentos adquiridos durante a vida e sim o que foi aprendido, experencialmente, nos acontecimentos da vida. Josso (2004) também apresenta que os processos de formação acentuam o registro das experiências acumuladas e das transformações identitárias e Nóvoa (1992) reforça que idades aproximadas, mesmo com profissão diferente, mas vivendo acontecimentos sociais e históricos idênticos, se assemelham mais que as respostas de elementos da mesma idade e da mesma profissão.

2.2. A escolha da abordagem como condição para pensar a formação de professoras universitárias

As razões que sustentam a escolha da pesquisa (auto)biográfica fundamentam-se em questões simples, entre elas destacam-se: a possibilidade do pesquisador explorar o processo de autoformação na vida comum e diária, explorar a individualidade a partir das narrativas, identificando traços dos modos de constituição da identidade, a partir das experiências e saberes envolvidos nas práticas dos docentes atuantes no ensino superior. Cada narrativa serve de material para a compreensão dos processos formativos de conhecimento e de aprendizagem (Josso, 2004, p.38).

A escolha não se dá apenas por ser um procedimento metodológico atual, mas por responder as inquietações desse objeto de pesquisa e por ser capaz de a partir da vida do sujeito que reconstrói e dá significados as suas experiências como professoras universitárias. Pensar a vida mobiliza reflexões de processos interiores daquilo que vivemos durante a nossa trajetória. Pois as recordações quando são lembradas provocam diversas emoções que podem revigorar e fortalecer tudo o que foi vivido e que agora pode se transformar em experiência formadora. Vale salientar que segundo as ideias aqui defendidas compreendemos que as experiências só podem ser formadoras e Josso define:

¹⁵ Uma reflexão antropológica no sentido de evidenciar características do ser humano, independente do contexto cultural.

¹⁶ É uma retomada do questionamento socrático: “quem sou eu?”.

¹⁷ Corresponde a tornar evidentes os valores e eixos que estruturam e orientam nossa existência.

“[...] permite uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente natural. Para perceber como essa formação se processa, é necessário aprender, pela experiência direta, a observar essas experiências das quais podemos dizer, com mais ou menos rigor, em que elas foram formadoras” (Josso, 2004, p.39).

Essa abordagem permite compreender de um modo dinâmico e global as relações que foram acontecendo durante a vida de uma pessoa. Moita (2000) diz em suas anotações que a história de vida permite captar o modo como cada pessoa se transforma e identifica o que a mobiliza.

Uma abordagem que permite que aos professores universitários contarem suas histórias de vida e cabe ao pesquisador a função de filtrar as informações e vinculá-las à diferentes interpretações culturais, pessoais, religiosas, psicológica. Essa exigência de interpretação dos fatos constitui o método como um instrumento sério e rigoroso de compreensão sobre as vidas das pessoas envolvidas no estudo.

A realidade dos professores universitários, protagonistas desse estudo, sugeriu uma abordagem que levasse em consideração a escuta, compreensão, interpretação das narrativas das memórias, dos fatos envolvidos nas trajetórias que por vezes exigiu uma tomada de consciência que avivasse as emoções, experiências para que pudessem provocar ressignificações das trajetórias passando a promover uma reflexão sobre o passado e o futuro em favor de um novo olhar sobre a própria vida. As experiências, de que falam as recordações constitutivas das narrativas de formação, contam não só o que a vida nos ensina, mas também, aquilo que foi aprendido pelas experiências vividas (Josso, 2004). Essas recordações nos obrigam a fazermos um balanço das atividades realizadas, permitindo-nos uma tomada de consciência de nossas fragilidades e inconstâncias.

As experiências são significativas quando levam os sujeitos a si perguntar: O que em minha vida foi formador? Como isso ocorreu? Sem dúvida as experiências da nossa vida são inesgotáveis, porém, as experiências para serem formadoras elas precisam simbolizar atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidade. Falar, pois, das nossas experiências formadoras é contar para si a própria história, as qualidades pessoais e socioculturais.

O professor vai adquirindo seus conhecimentos a partir das suas próprias experiências, entendendo que o saber e o conhecimento, a interioridade e a exterioridade, o individual e o coletivo são expressões presentes nas experiências formadoras vinculadas a

uma linguagem e a um envolvimento de competências culturais herdadas. As narrativas direcionam uma reflexão sobre a construção, a partir de três modalidades de elaboração: a) Ter experiências – viver situações e acontecimentos durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocado; b) Fazer-experiências – criamos situações para fazer experiências; c) Pensar sobre as experiências – fusão dos fatos que tivemos sem procurá-los com os que nós mesmos criamos.

É notório que trabalhar com narrativas de vida remete o professor entrevistado a uma tomada de consciência sobre os fatos vividos, ao longo da vida, gerando sentimentos de confiança para a condução dos seus investimentos e objetivos.

Nenhuma prática de formação pode pretender reconstruir por si só o que seria o curso normal e o objetivo vivido. O objeto sobre o qual trabalham as linhas de formação pelas narrativas de vida não é, portanto, a vida, mas as construções narrativas que os participantes do grupo de formação elaboram, pela fala ou pela escrita, quando são convidados a contar suas vidas (Delory-Moberger, 2006).

A partir de 1980 o estudo sobre a formação docente, recebeu forte influência para compreender a pessoa do professor, isso favoreceu o surgimento de estudos sobre a vida dos professores, suas carreiras, seus percursos profissionais, o desenvolvimento pessoal dos professores, a partir das autobiografias (Nóvoa, 2000).

As narrativas de vida surgiram numa variedade de vontades de produzir uma forma diferente de conhecimento, a qual estivesse mais próxima da realidade educativa e do cotidiano do professor. Essa forma de pesquisar foi vista como uma mutação cultural capaz de fazer reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao indivíduo (Nóvoa, 2000, p. 18). Huberman (1992) afirma que é visto, como um estudo das percepções dos professores sobre o ciclo de vida profissional, um estudo de suas representações.

Segundo Nóvoa (2000), a autora Ada Abraham iniciou, internacionalmente, estudos sobre a vida dos professores e suas carreiras, os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes. A partir de então, os professores foram recolados nos debates educativos, sendo foco de investigação gerador de inquietações e questionamentos tais: como é que cada um se tornou no professor que é hoje? De que forma as práticas pedagógicas sofrem influências pessoais por consequência dos percursos de vida profissional dos professores. Nóvoa evoca três AAA que sustentam o processo de identidade de professores: o primeiro A (Adesão: aderir a projetos, princípios e valores); o segundo A (Ação: práticas

pedagógicas marcadas pelas experiências do professor; o terceiro A (Autoconsciência: reflexão sobre a sua própria ação).

Compreender como cada pessoa se forma é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida, esses fatos transcorridos na vida de pessoas podem ser relatados e até compreendidos pela (auto)biografia escrita de sua própria vida, diferentemente, da biografia – escrita da vida de outra pessoa, ela constitui um modelo no qual o ator e o autor se superpõem sem um terceiro mediador (Pienau, 2006).

Josso (2004) aponta dizendo que as narrativas de formação servem de material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem. Formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, aprender é então o próprio processo de integração.

A formação experiencial faz referência a dois subconjuntos: a presença ativa do ser psicossomático e suas qualidades socioculturais numa plasticidade dinâmica.

Falar sobre as narrativas nos remete a história do Severino e da Severina contada por Antônio Ciampa, onde dentre muitas histórias, ele nos leva a refletirmos sobre as diversas transformações que passamos e pelas quais construímos nossa identidade, isso é então reafirmado quando lemos que: “As metamorfoses falam através das narrativas e de escuta atenta” (Ciampa, 1990,p.147). As metamorfoses são perceptíveis nas transformações, pois o ser humano é matéria, sendo matéria ele se modifica através da prática, assim as histórias de vida devem evidenciar a identidade dos entrevistados. Huberman (1992, p. 58) reforça o pensamento de Barlett de sua obra datada de 1932 que “ a recordação do passado é mais uma reprodução do que uma criação”.

Os sujeitos abordados na pesquisa formação são adultos, essa dimensão da educação de adultos, permite o surgimento de um objeto teórico chamado de formação ou autoformação. Sendo assim, esse objeto de observação, visto pelo adulto-aprendente como um conceito gerador o qual agrupa conceitos como: processos, temporalidade, experiências, conhecimentos e saber fazer, temática, tensão dialética, consciência, subjetividade e identidade. A experiência formadora é uma forma de aprendizagem que articula o saber fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores dentro de uma temporalidade que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio de uma pluralidade de acontecimentos.

No entanto, percebemos que uma vida e uma autobiografia não são a mesma coisa. A vida vivida adquire sentido a partir do momento em que é narrada (Montané; Sanches, 2010, p. 63).

2.3. Universo dos sujeitos da pesquisa

Toda pesquisa seja ela, qualitativa ou quantitativa, exige sempre um traçado metodológico para que possa caracterizar o universo do estudo, ou seja, o local onde as informações são coletadas, sendo esse universo delimitado pela amostra que quantifica os sujeitos estudados e, mais ainda, sujeitos selecionados por critérios de inclusão validados. Escolher todos esses dados, não é tarefa fácil para um pesquisador pois cada procedimento exige concentração no objeto de estudo, nos objetivos e na qualidade das informações a serem coletadas, pois, a pesquisa serve, exatamente, para validar cientificamente dados antes armazenados na esfera empírica. O que foi pensado para esse universo a ser estudado, seria um estudo com todas as universidades públicas e privadas, existentes em Sobral- Ceará-Brasil (Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Instituto Federal do Ceará (IFC), Faculdades INTA e Faculdade Luciano Feijão). A escolha foi de grande importância, pois os professores selecionados representavam uma amostra que deveria produzir dados e explicações, a partir de suas narrativas de vida. Pensei. Falar sobre fatos da vida é algo subjetivo, desvelando o que está oculto. Essa experiência fez com que buscasse sujeitos mais próximos da minha realidade, e sendo a UVA, o meu local de trabalho, decidi entrevistar professores universitários dessa (Instituição de Ensino Superior) - IES . Segue uma caracterização do universo estudado: A Universidade Estadual Vale do Acaraú , situada na Cidade de Sobral, no estado de Ceará. Essa Instituição foi criada em 1968 por iniciativa do Cônego Francisco Sadoc de Araújo e, através da Lei Municipal Nº 214 de 23/10/1968, sancionada pelo Prefeito de Sobral, Jerônimo de Medeiros Prado. Tem como missão ofertar ensino superior de excelência, de forma inclusiva, flexível e contextualizada, e buscar, por meio da pesquisa e extensão, soluções que promovam a qualidade de vida e aspira que , em 2020, seja reconhecida por sua competência na formação de professores para a educação básica, pela oferta de ensino superior de qualidade e flexível, e pelos conhecimentos acumulados sobre os ecossistemas do semiárido cearense. Atualmente é composta por seis (06) centros: Ciências Agrárias e Biológicas, composto pelos cursos de Graduação em Biologia , nas modalidades de Bacharelado e Licenciatura, com um total de dezesseis (16) docentes e

graduação em Zootecnia, com vinte (20) e mais um curso de Mestrado em Zootecnia; Ciências da Saúde, composto pelos cursos de Graduação em Enfermagem, com trinta e dois (32) docentes e Educação Física, nas modalidades de Bacharelado e Licenciatura, com 17 docentes; Ciências Exatas e Tecnológicas, composto pelos cursos de ciências da computação, com doze (12) docentes. Matemática, com treze (13) docentes. Engenharia Civil, com dezessete (17) docentes. Física, com oito (08). Química, com (13) e Tecnologia da Construção Civil, com vinte (20); Ciências Humanas, composto pelos cursos de Geografia, com dezenove (19) docentes, História, com doze (12) e Ciências Sociais, com dez (10); Ciências Sociais e Aplicadas, composto pelos cursos de Administração, com vinte e um (21) docentes, Ciências Contábeis, com dezoito (18) e Direito, com quinze (15). Centro de Filosofia, Letras e Pedagogia, com dez (10) docentes de Filosofia, (15) de Letras e Trinta (30) de Pedagogia. De acordo com os números de 2011, a titulação dos docentes permeiam nas modalidades de Especialistas (111), Mestres (130), Doutores (66) e Pós-Doutor(13), perfazendo um total de 320 docentes. Todas essas informações foram retiradas da página eletrônica da Universidade (UVANET, 2012).

Num tempo de um (1) mês saí percorrendo os corredores da Universidade, conversando com alguns coordenadores de cursos, consultando os nomes dos professores, a formação, o tempo de magistério. Fiz algumas visitas aos centros e conversei informalmente com possíveis colaboradores e por fim, selecionei quatro (4) docentes. A escolha restrita justifica-se por ser uma pesquisa que se utiliza de um método que exige do pesquisador envolvimento, escuta, interpretação dos dados, retorno ao entrevistado para reconstrução das narrativas. Tudo isso, requer tempo e muita dedicação para garantir fidedignidade aos dados coletados nas narrativas.

A escolha de quatro mulheres e professoras universitárias foi de caráter aleatório e indutivo, talvez porque a essência do método envolva subjetividade, senti-me mais acolhida em conversar com as professoras pela própria característica de serem mais detalhistas, emotivas e atenciosas na fase de busca dos sujeitos. Também elas foram selecionadas por apresentarem formações diferenciadas tanto na graduação quanto nos níveis de pós-graduação e o tempo de magistério foi outro critério observado, percorrendo o tempo de dez (10) até no máximo dezessete (17) de carreira. Outro ponto explorado nessa fase da pesquisa foi o critério de ser graduada em cursos de Licenciatura ou Bacharelado, dentre eles foram escolhidos Educação Física (Licenciatura Plena), Direito (Bacharel), Pedagogia (Licenciatura) e História (Licenciatura Plena). O nível de formação dessas professoras quanto a pós-graduação foi

observado e coletado com os níveis de uma especialista, uma mestre e duas doutoras. Minayo (2009, 47) diz que a escolha dos sujeitos é um dado.

A escolha da professora, mestre, do Curso de Educação Física se deu pela aproximação da pesquisadora com a protagonista, visto a mesma ser uma pessoa sensível, com perfil de escutar e falar sobre o que sente, saber cantar, dançar e ter vivido muitos anos um carisma de servir como missionária, experiência essa que trabalha valores humanos e aproxima a pessoa do diálogo e da capacidade de falar de si. Já a professora, especialista, do curso de Direito colaborou por ter um perfil no meio acadêmico de uma docente exigente, competente, disciplinada e comprometida com a universidade. A professora doutora pedagoga foi a escolha mais singular, marcada pelos traços de sua simplicidade e comprometimento com a profissão docente. A historiadora, também doutora foi escolhida por fazer parte de um grupo de formação que trabalha com a subjetividade dentro do aspecto histórico, cultural e por trazer em suas raízes, uma formação bastante eclética, demarcada pela passagem por diferentes espaços culturais e acadêmicos, qualificando-se desde do Norte até o Sul do País. Essas foram as características marcantes e que instigaram o meu desejo de conhecer as histórias de vida dessas quatro professoras.

2.4. Etapas e procedimentos da abordagem (auto)biográfica

Abordagem (auto)biográfica em que o pesquisador chega a se envolver com o sujeito, garantindo um aprofundamento na investigação (Josso, 2004, p. 113). Essa abordagem traçada por Josso (2004; 2010) que propõe ao pesquisador quatro etapa, que se sucedem em dinâmicos momentos da pesquisa e que dará sentido a toda experiência a ser elaborada para que, quem nela estiver participando possa fazer uma reflexão teórica sobre sua formação e suas experiências formadoras.

Para essa pesquisa a trajetória metodológica sugerida por Josso (2004, p. 115-144) é tomada na sua íntegra obedecendo cada fase por ela sugerida e assim definida: Fase de introdução à construção da narrativa da história da formação; fase da elaboração da narrativa; fase de compreensão e de interpretação das narrativas escritas; fase de balanço de formadores e participantes.

- **Fase de introdução à construção da história da formação**

A pesquisa é um trabalho artesanal, laborioso e exige criatividade. A mesma fundamenta-se em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas conferindo ao pesquisador uma particularidade e um ritmo próprio.

O registro de toda a trajetória de investigação encontra-se registrado em um diário de pesquisa, conforme sugerido por Josso (2004, p. 113). A primeira fase consistiu-se da elaboração de uma pergunta verbal que foi apresentada as professoras selecionadas como um fio condutor para toda a reflexão narrativa. Perguntei as professoras: como se deu a formação da identidade da professora universitária e o que nessa trajetória pode ser tomada como experiência formadora?

Essa fase foi conduzida com tranquilidade e ao mesmo tempo com ansiedade diante da riqueza da proposta em ouvir as experiências de vida que eram contadas. Foram encontros individualizados e em local adequado, com horários e dias escolhidos pelas professoras. Anteriormente a escuta das histórias, procurei cada participante, apresentei meu projeto de pesquisa e convidei-as a participarem, todas aceitaram, prontamente, justificando estarem contribuindo para o crescimento das pesquisas na área da educação e na universidade. Todas as entrevistas foram gravadas em equipamento moderno, Ipod, da marca Apple, ano 2010. A primeira entrevista foi com **Elis Regina**¹⁸, no dia 20 de Fevereiro de 2012, às 11h00 da manhã, na cidade de Sobral, na residência da professora. A segunda entrevista foi com **Alcione**, dia 26 de Junho de 2012, na Universidade Estadual Vale do Acaraú, às 16h00. A terceira foi com a **Caetana**, dia 02 de Julho, às 11h00, na Universidade Estadual Vale do Acaraú. A última foi com **Iracema**, dia 06 de Julho, às 09h00, no INTA (Instituto de Teologia Aplicada). Todas as entrevistas tiveram um tempo de gravação entre uma hora e uma hora e meia. Após a escuta e gravação, todas as narrativas foram transcritas e enviadas as professoras com o intuito de que cada uma pudesse reconstruir a rede acontecimentos que marcaram a existência de um ser pensante e reflexivo articulando todos os processos de formação e conhecimento. Penso e reescrevo Josso (2004, p. 116) quando aponta para o processo de formação como aprofundamento das situações, dos contextos e acontecimentos da vida, onde cada experiência gera momento significativo de formação e aprendizagens.

- **Fase de elaboração da narrativa**

¹⁸ Os nomes dados às professoras participantes da pesquisa foram escolhidos de acordo com a minha percepção de cada uma das professoras. Nomes que, pelo perfil, se enquadra na maneira de ser de cada uma. Esses nomes representam o que tem de melhor na literatura, e música popular brasileira. Os mesmos aparecerão no texto em Negrito.

A condução desse momento se deu a partir do instante em que transcrevi as histórias. O próximo passo foi marcar um encontro coletivo, com as quatro professoras. O mesmo ocorreu no Centro de Ciências da Saúde (CCS), da UVA. Para esse momento pensamos uma exposição oral, onde cada professora apontava temáticas significativas nas suas narrativas, e nas narrativas das outras professoras, definindo tópicos e categorias mais relevantes dos percursos formativos e constitutivos de suas identidades. É válido salientar que Josso (2010) percebeu em seus relatos de experiência que os participantes tendem a abandonar seus textos e ideias iniciais para darem espaço às improvisações e associações das histórias contadas e as vivenciadas durante a trajetórias de vida e formação docente. Josso (2010, p. 147) denomina este momento como processo de subjetivação resumido em três momentos; a escrita da narrativa, a passagem da narrativa oral para a narrativa escrita e a eleição dos elementos para a nova escrita. O texto escrito torna a subjetividade, antes apresentada na fala como algo objetivo. Algo que exige determinação, pois as narrativas de vida exigem todo um processo de reflexão sobre o que será dito, escrito e interpretado pelas professoras universitárias e a pesquisadora.

- **Fase de compreensão e de interpretação das narrativas escritas**

Fase compreendida por três momentos, o primeiro consistiu de uma releitura das narrativas transcritas, seguido das reflexões/impressões sentidas após essa releitura sendo narradas oralmente, e por fim a condução de uma pergunta verbal elaborada a partir do objetivo da pesquisa. Durante esse encontro as narrativas foram interpretadas e várias perguntas foram realizadas pelas professoras a medida em que cada uma revelava suas histórias. A riqueza da experiência de ouvir e refletir sobre cada história com as colocações apresentadas e que reforça o que Josso (2004, p.119) sublinhou em seus estudos que “os dizeres de cada um eram, antes de tudo, indicadores do seu sistema de valores, das suas representações socioculturais, das suas referências de compreensão.” Além de enfatizar o que eu quanto pesquisadora estava atenta, isto é, aos efeitos provocados pelas palavras das professoras como fonte de observação de si e de reflexões.

Durante o encontro cada professora apresentou suas narrativas em uma leitura pausada expressando para o grupo uma reflexão sobre a sua trajetória de formação. Em cada

narrativa foi possível isolar as diferentes experiências nas histórias contadas, mas também, semelhanças como a maneira de agir diante de situações ocorridas nas práticas profissionais. Para Josso (2004, p.119) isso significa entrar na lógica do outro e apropriar-se de uma narrativa que vai exigir de si mesmo, uma grande concentração, pois o trabalho interior prossegue, exigindo atenção ao que se passa no exterior e interior de cada um. Para o grupo de professoras foi considerado como difícil por exigir empenho em olhar a si mesmo não mais como antes, visto que não era saudável mudar de narrativa sem uma pausa para reelaborar a si mesmo, a própria narrativa para assim reescrever a própria trajetória.

- **Fase de balanço dos formadores dos participantes**

Essa caracterização do grupo estudado é quanto aos aspectos de sexo, titulação, idade e tempo de magistério superior. Todos esses dados foram coletados a partir de um questionário entre as docentes no momento da entrevista. O questionário abordou os aspectos de perfil biográfico e formação acadêmica. Essas informações ao longo da transcrição das narrativas foram sendo apresentadas e serviram como fonte de consulta para a compreensão das falas. Quanto a escolha do sexo feminino foi de caráter aleatório, como já foi explicado anteriormente no universo dos sujeitos.

Consideramos esse momento da pesquisa como um balanço pessoal do trabalho realizado. Dando conta do percurso do próprio trajeto metodológico e da reflexão que convergiu para a análise das experiências formadoras e que influenciaram na construção e na formação de identidades profissionais. Todas as aprendizagens do passado, presente tiveram momentos do futuro. Para Josso (2004, p. 123) essa etapa direciona para aprender a (saber fazer), contemplando as qualidades de cada professora, seu psicossomático e formação, onde forma direcionadas as reflexões a cerca da capacidade de escuta, memorização e rememoração da história de vida, capacidade de adaptação individual e coletiva, capacidade de estar no presente, capacidade de improvisação, o humor, o respeito pelo outro, a troca de informações.

Como em qualquer estudo qualitativo baseado em métodos narrativos e de pequena escala, a validade não depende da significância estatística dos casos, mas sim da sua especificidade e da importância desta em relação a outras experiências semelhantes. Em sua pesquisa sobre formação de professores, Oliveira (2006), nos apresenta que esse tipo de estudo nos coloca num desafio qualitativo quando dentro das leituras, escutas, visualização

dos movimentos, do dizível e indizível, do que se mostra e do que se esquece, dos significados individuais e coletivos, o pesquisador avalia e valida as experiências formativas dos professores.

A narrativa de si nos faz adentrar em territórios existenciais, em representações, em significados construídos sobre várias dimensões da vida, sobre os trajetos, sobre os processos formativos, docência, aprendizagens construídas a partir das experiências (Oliveira, 2006, p. 51).

Os processos formativos acontecem em lugares/tempos diferenciados. A partir do momento em que as professoras narram suas histórias de vida, elas revisitam experiências já construídas, da infância, da época de escolarização. Momentos esses formativos que nos levam a reflexão sobre o que somos hoje, como pessoas e professoras (Amaral, 2006, p. 52).

“A história de vida, como experiência de “fazer falar”, produz uma narrativa, sem uma perspectiva de linearidade histórica, de montagem de um quebra-cabeças onde tempo histórico, tempo social e cultural são invocados e, vem impregnados na singularidade da vida que se conta” (Oliveira, 2006, p. 52). A história de vida permite captar de que “modo os indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela” (Laville, 1999).

Cunha (2011) afirma que existe uma clivagem entre viver e narrar, entre o passado e a história. É através da narrativa que o tempo e os acontecimentos são ordenados, que a escrita da história se torna inteligível. A narrativa permite que acontecimentos reais, independentes dos que os antecedem e dos que os sucedem, sejam representados com sentido e estética próprios. Na narrativa, o passado estabelece uma relação com o presente e com o futuro. Deste modo, o estudo da memória deve admitir que o sujeito busque sentido em experiências passadas, mas com a visão acerca do que ocorreu no momento em que é elaborada a narração, isto é, atrelada a ideias, opções e imagens do presente. De forma que identificar a percepção do depoente sobre a sua profissão é entrar em contato com dimensões passadas, presentes e futuras para constituir a imagem que este inventa de si.

Após concluir as etapas de coletas, exigidas pela abordagem, esse momento da pesquisa foi marcado pela interpretação e análise da pesquisadora utilizando as informações coletadas e o referencial teórico consultado, na tentativa de compreender pelas as narrativas de vida, a construção do percurso de formação e a constituição da identidade de professor. O conhecimento de parte da história de vida de professoras universitárias permitiu compreender a subjetividade de cada momento da formação que marcou e que agora é tomado como

experiência formadora, fatos de diversas épocas da vida que mobilizou o desejo de resgatar , a minha própria história de vida. Pois, é impossível ouvir histórias de vida de pares e não ser gerado uma proximidade nos fatos. E essa interseção nas histórias foi de fato marcante, momento charneira¹⁹ de compreender, interpretar o sentimento, muitas vezes oculto, e outras vezes explícito, relatados em todas as narrativas de vida.

A ideia de identidade, no aspecto sociológico, explicado por Hall (2011, p.12) quando diz que a identidade se dá dentro do espaço interior e exterior, entre o mundo pessoal e público, foi sentida nas falas das docentes e agora explicitados:²⁰

Toda essa bagagem influencia na minha prática docente. Percebo uma relação direta. Todas as experiências, todas as dificuldades vividas, a minha docência ganhou com isso. Com a maturidade. Não sei se poderia chamar de bagagem cultural, aquela que adquirimos com o tempo, ela contribui, diretamente, com a minha docência, o meu jeito de ser professora, minha forma de ensinar. Eu identifico que elas desenvolvem juntas.

Tive alguns modelos na universidade que não gostei. Sou professora de Família e sucessões totalmente autodidata, pois a minha professora foi uma negação, tinha um comportamento meio louco, acredito que ela tivesse algum déficit, enfim. Tinha algumas experiências que dizia que jamais os seguiria e depois me vi repetindo e sem querer”.

Houve um tempo em que eu viajava muito para Fortaleza, no tempo do mestrado, terminava a aula, ia para a rodoviária e naquela época tinham moradores da rodoviária e o ônibus estava meio que atrasado, fiquei uns vinte a trinta minutos esperando, fiquei lendo e um desses moradores sentou do meu lado e disse: a senhora não é daqui? Quando falei ele percebeu pela voz. Ele perguntou se eu era professora, e disse que era e perguntei porque e ele respondeu que era forma como me sentava, com um livro de lado. Isso tem uns dez anos. Ele captou a essência, a gente adquire o jeito, os trejeitos até mesmo em família, eles dizem agora você não está como professora , você é a Iracema de casa , tirar esse laço de estar tentando buscar e orientar o que é melhor para os outros acaba virando pele. Foi muito lindo!! Uma pessoa ignorante no sentido da escolaridade, ele ter feito uma leitura de comportamento ter me identificado como professora. Eu fiquei muito feliz!! Porque não vejo a profissão como eu achei que fosse na adolescência, era uma profissão menor, na questão financeira. Hoje não consigo, nem acho que o professor ganhe pouco no sentido de comparar com outras profissões.

Para mim ainda permanece esses equívocos, por que acho que o processo formativo das trajetórias que você vai passando a própria relação familiar as experiências de vida cotidiana, tudo isso é um conjunto de elementos que eles vão te dando possibilidades de fazer leituras do mundo, da vida que vão desembocar em algumas decisões da vida.

¹⁹ Momento Charneira é descrito por Josso (2010, p.150), como momentos cruciais que representam uma passagem entre duas etapas da vida.

²⁰ As falas das professoras aparecem no texto em Times New Roman 11, com recuo de 1 cm da margem esquerda e em italic, com espaço duplo entre as falas e o parágrafo do texto, e entre linhas espaço simples .

A identidade humana pode sofrer alterações a partir das experiências formadoras e esse pensamento é reforçado por Ciampa (1990, p.36) quando afirma que o ser humano é sempre “uma porta abrindo-se em mais saídas”. O exercício de compreender a fala e sentir o que cada docente relatou foi o maior desafio desse estudo, sendo o fato do ser humano sofrer modificações de acordo com o meio e as experiências vividas. As falas abaixo relatam o sentimento que cada docente relatou ao viverem uma experiência e perceberem que esses acontecimentos foram formadores e direcionaram as suas vidas para uma nova fase a identidade de ser docente universitária. Para algumas o sentimento foi de surpresa, outra prazer em mudar de espaço de trabalho, percebeu-se também :

[...]que eu dava aula de dança com 11 anos de idade. Se dissessem você quer ser professora eu dizia que não. Mas, na verdade eu era professora. Eu nunca sonhei em ser , mas era assim que acontecia. Então, de repente me fizeram um convite para ir para a Universidade ministrar uma disciplina de dança que já estava na metade, pois a professora substituta que estava havia pedido demissão do cargo e me perguntaram se eu poderia assumir. Eu tremi nas bases, quase dou um troço, mas fui por ser uma coisa que eu amava. E aí, já era o final da disciplina, eu pensei em uma estratégia, foi quando eu iniciei a ideia das apresentações. Eu pensei: poxa, eles passaram tanto tempo estudando esse assunto, eu tenho que ofertar algumas vivências, e nós fizemos esse final.

Depois em 2008, surgiu a Faculdade L F. Descobri que eu gostava muito de dar aula. Percebi que ficava muito mais realizada dando aula do que no escritório, ou no fórum. Mesmo que o retorno financeiro fosse melhor advogando, minha satisfação era maior dando aula. O ambiente universitário trazia para mim mais satisfação. Em 2006, meu filho nasceu e resolvi não voltar para o escritório. Tenho meu filho, a universidade e resolvi ficar na penitenciária. Abri mão do escritório. Em 2009, tomei uma decisão difícil, porém muito gratificante para mim, resolvi deixar de advogar. Atualmente tenho OAB e pago a ordem e sei que quando desejar voltar terei abertura. Na penitenciária tinha um bom contrato de trabalho, ganhava bem, mas estava cansada, estava a quase cinco anos trabalhando com outro universo que era totalmente diferente daquele de sala de aula que me dava muito prazer.

Quando terminei o curso perguntei se poderia ir para o Ceará, ele balançou e, então, resolvi priorizar a vida profissional e parar um pouco a pessoal, deixei a vida me levar. Fui para Macapá e depois ele foi me buscar, deixei o concurso e vim para o Ceará procurar trabalho. Nesse processo de três meses passei no concurso da UVA que era também a perspectiva que já tinha de algum dia morar no interior. Essa experiência no início foi muito difícil. Eu queria ser professora universitária, a educação básica foi apenas o início. Trabalhei com quinto e sexto ano, em Belém. Lindo, maravilhoso, trabalhar com essas séries, faz parte da docência. Agente se potencializar e saber trabalhar em diferentes faixas etárias. Mas, meu desejo era ensinar na universidade. Quando passei fiquei muito feliz, até porque eu só tinha a graduação, a LDB não era a 1996, e só com a graduação era possível ingressar na universidade. O início foi difícil e interessante porque eu era professora com espírito e cara de aluna, pois na minha sala eu tinha alunos de trinta e quarenta anos. Então, fazer chamada e ficar na cobrança da chamada era complicado, pois achava que ir i vir, alguns disciplinamentos da profissão ainda era de aluna, foram alguns golpes e como fui entendendo a profissão e saindo da etapa de ser aluna, porque até então, todo o meu convívio escolar é como aluna e de repente eu mudo meu papel e já não

o sujeito que está aprendendo e sim aquele que está formando. Sabia que tinha instrumental, mas não tinha a prática.”

Existe, algo de interessante nessa trajetória que foram as experiências que eu passei a ter na família, onde minha avó era uma professora das escolas rurais, eu até com muita calma estou tentando fazer esse caminhar dela, essa trajetória. Ao mesmo tempo, a experiências que vamos tendo em casa, que o pai e a mãe eles vão fazendo com que haja um respeito em relação aos professores que nós tínhamos, isso vai fazendo com que você perceba também que há ali uma caminho a ser buscado enquanto profissão de professor. A minha inserção como professora eu digo que ela não foi nada linear, que na minha cidade só existia uma única opção [...]

O importante de ser interpretado foi o entendimento de que nós, humanos, não podemos viver isolados, visto que nos identificamos por sermos capazes de vivermos em sociedade. Ciampa (1990) reforça e ratifica que só se é alguém através das relações sociais e que o indivíduo isolado é uma abstração, disse também, que a identidade se concretiza na atividade social. As professoras puderam apresentar, em suas histórias de vida essa relação do homem em sociedade, a importância do extramuros, ou seja, dos conhecimentos adquiridos fora da academia. A identidade é um fenômeno psicossocial extremamente importante a qual não deve ser vista somente como uma questão acadêmica, científica, ela deve, também, ser encarada como algo social, político, sendo compreendida como uma metamorfose geradora de vida. Esse processo de transformação fica bem próximo da vida dos docentes universitários, pois sua ação educativa o professor necessita se transformar constantemente o fazer pedagógico para dar conta das exigências de suas práticas. Uma transformação que gera modificação em seu ambiente de trabalho e em suas vidas. (Ciampa, 1990)

[...]Tento ampliar a minha docência de uma forma mais integral. Trazendo situações éticas da profissão, humanas, questionando os alunos e pensando junto com eles. Coisas que temos respostas e outras não [...]. “Acho que a metodologia de alguns saberes que são pensados só para a licenciatura, eles são muito úteis, como abordar uma pessoa, como perceber, se relacionar e tratar bem. Acho que, não sei se caberia até comentar, mas eu identifico que a formação deveria ser única, não concordo com esse rompimento da licenciatura e do bacharel. Mas, a minha graduação não me preparou para ser professora. Inclusive, o meu primeiro contato com escola, quando eu comecei a trabalhar, assim, no ensino, na educação, via CREDE 6, fui para uma escola. Todos aqueles processos que o professor deveria cumprir conhecimentos da LDB, eu não conhecia.

Quando entro em sala, procuro deixar os problemas fora da sala e me dedico aquilo que estou fazendo. Alguns colegas entram em sala e consideram aquilo uma tortura. As experiências da minha vida modificam-se, hoje sou uma professora mais flexível. Digo sempre que regras podem ser modificadas, princípios jamais. Penso que se alguém encontrar uma cédula de cinquenta reais e guardar, ao encontrar um milhão faz a mesma coisa. Os meus princípios são os mesmos. Convivi com uma aluna diversas dificuldades, sabia que ela estava cursando Direito, mas ela não ia exercer a profissão. Uma vez, ela fez naf e deixou muitas questões sem responder. Ao entregar a prova a aluna me disse que pensava que eu iria responder a prova

por ela. Depois que fui mãe e as experiências na penitenciária muita coisa mudou em mim. Antes eu vivia um sonho de romantismo, sem interesse somente de passar em concurso, mas também de mudar o mundo. O tempo da política de colocar o Collor de Melo para fora, subir o Pirambu e ajudar as pessoas. Quando comecei a lecionar tinha muito desse sentimento e fui percebendo que as coisas não funcionam assim. Tenho consciência do faço, minha dedicação é a mesma ou até mais, cobro mais do meu aluno. Eu era muito fechada, exigente e hoje acredito que tenha mais suave, talvez sinta-me mais segura. Percebo isso, nos comentários dos amigos de trabalho, quando os meus alunos me elogiam e os colegas ficam dizendo que vão ver minhas provas para entender os comentários. Os alunos mesmo ficando de naf e reprovados dizem que gostam de mim e das minhas aulas. Algo mudou. Você não precisa brigar com o mundo para as coisas darem certo. Não me vejo uma pessoa muito suave, delicada, sou mais objetiva.

[...] O que você aprende com isso? Que nós nos posicionamos no mundo de acordo com quem está na nossa frente, não posso ter um único comportamento com todo mundo [...].

[...] O tempo de formação, a experiência de formação é o tempo fora da universidade, é o tempo da vivência e contato com as pessoas[...].

Dentro desse contexto apresentado nas falas das docentes foi possível compreender o pensamento de Moita (2000) sobre a identidade ser entendida como algo imutável, que não se herda ou adquire, ela é compreendida, historicamente, como um processo em construção na vida de uma pessoa e fruto de relações complexas entre o eu e o outro, entre o social e o pessoal.

As histórias narradas acima, também, ratificam o pensamento de Ciampa (1990) sobre a vida profissional ser marcada por sequências de fatos que vão sendo registrados através das experiências vividas em sala de aula, seja como aluno ou professor, ou pela cultura escolar. Esse indivíduo vai formando a sua identidade profissional e se constituindo um professor universitário. As narrativas permitem ao professor vivenciar o seu passado, e essa experiência de lembrar e reconectar todas as etapas formativas de sua identidade conduz uma reflexão pregressa: por quê me tornei professor; o que considero ser um bom professor; por quê ensino do jeito que ensino. É nesse sentido que Bauman (2005) afirma que as narrativas biográficas podem ser percebidas, como biografias educativas, pois permitem refletir sobre o passado para propor novas ações tanto no tempo presente, quanto no tempo futuro.

A formação é outro ponto a ser reforçado nesse balanço das histórias de vida, visto como um objetivo importante a ser contemplado nessa pesquisa. O professor universitário passa por vários processos de formação desde a sua vida pessoal, escolar, graduação, pós-graduação, todas essas fases geram influência na construção da identidade desses docentes.

[...] de repente me fizeram um convite para ir para a Universidade ministrar uma disciplina de dança que já estava na metade, pois a professora substituta que estava havia pedido demissão do cargo e me perguntaram se eu poderia assumir. Eu tremi nas bases, quase dou um troço, mas fui por ser uma coisa que eu amava. E aí, já era o final da disciplina, eu pensei em uma estratégia, foi quando eu iniciei a ideia das apresentações. Eu pensei: poxa, eles passaram tanto tempo estudando esse assunto, eu tenho que ofertar algumas vivências, e nós fizemos esse final. Foi a minha primeira experiência. Meio assustada, porque bibliografia em dança não tinha. Eu disse: estou no ensino superior, eu preciso ler. Porque até então, eu pratico, mas eu não lia. Né. E aí, eu notei que esse convite foi feito, porque os alunos revelavam uma defasagem nas experiências com dança. Eles não gostavam do que a professora tinha para oferecer. E eu percebi que a pessoa que me convidou, foi por conhecer a minha vivência prática naquela área. Então, na verdade começou assim. O meu debruçar nos livros, pensando em estar tendo a certeza de estar no ensino superior, começou por aí. Me vi, meio sozinha. Tive contato com a minha ex-professora de dança, mas não me senti muito acolhida. Mas, a professora de dança que veio para a especialização em arte e educação, fiz contato e ela conversava e dava referencial bibliográfico, livros. Até, os livros de Educação Física que ela lia, dizia que era interessante. Eu fui meio que tateando sozinha. Não tinha muita gente para conversar, como eu disse, a minha área, não tinha muita bibliografia. E na cidade não tinha ninguém que eu identificasse- Ah, o fulaninho vai poder contribuir. Porque eu visava muito a metodologia do ensino da dança, que era a disciplina que eu assumia, até então. Então, foi mesmo procurando, vendo nos referenciais daquilo que eu lia, de quem os autores estavam falando, comprando livros, e fazendo leituras e fichamento e aí aprendendo, assim, errando de vez em quando.

Quando entrei no curso, ainda pela UFC eu tinha doze alunos em uma sala. Eles tinham ou a minha idade ou eram mais velhos do que eu. Quando entrei em sala eles pensaram que era uma aluna nova, transferida e queriam me expulsar de sala, pois tinha essa história de expulsar transferidos para UFC, se eu não tivesse me identificado. Eu vi de uma escola muito fechada. A UFC foi minha mãe e muito fechada. O professor não tinha muita conversa com os alunos e para conversarmos com eles tinha que passar por várias pessoas, alguns eram mais abertos, apesar de não achar isso legal me influenciou. Tinha que encontrar um meio termo. Como vou passar conteúdo da melhor maneira possível, pois não fui formada para isso. Como vou adquirir respeito e admiração dos alunos sem causar temor. Só vou conseguir isso através do meu conteúdo. Comecei a supervalorizar as minhas disciplinas, os alunos perguntam se eu acho que eles só tem a minha disciplina para estudar. Eu respondo que a minha obrigação é fazer isso.

Quando vi aqueles professores e percebi que poderia andar no tempo, sem utilizar nenhum texto na mão dessa forma. Pensei: vou ser professora. Então comecei a ver a profissão diferente, percebi que eu tinha jeito, por gostar estudar, de ajudar e ser oportunidade de crescimento.[...]. Eu queria ser professora universitária. O início foi difícil e interessante porque eu era professora com espírito e cara de aluna, pois na minha sala eu tinha alunos de trinta e quarenta anos. Então, fazer chamada e ficar na cobrança da chamada era complicado, pois achava que ir e vir, alguns disciplinamentos da profissão ainda era de aluna, foram alguns golpes e como fui entendendo a profissão e saindo da etapa de ser aluna, porque até então, todo o meu convívio escolar é como aluna e de repente eu mudo meu papel e já não o sujeito que está aprendendo e sim aquele que está formando. Vejo a minha formação na graduação, desde a escolha da profissão na juventude é sempre um desafio se vai dar certo ou não. Mas, eu, queria fazer História e sabia que o ramo era tanto de pesquisa como de ser professora. E durante o curso foi realmente de formação. Aprender o que é ensinar, mesmo no diálogo, como minha formação foi bacharelado e licenciatura, a ênfase na docência foi muito grande. Apresentar trabalhos, ir para um curso voluntário. Isso me transformou completamente, no sentido de dizer que é esse o caminho. Escolhi certo. Dentro da pergunta e se a pergunta for no

singular a minha formação se dá na graduação. Me encontrei como ser humano, docente. Com o desejo de querer ir caminhando e ter a certeza de que escolhi a profissão correta, pois é sempre um desafio para um jovem.

no meu caso a minha experiência se oficializou na graduação. Com a experiência com os movimentos sociais, a experiência do trabalho, com a formação familiar, nas organizações sociais. Fui nessa busca tentando adequar essa formação fora do espaço da academia, tentando conciliar esse tempo da academia. Claro que a academia vai possibilitando uma sistematização desses saberes, reorganizando, avançar, mas muita coisa do meu processo formativo de compreensão do mundo, de tentar compreender mais essa dinâmica da vida social, se deu bem menos na universidade e bem mais fora da universidade. Por isso que no ponto de vista de uma formação, o peso maior dessas atividades, se dá fora do espaço da universidade, muito embora depois, eu tenha tentado e para mim isso foi muito conflitante. Eu diria que a universidade foi uma necessidade, para mim a trajetória da universidade sempre foi por questões de vida, uma extrema necessidade de uma sociedade em que nós temos que fazer esses curso. Isso tudo foi uma necessidade. Se tivesse um outro modelo de sociedade que eu vivesse, me sentiria bem fora da universidade. Não sentiria esse desejo da vida acadêmica, para mim foi uma necessidade muito forte para entrar na vida acadêmica, muito embora compreendendo que ela tem toda sua importância”.

A realização desse estudo (auto)biográfico da formação desencadeou processos formativos e educativos profundos gerando em quem reflete sobre si uma transmissão existencial. Penso que a construção da narrativa inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo que não é linear, mas num tempo de consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo. Mesmo esse tempo não sendo linear e sim vinculado a consciência de quem narra sua história, a escolha de um estudo (auto)biográfico exige um tempo para que as histórias sejam lembradas, reelaboradas, revividas e contadas, pois durante esse período, os sujeitos vivem uma transformação existencial que lhes permite mudar a identidade.

Essa transformação existencial também recebe influência das mudanças de modelos de vida que ocorrem devido aos questionamentos, as formas de atitudes, comportamentos que se desmontam. Toda essa metamorfose não ocorre despercebidamente, os sujeitos, passam por profundos questionamentos e tomadas de consciência sobre as suas ações, podendo gerar mudanças na identidade, nas atitudes e nas pessoas ao redor. Ciampa (1990) reforça o pensamento anterior dizendo que o comportamento vai se reconfigurando, pouco a pouco, e tomando uma nova forma, causando efeito na pessoa que sofre a transformação e naquelas ao seu redor.

O professor universitário assume o seu papel de gerador de conhecimentos, ou apenas o de transmissor, pois segundo Tardif (2002) o professor universitário faz parte da comunidade científica capaz de produzir saberes, transformando, ou melhor dizendo,

renovando o conhecimento antigo em novo, bem como a capacidade de transmiti-lo de forma adequada e produtiva. “O corpo docente tem uma função social estrategicamente tão importante quanto a da comunidade científica e dos grupos produtores de saberes” (Tardif, 2002, p. 36).

O uso do método (auto)biográfico nos processos educativos toma como base as experiências de vida de uma pessoa com o intuito de reviver, estudar e reelaborar as falas de vida. Essas experiências podem despertar, nas professoras, diferentes sentimentos, como descreve Górriz (2007) ao dizer que ao apresentar que esse método permite que a pessoa fale de si, sobre si, narrando a sua vida, recordando as suas origens, sua classe social, sua educação, valores e aqueles momentos que foram significativos na sua formação. Tudo isso pode gerar rupturas profundas, das quais emergem sentimentos, emoções e afetos, permitindo a pessoa importante expansão interna e um bem-estar, refletindo num espírito mais criativo, vigoroso, dinâmico e saudável. A partir dessa reflexão que transcrevemos a fala das professoras e podemos, assim, partilhar desses sentimentos de dificuldade no início da carreira de docente universitário.

[...]Quando fui convidada para ser docente encontrei a minha deficiência do conhecimento teórico que os alunos precisavam e que na época não existia literatura. Vim ministrar a disciplina de Dança e a literatura? Eu vivia na academia, na escola de dança esses eram meus espaços. Sistematizar conhecimentos, ter textos para discutir, como conversar. Foi uma dificuldade enorme. Tudo aconteceu rapidamente, e o processo de descobertas, desafios e superação eles foram acontecendo e aprendi aqui na universidade como ser docente universitária. Em parte tenho um aspecto sofrível da busca solitária, angustiante, as vezes sem ter com que dividir algumas coisas, descobrindo coisas novas e depois esse outro processo de conversar o extramuros com os conhecimentos da academia e começar a gostar de superar, de inovar. Explico meu processo nessa duas fases[...].

[...] Tem muita coisa na minha narrativa que vejo como um prenúncio de tudo que ia acontecer e aconteceu na minha vida pessoal e profissional. Mas tem um lado de uma situação que não foi uma decisão fácil, e que nunca é, foi quando tive que sair do meu escritório e escolher o magistério e ficar com o magistério superior. Até hoje, recebi dois telefonemas me cobrando a volta ao escritório. As pessoas queriam que eu assumisse o processo. Não é uma decisão fácil para uma advogada ter que sair do fórum, fui formada para aquilo.[...] Escolhi retirar o que naquele momento da minha vida me dava menos prazer, me dava muito prazer ser mãe e estar em sala de aula. Então, essa experiência foi transformadora porque não foi uma experiência fácil. A quanto me descobri professora, apesar do bacharelado, sempre tive uma vontade, uma tendência, um olhar. Acho que o docente vai se formando com o tempo. Vejo uma grande diferença entre o docente que inicia e aquele que tem experiência[...].
[...] Então, você vai vendo o tempo passar e vai trocando experiências e vai se transformando. O fator da escolha de uma experiência foi a minha escolha de ficar no magistério. Poderia ter decidido o contrário, fiz uma escolha que poucos profissionais da minha área fazem.

[...] cresci, amadureci como docente, acumulei e agreguei uma série de experiências de vida, mas estou em constante transformação, me vejo claramente, é tanto que, aquela coisa de ter material e dar a mesma aula todo semestre. Um aluno que foi reprovado na minha disciplina e meus monitores dizem muito isso, professora a sua aula é diferente do semestre passado, o conteúdo é o mesmo, mas vou mudando algumas fórmulas que desenvolvi e não deu certo, não ficou legal. De repente li, vi, algum assunto e naquela turma com aquele número de alunos dá para ser aplicada a prova daquela forma[...].

[...]talvez essas nossas trajetórias nos possibilite a pensar que o nosso trabalho é algo que vai se renovando[...].

[...]Esses desafios são sempre importantes, esse momento é um marco, se é possível ter uma pluralidade de formação e isso transforma completamente, porque me transformou na forma de como estar em sala de aula não somente com uma técnica no conhecimento mas, com um ser humano, com irmão, com almas e encontro de almas[...].

Nem toda experiência é considerada formadora, podemos viver muitas situações, sendo que algumas podem gerar transformações, capazes de modificar e formar uma nova identidade. Essa reflexão foi semeada a partir da escuta das histórias de vida das professoras, narradas e recontadas

2.5. Compreensão da subjetividade presente na formação das docentes

Esse encontro constituiu a terceira etapa da metodologia da pesquisa. O seu momento inicial foi marcado por uma breve recapitulação do objeto, objetivos e metodologia da pesquisa realizada. Diante da explanação, cada docente recebeu a sua história de vida, transcrita, para serem lidas e ressignificadas.

Cada docente de maneira espontânea foi narrando e expressando assim a sua compreensão do ser professor. Para a pesquisadora essa narrativa foi a maneira encontrada por elas para ressignificar o seu fazer. Percebi a motivação das participantes, ao mesmo tempo em que compreendia a dinâmica do método (auto)biográfico defendido por Josso (2004) quando afirma que esses momentos são de ressignificação das próprias narrativas de vida. Dando assim uma noção mais exata da profundidade da escolha metodológica. Neste caso, elas não só expressavam uma compreensão de si, e uma fala de si onde foram trazidos todas as experiências vividas e ressignificadas pela força da narrativa que é isso a experiência formadora tão bem defendida na literatura de Josso.

A experiência de ouvir cada história também foi formador para mim, pois existiram momentos em que pude mergulhar na minha própria subjetividade descobrindo o que também é formador na minha experiência como professora. Expressar ao estabelecer elos de ligação, semelhança entre as histórias através de trechos, dos momentos vividos, das experiências docentes, confirma ainda mais que isso é de fato a experiência formadora. Dentre os relatos a seguir destaco alguns como capazes de manifestar o que acabo de afirmar:

- A experiência de narrar a própria história como aprendizagem da compreensão e da certeza de estar no caminho correto da experiência como professora universitária;
- A satisfação e realização do percurso tomado por seus alunos da graduação;
- Ser possível perceber a trajetória da graduação ao mesmo tempo em que isso facilita a sistematização dos saberes, o que a faz avançar nas pesquisas e na institucionalização dos conhecimentos;
- Compreensão da trajetória como a libertação de todo sentimento que aprisionava e amarrava as regras instituídas;
- A formação não se dá dentro da universidade, mas é um processo construído ao longo das vivências, do contato com as pessoas e da aprendizagem extramuros.

Seguem abaixo, momentos narrados pelas professoras, onde são percebidas através dessas transcrições, essas experiências.

[...] ao ler essa primeira pergunta, como está no singular e como são conceitos muito habituais nas ciências humanas, eu já fiquei..., tem tanta coisa que eu disse e para destacar uma... Formação passa por várias etapas. Entendi a pergunta no singular; é uma escolha de um momento. Vejo a minha formação na graduação, desde a escolha da profissão na juventude é sempre um desafio se vai dar certo ou não. Mas, eu, queria fazer História e sabia que o ramo era tanto de pesquisa como de ser professora. E durante o curso foi realmente de formação. Aprender o que é ensinar, mesmo no diálogo, como minha formação foi bacharelado e licenciatura, a ênfase na docência foi muito grande. Apresentar trabalhos, ir para um curso voluntário. Isso me transformou completamente, no sentido de dizer que é esse o caminho. Escolhi certo. Dentro da pergunta e se a pergunta for no singular a minha formação se dá na graduação. Me encontrei como ser humano, docente. Com o desejo de querer ir caminhando e ter a certeza de que escolhi a profissão correta, pois é sempre um desafio para um jovem”[...].

[...] “no meu caso a minha experiência se oficializou na graduação. Com a experiência com os movimentos sociais, a experiência do trabalho, com a formação familiar, nas organizações sociais. Fui nessa busca tentando adequar essa formação fora do espaço da academia, tentando conciliar esse tempo da academia. Claro que a academia vai possibilitando uma sistematização desses

saberes, reorganizando, avançar, mas muita coisa do meu processo formativo de compreensão do mundo, de tentar compreender mais essa dinâmica da vida social, se deu bem menos na universidade e bem mais fora da universidade. Por isso que no ponto de vista de uma formação, o peso maior dessas atividades, se dá fora do espaço da universidade, muito embora depois, eu tenha tentado e para mim isso foi muito conflitante. Eu diria que a universidade foi uma necessidade, para mim a trajetória da universidade sempre foi por questões de vida, uma extrema necessidade de uma sociedade em que nós temos que fazer esses cursos. Isso tudo foi uma necessidade. Se tivesse um outro modelo de sociedade que eu vivesse, me sentiria bem fora da universidade. Não sentiria esse desejo da vida acadêmica, para mim foi uma necessidade muito forte para entrar na vida acadêmica, muito embora compreendendo que ela tem toda sua importância, pois foi lá em que sistematizei melhor os conhecimentos, tive a oportunidade de fazer e oficializar a pesquisa, na verdade já fazíamos pesquisa nos municípios. É algo oficial, institucionalizado, um espaço onde você começa a ser reconhecido. Diria até que quando você entra na universidade, você fica muito... No meu ponto de vista, eu era mais feliz fora da universidade. Às vezes, tenho vontade de quebrar muitas amarras. A universidade é muito certinha, muito cheia de regras, muito... você fica muito sério. Talvez seja o tempo que a gente esteja vivendo que é depois disso aqui. Mas, o tempo da universidade não é um tempo feliz para os estudantes. Às vezes sinto isso. Converso com os alunos e parece que não é um tempo feliz e existe um descompasso. Os alunos correm quando saem da universidade, quando dá 22h00, os alunos correm, vão se agarrar com os namorados, vão fazer o que é bom. Converso muito com eles sobre esse tempo. Briguei muito ideologicamente com vários professores. Fui me sentir menos amarrada a partir do Mestrado e Doutorado. Isso já à frente. Tive a oportunidade de conhecer professores amarrados. O tempo de formação, a experiência de formação é o tempo fora da universidade, é o tempo da vivência e contato com as pessoas”[...].

Ouvir essas professoras foi prazeroso e também uma experiência significativa, porque consegui compreender o grau de confiança que depositaram na pesquisadora e isso foi capaz de proporcionar a proximidade de cada uma. Posso até identificar alguns momentos como marcantes:

- Proximidade entre pesquisador e pesquisado;
- O nível de profundidade das narrativas;
- A capacidade de identificar uma identidade docente universitária;
- A diversidade e complexidade dessas identidades;
- O percurso, ora marcado, por aspectos solitários, angustiantes, mas também repletos de descobertas;
- Os traços de como são estabelecidas as relações entre professor universitário e aluno;
- As dificuldades em aglutinar os conhecimentos práticos com a teoria.

Ao ouvir esses relatos pude mergulhar em experiências que também fiz e faço nesse espaço universitário o qual de maneira rápida e inesperada, foi acessado pela escuta do outro.

Alguns dos sentimentos identificados no início da carreira docente parece ser comum a todos os profissionais que optam pela profissão de professora. Isso porque, a formação da graduação quase sempre não nos prepara para os desafios reais que iremos encontrar na prática pedagógica. Saliento que as narrativas versaram sobre o percurso acadêmico, a capacitação pedagógica, o espaço universitário e papel social da instituição superior dos seus licenciados e bacharéis. Veremos a seguir o que proporcionou o exercício do magistério a esse grupo de professores:

[...] “a minha formação é totalmente diferente. Talvez um pouco mais próximo da Elis Regina no sentido de ser bacharel, não somos formadas para ser professoras, embora faça parte da área de humanas, minha formação é diferente das professoras. Eu venho de uma escola de que não recebemos formação para ser professora, mas uma parte de nós gosta e tem isso como um status conquistado profissionalmente. Que experiência da sua narrativa pode ser tomada como experiência formadora e transformadora? Tem muita coisa na minha narrativa que vejo como um prenúncio de tudo que ia acontecer e aconteceu na minha vida pessoal e profissional. Mas tem um lado de uma situação que não foi uma decisão fácil, e que nunca é, foi quando tive que sair do meu escritório e escolher o magistério e ficar com o magistério superior. Até hoje, recebi dois telefonemas me cobrando a volta ao escritório. As pessoas queriam que eu assumisse o processo. Não é uma decisão fácil para uma advogada ter que sair do fórum, fui formada para aquilo. Não é porque eu não gostasse de advogar, absolutamente, eu gosto, só que formei uma família e tive que dar prioridades na minha vida, pois não estava conseguindo conciliar o escritório, com a sala de aula e minha família. Fiz uma opção por criar uma família, ter filhos e tinha dentro de mim que para todo mundo eu conseguia dar conta de tudo e estava tudo bem. Mas, para mim não dava conta do jeito que eu queria. Escolhi retirar o que naquele momento da minha vida me dava menos prazer, me dava muito prazer ser mãe e estar em sala de aula. Então, essa experiência transformadora porque não foi uma experiência fácil. A quanto me descobri professora, apesar do bacharelado, sempre tive uma vontade, uma tendência, um olhar. Acho que o docente vai se formando com o tempo. Vejo uma grande diferença entre o docente que se inicia e aquele que tem experiência. Antigamente dizia que o professor que está no fim da carreira já presta atenção a nada, já aprova todo mundo. Não sei, costumo brincar com meus alunos que estou numa fase complicada, porque já não tenho a insegurança do início, sempre tem uma turma nova, mas você tem um noround, se você está ali é porque se sente segura depois desse tempo todo de sofrimento. Também não me sinto nem um pouco desestimulada e cansada. A experiência docente vai se construindo a cada ano, o relato da Elis Regina é importante porque me percebo como professora. Os meus ex- alunos que hoje são colegas falam claramente e percebem que sou professora diferente da que fui há dez, doze, quatorze anos, muito diferente. Estou em constante transformação, se não me sentisse em constante transformação já teria saído da sala de aula. Porque,

brinco, mas descobri, apesar de ser um contra-senso, que a vida acadêmica, a docência, é a fonte da juventude. Quando você Elis falou que entrou em sala e foi um susto, também quando entrei na sala de aula a primeira vez os alunos tinham a minha idade ou eram mais velhos. Hoje encontro filhos de colegas minhas de colégio que foram mães jovens com filhos sendo meus alunos. Então, você vai vendo o tempo passar e vai trocando experiências e vai se transformando. O fator de escolha de uma experiência foi a minha escolha de ficar no magistério. Poderia ter decidido o contrário, fiz uma escolha que poucos profissionais da minha área fazem. Nós temos alguns no curso de direito, mas são poucos. Por escolher magistratura à docência no ramo de direito, é tanto que antigamente nós tínhamos uns gabinetes de professores e foram entregues para o curso de filosofia, porque nunca eram utilizados. O professor do direito, hoje não, mas há alguns anos ele não tinha essa... falar de pesquisa, de método, sistema para nós, sistematizar conhecimentos, isso era hebraico. Nós não temos nenhuma disciplina na faculdade que fale qualquer coisa desse tipo, aprendemos as leis, a interpretá-la, aplicar, fazer peça. Ninguém te ensina sobre isso, ninguém nunca me ensinou sobre como devo me portar e entrar em sala de aula. É diferente a experiência docente de quem é bacharel para quem tem experiência docente, independente do extramuros, intramuros, para ser formada professora. Não fui formada para ser professora. Os meus professores da faculdade nunca forma formados para serem professores e assim, é consequentemente, todas as relações dentro do curso de direito. Somos professores do curso de direito sem nunca termos sido orientados para ser professores. Agente aprende, mas ninguém ensina[...].

Somos resultado da interação das diversas experiências, enfim, “não nascemos professores, tornamo-nos” uma experiência travada no fazer e agora percebida no relato dessas trajetórias vividas e carregadas por uma bagagem a ser somada com os novos conhecimentos. Assim, a trajetória de vida pode ser homogeneizada com o espaço da academia. O professor universitário vai, ao longo do tempo, adequando-se a sua realidade e melhorando sua postura, linguagem e expressão. E esse modelo pode ser copiado, como reflexo de uma experiência. Inspirada nisso acolhemos a seguinte experiência:

[...] “Mas, porque escolhi, acho que a leitura do texto me fez pensar isso, ser professora, porque sempre brinquei de professora, a minhas bonecas eram minhas alunas. O prazer da escola sempre foi muito intenso, ensinar os colegas, ir para o quadro, fazer as tarefas de matemática, sempre fui boa em matemática. Fui começando a entender. Como os professores falavam mal do salário, que não era uma profissão boa, até o ensino médio não queria ser professora, pois já que iria estudar muito queria ter sucesso na carreira e não queria uma carreirinha. Fui para o cursinho para fazer direito ou administração, foi quando tive três professoras de história brilhantes, disse que era isso que queria ser. Foram os professores que se manifestaram e que me fez escolher a profissão, assim como muitos outros não me tinham despertado, mas eu também tinha essa formiguinha. Tudo me encanta muito, até hoje. A pesquisadora me conhece um pouco, quando via os projetos nascendo de fisioterapia, nossa... podemos pensar disciplinas

assim. Eu me integro muito rápido com as áreas do conhecimento. O conhecimento é uma beleza da nossa inteligência, é a nossa capacidade de criação. Artes, acho fantástico. Quando busco entender porque a minha identidade é ser professora, acho que exista uma relação com as experiências que a Caetana está me provocando, eu diria que como essa relação de vida, de experiência, de estar no mundo, é um pouco nesse sentido.

Ouvir as histórias de vida permitiu refletir que essa inter relação entre as trajetórias possibilita-nos a uma constante renovação dos conhecimentos e desafios, de sempre inovar, gerar pluralidade de formação, transformando-nos completamente no que somos hoje. Relatos que permitem enfatizar a transformação do ato de narrar. Um docente que se constitui dentro do espaço da sala de aula, da práxis, das técnicas que aprendemos a aplicar, e que promove em nós essa transformação do humano.

Sou testemunha de que o método (auto)biográfico estimula a memória, provoca transformação e uma releitura da nossa própria história de vida enquanto professora, pois a medida que narramos nossa história selecionamos determinados fatos, por vezes narramos aquilo que consideramos importante e ao longo dessa narrativas sistematizamos muitas informações. Narrar e ouvir histórias de vida fez com que as professoras refletissem o quanto devemos valorizar a vida de cada pessoa, pois cada trajetória tem um peso, cada pessoa tem uma vida, um estilo, uma condição e uma identidade. Vale salientar que essa abordagem funcionou como momento terapêutico, pois despertou a memória, resgatou imagens, sentimentos, sobre a história vivida que transitou na vida e na memória.

Considerações Finais

A pesquisa cumpre seus objetivos compreender pelas narrativas a construção do percurso de formação de modo a entender a constituição da identidade de professor universitário, além de interpretar como esses saberes, conhecimentos encontram-se envolvidos neste percurso e como os mesmos interferem no ser e tornar-se professor universitário.

Cada professora universitária escolhida para a pesquisa, apresentou sua história de vida, onde nelas encontrei as peculiaridades de seu envolvimento social, cultural, psicológico e familiar. Foi perceptível durante a escuta de cada história, o sentimento acerca de cada experiência relatada, onde em alguns momentos a emoção foi aflorada fazendo com que aquele fato fosse resgatado do momento passado para o momento presente, só que agora sendo ressignificado, em virtude da maturidade adquirida ao longo da trajetória e início da docência até o momento presente. O mais interessante de perceber foi a interface das histórias, o que Josso (2004; 2010) afirma em sua obra é reeditada em cada nova narrativa que a experiência formadora é, exatamente aquela que, ao ser relatada, é capaz de transformar a vida da professora e do outro que a escuta pesquisada, pois as histórias se encontram sendo impossível não dar conta as intercessões, visto que a realidade da docência universitária segue um percurso, às vezes, muito próximo.

Hoje, compreendo o que significa trabalhar com histórias de vida e posso também, perceber a relevância de ouvir e compreender os relatos de vida de uma pessoa, pois durante a construção da minha identidade de docente universitária, vivi experiências antes desconhecidas e que após ouvir outras histórias, meus relatos tornaram-se formadores. Exemplifico trazendo a fala de uma das professoras, ela dissertou que a entrada na docência superior foi solitária e que necessitou de tempo para ganhar maturidade e compreender o seu novo papel na sociedade, o de ser formadora de opinião e construtora de saberes, gerando, assim, um sentimento inicial de insegurança e solidão. Essa reflexão é defendida por Pimenta (2010) quando reforço, ainda, contando que falar sobre a vida de uma pessoa nos conduz a trabalharmos no campo subjetividade humana, gerando em quem estuda, a necessidade de abertura para com o outro. Desenvolvi uma abertura para saber ouvir, e interpretar os fatos narrados pelo outro. Esse exercício de escuta refina os sentidos fazendo compreender aquilo que foi narrado, e o que não foi possível de ser contado por ser capaz de tocar na profundidade das experiências subjetivas da intimidade, ou seja, aquilo que ficou nas

entrelinhas e que só é possível compreender pela sensibilidade de uma escuta atenta e mediada pela compreensão que temos na nossa própria narrativa de vida como professora.

Assim, entendemos que identidade para ser construída necessita de tempo, um tempo que não é linear, ele pode ao ser resgatado, alternar fatos que ocorreram no passado e que hoje parecem importantes e formadores, por exemplo o fato de uma postura de uma determinada professora refletir na postura da professora de hoje. Aquela rigidez, responsabilidade demonstrada pela professora foi capaz de formar a identidade de ser uma docente universitária pontual, organizada, até mesmo, considerada exigente pelos alunos. É possível que fazer uma projeção das experiências e que esse acontecimento seja formador. Outro momento marcante nessa pesquisa foi a influência da formação recebida na infância que ao ser resgatada, pode ser transformada em experiência. Cito, exemplificando a fala de uma das docentes quando disse que o fato de gostar de ler, se deu pela forte influência recebida pelo seu pai, decorrente dele não ter tido acesso aos estudos, encaminhava seus filhos para a leitura ao ponto de ter em sua casa uma biblioteca, reconhecida, até mesmo pela população da cidade aonde residiam. Ao contar esse fato pude sentir na fala o orgulho da professora em ter atendido as expectativas de seu pai.

O trabalho com as narrativas de vida possibilitou uma aproximação entre o meu ser professora universitária a partir da interpretação das narrativas ouvidas. O mais envolvente em trabalhar com histórias de vida é a capacidade de transformação, e de entendimento da minha própria história de vida como professora, em razão de entender que ao ouvir, reescrever e interpretar a narrativa do outro desencadeou na pesquisadora uma nova compreensão de si o que gerou transformação em sua própria percepção do meu ser e fazer docente. Uma vez que Josso (2004) afirma que ao escutar as histórias ocorre uma reaproximação de si mesmo como autor, ator e leitor da história. Pensa-se, então, como duas vidas que se cruzam, dando corpo a uma história, que é de um sobre o outro, mas de qualquer forma é a história do outro contada por si através de mim. Amaral (2006, p. 07) afirma que “as histórias de vida permitem a valorização do sujeito enquanto possuidor de saberes e construtor de histórias”. Essa investigação, ao abordar as histórias de vida, tentou valorizar as professoras a partir de cada história ouvida, narrada, refletida sendo gerada reflexões sobre o passado, um entendimento ressignificado do presente e um projeto de futuro. Esse pensamento sobre a valorização de sua história pode ser reforçado por Amaral (2006) ao dizer que cada pessoa é possuidora de saberes e responsável pela construção de sua própria história. A abordagem (auto)biográfica implicou em produzir relatos de vida das professoras centradas

na reconstrução da história de formação de cada uma, exigindo tempos de trabalho individual e coletivo, fazendo uma ligação da história de quem narra com as professoras. Josso divide didaticamente as etapas desse momento de construção e interpretação (auto)biográfico dizendo que:

“Exige uma reconstrução oral, depois escrita da história da sua formação, seguida de uma análise e interpretação da escrita e do diálogo; de uma pesquisa de compreensão; um confronto das sensibilidades e das ideias; e finalmente das comparações dos relatos, épocas, gêneses, percursos culturais, origens sociais” (Josso, 2006, p. 375).

Concordando com os autores acima e refletindo acerca dos relatos das professoras, a partir das suas histórias de vida, entendemos que as narrativas leva-nos a compreendermos que a identidade docente é algo em constante construção inspirada desde a escolha da profissão, passando pela formação inicial e pelos espaços institucionais, conferindo uma dimensão de espaço e tempo, sendo alicerçada sobre os saberes profissionais, éticos e deontológicos (Veiga, 2008). A identidade profissional do professor está em constante transformação e de revisão dos processos sociais e Pimenta (2009) reforça dizendo que a identidade não é algo imutável, nem externo que possa ser adquirido e sim um processo de construção do sujeito historicamente situado.

Um trabalho que produz desejo de encontrar sentidos enquanto professora universitária, procurando escutar, olhar esses desejos e representações de conceitos e preconceitos dentro dos espaços e tempos das experiências formativas.

Aqui o aprender a ser professor universitário não se dá, somente, no momento em que estamos como professores, ser e formar-se professor perpassa uma formação que se desenvolve ao longo de todo o processo de escolarização. No momento em que os professores, ainda alunos da educação básica, já viviam mergulhados em uma cultura docente, ao conviverem, por anos, com seus professores, cada um a sua maneira mediada pelos modelos introspectados, desenvolvem suas estratégias para ensinar, organizar espaços e manter a disciplina em sala. “Essa imersão se manifesta através de toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente” (Tardif, 2002, p. 261). Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir dos valores, representações e saberes (Pimenta, 2009, p.19).

A narrativa das histórias de vida levou cada professora a buscar no passado as experiências que ao serem reveladas propiciou uma resignificação das mesmas e as tornando

experiências formadoras, por produzirem efeitos no presente. Diversos sentimentos foram ouvidos o de alegria, remorso, solidão, prazer. Adorno (1995, p. 29-49) enfatiza que “no fundo, tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente; se permaneceremos no simples remorso ou se resistirmos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível”. Esses sentimentos só podem ser assimilados devido a maturidade do adulto ser capaz por si próprio de tomar as rédeas de sua vida e conduzi sua vida, é preciso conformar-se com aprendizagens difíceis, que servirão de fundamento para opções a fazer, visto que os adultos pensam sobre a sua vida mais em termos de realização pessoal do que em termos coletivos, tanto que as reflexões biográficas centram-se sobre as relações familiares, escolares e amorosas (Dominicé, 2006, p. 347).

Pesquisar sobre os processos de formação dessas professoras universitárias, a partir de da escuta de suas histórias de vida, permitiu-me sentir a fragilidade, a pluralidade e a mobilidade das identidades construídas ao longo da vida de cada professora.

Referências Bibliográficas

- Adorno, T. (1995). *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Amaral, B. J; Oliveira, F. V. (2006). *A Construção do ser professor na educação superior*. UNIrevista-vol.1, número 2. Recuperado em 05 de Setembro, 2012, de http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Amaral_e_Oliveira.pdf.
- Brasil. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Recuperado em 18 de Julho, 2011, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.
- Brasil. Decreto No. 10 de 10 de outubro de 2008. Institui o Sistema Nacional Público de Formação dos Profissionais do Magistério. Recuperado em 08 de Julho, 2011, de <http://www.anped11.uerj.br/decreto-10-10-2008.pdf>
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi/ Zigmund Bauman*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade das relações humana*/tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bueno, B. O.; Catani, D. B.; Sousa, C.P. (2003). *A vida e ofício dos professores: formação contínua, autobiográfica e pesquisa em colaboração*. (4. ed). São Paulo: Escrituras Editora.
- Castro, E. A. (2010). *Formação Continuada por Meio de Narrativas Autobiográficas: Um fomento ao autoconhecimento*. Dissertação apresentada na Universidade Cidade de São Paulo – UNICID para obtenção de grau de Mestre. Orientador científico Doutora Margarete May Berkenbrock Rosito. Recuperado em 05 de Setembro, 2010, de http://www.cidadesp.edu.br/pos_graduacao/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=4427
- Chizzotti, A. (2010). *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. (11ª. Ed). São Paulo: Cortez.
- Ciampa, C.A. (1990). *A Estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Editora Brasiliense.

- Cunha, J.L. Cardozo, L. S. (2011) *Ensino de História e formação de professores: narrativas de educadores*. Educar em Revista. No. 42. (pp. 141-162). Curitiba-Brasil. Editora UFP.
- Chauí, M. (2003). *A Universidade pública sob nova perspectiva*. Revista Brasileira de Educação. (pp. 05-15). set/out/nov/dez.
- Delory-Moberger, C. (2006). *Formação e socialização: os ateliês bibliográficos de projeto*. Educação e pesquisa, n.2. v.32. (pp.359-371). São Paulo.
- Demo, P. (2008). *Universidade, Aprendizagem e Avaliação: Horizontes Reconstitutivos*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Dominicé, P. (2006). *A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico*. Educação e pesquisa. São Paulo, v.32, n.2, p.346-357, maio/ago.
- Dubar, C. A. (2005). *Socialização : construção das identidades sociais e profissionais*; Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003). *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. Ed. rev. São Paulo: Editora UNESP.
- Fernandes, D.G. Fernandes, N. L. R. (2007). *Sujeitos, saberes e formação docente: reflexões sobre as condições de estudos e aprendizagens dos sujeitos em processo de formação*. In: Ercília Maria Braga de Olinda; Dorgival Gonçalves Fernandes. Fortaleza: Edições UFC.
- Gatti, B. A.; (1996). *Os Professores e suas identidades: o desenvolvimento da heterogeneidade*. Cad.Pesq., São Paulo, n.98, pp.85-90, ago. Recuperado em 12 de Janeiro de 2013, de <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/249.pdf>.
- Górriz, I. L.; (2007). *La investigación autobiográfica generadora de procesos autoformativo y de transformación existencial*. Revista Currículum, n.20, octubre, pp. 11-37.

Recuperado em 12 de Janeiro de 2014, de <http://www.revistaq.wels.ull.es/ANTERORES/numero20/lopez.pdf>.

Goodson, I. F. (1992). Dar a voz ao Professor: As Histórias de Vida dos Professores e o Seu Desenvolvimento Profissional. In: Nóvoa, Antônio. *Vidas de professores*. (pp.63-77). Porto-Portugal: Editora Porto.

Hall, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade: tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraceira Lopes Louro*. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A

Huberman, M. (1992). O Ciclo de Vida Profissional dos Professores. In: Nóvoa, Antônio. *Vidas de professores*. (pp. 31-51). Porto-Portugal: Editora Porto.

Imbernón, F. (2010). *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez.

Josso, M.C. (2004). *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez Editora.

Josso, M.C. (2006). *As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras*. Educação e pesquisa. São Paulo, v.32, n.2, pp.373-383, maio/ago.

Josso, M.C. (2007). A formação na perspectiva biográfica como processo de construção do sujeito e de suas identidades. In: Moreno, L., V., A; Rosito, M., M., B. *O sujeito na educação e saúde: desafios na contemporaneidade*. (pp. 105-116). São Paulo. Edições Loyola.

Josso, M.C. (2010). *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez Editora.

Josso, M.C. (2010). *Caminhar para si*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Larrosa, B. J. (2002). *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Universidade de Barcelona, Espanha Tradução de João Wanderly Garelí Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística Jan/Fev/Mar/Abr 2002 No. 19 Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em Julho de 2001, por *Leituras SME*; Textos-subsídios ao trabalho

pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Publicação na Revista Brasileira de Educação, 23.

Laville, C. ; Dionne, J. (1999). *A Construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*; tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre; Belo Horizonte: Editora UFMG.

Libâneo, J. C.; Alves, N. (2012). *Temas de Pedagogia: Diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez.

Laing, R. D. O Eu e os outros. (1972). *O Relacionamento Interpessoal*. Tradução de Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis, Vozes, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro. Recuperado em: 08 de fevereiro de 2012, de <http://jamesmanuel.blogspot.com/2008/11/r-d-laing.html>.

Masetto, M. T. (2009). Professor Universitário: um profissional da educação na atividade docente. In: Marcos Tarciso Masetto. *Docência na Universidade*. (pp. 9-26). São Paulo: Papirus.

Menezes, L. A. (2011). *Avaliação curricular e identidade docente*. Editora Caminhar. Fortaleza.

Minayo, M. C. S; Deslandes, S. F; Gomes, R. (2009). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Moita, M.C. (2000). Percursos de formação e de Transformação. In: Nóvoa, Antônio. (Org). *Vidas de professores*. (pp. 114-140). Porto-Portugal: Editora Porto.

Montané, A ; Sánchez, A. S. (2010) *Os professores do ensino superior: entre a performatividade da lei e as narrativas autobiográficas* . Revista Lusófona de Educação, vol. 15. (pp. 55-69). Lisboa, Portugal.

Nóvoa, A (Org.). (2000). *Vidas de professores*. 2 ed. Porto-Portugal: Editora Porto.

Nóvoa, A (2001, Setembro,13). *Matrizes Curriculares*. Brasil: TV Escola.

- Nunes, C. M. F.; Cunha, M. A. de A. (2005). *A “escrita de si” como estratégia de formação continuada para docentes*. Revista Espaço Acadêmico, n. 50. Recuperado em 05 de Março de 2010, de http://www.espacoacademico.com.br/050/50pc_cunhanunes.htm.
- Olinda, E. M. B(Org.). (2010) *Artes do fazer: Trajetórias de vida e formação*. Fortaleza: Edições UFC.
- Oliveira, V. F. (2006). Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino. In: A, S.E. Clementino (Coord), *Implicar-se... Implicando professores: tentando produzir sentidos na investigação/formação*. (1 ed., pp. 47-57). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Passos, M.B.A. (2009). *Professores do Ensino Superior: práticas e desafios*. Porto Alegre: Mediação.
- Pimenta, S. G. (1996c). *Formação de professores: Os saberes da docência e da identidade do professor*. Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 22, no. 2 (julho-dezembro), pp. 72-89. Recuperado em 31 de Janeiro de 2013, de <http://educa.fcc.org.br/pdf/rfe/v22n2/v22n2a04.pdf>
- Pimenta, S. G. (2009). *Saberes Pedagógicos e atividades docente*. 7 ed. São Paulo: Cortez.
- Pimenta, S. G. (2010). *Docência no Ensino Superior*. 4 ed. São Paulo: Cortez.
- Pimenta, S. G. ; Anastasiou, Léa G. C. ; Cavallet, V. J. (2001) *Docência no ensino superior: construindo caminhos*. Saberes, Jaraguá do Sul, ano 2, v.2, maio/ago.
- Pineau, G. (2006). *As Histórias de Vida em Formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial*. Educação e Pesquisa. v.02. n.2. (pp.329-343).
- Pineau, G. (1988). A autoformação no discurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: Nóvoa, Antônio e Finger, Mathias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Cadernos de Formação, 01.
- Santos, S. C. (2001). *O Processo de Ensino-Aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos “sete” princípios para a boa prática na educação de ensino superior*. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 08, nº1, Janeiro/março.

Santos, B. S. (2010). *A Universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. 3.ed. São Paulo: Cortez.

Santos, E.; Olinda, E.M.B.; Filadélfia, C.S.; Bindá, T.M.B. (2012). *Artes do Sentir: Trajetórias de Vida e Formação*. In A., Olinda (Coord.), *Pesquisadoras redescobrimo o conceito de formação sob a inspiração dos mestres de Rousseau* (1^a. ed., pp. 153-175). Fortaleza: Edições UFC.

Saviani, D. (2008). *História das Ideias Pedagógicas do Brasil*. Campinas, São Paulo: Autores Associados.

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do Trabalho Científico*. 23. Ed. Rev. e Atualizada. (pp. 118-119). São Paulo: Cortez.

Sena, F. C. (2011). *Trajetórias de Espiritualidade de Mulheres: o que a vida lhes ensinou?* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará para obtenção do grau de doutora, orientada por Ercília Maria Braga de Olinda, Fortaleza.

Silva, M. (2005). *O habitus professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula*. Revista Brasileira de Educação, Maio/ Jun/ Jul / Ago, nº 29.

Silva, T.T. (2009). *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. 3 Ed. Belo Horizonte, Autêntica.

Souza, C. E. Fornani, L.M.S. (2008). Memória, (Auto)biografia e formação. In: Veiga, D'Ávila, C.M (Orgs). *Profissão Docente: Novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas-SP: Papirus.

Tardif, M. (2000). *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério*. Revista Brasileira de Educação, Jan/ Fev/ Mar / Abr , nº 13.

Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Pope, C. ; Nicholas, M. (2009). *Pesquisa Qualitativa na atenção à saúde*. 3 ed. (pp. 13-19). Porto Alegre: Artmed.

Universidade Estadual Vale do Acaraú. (2012). Recuperado em 27 de Junho, 2012, de http://www.uvanet.br/documentos/numeros_e3a4655b7494f78bbe53b6ade215f23d.pdf.

Veiga, I. P. A; D'Ávila, C.M. (2008). Docência como atividade profissional. In: Veiga, D'Ávila, C.M (Orgs). *Profissão Docente: Novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas-SP: Papirus.

Zabalza, M.A. (2004). *O Ensino Universitário: seu cenário e seus protagonistas*. (pp. 105-178). Porto Alegre: Artmed.

APÊNDICES

CONDUÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistada: Elis Regina

- 1. Fale um pouco sobre a sua vida pessoal.**
- 2. Fale um pouco como é que você se formou professora? Como se deu o seu processo de formação?**
- 3. Como é que você percebe o seu percurso formador? Como se deu o seu processo de formação?**
- 4. Quando você entrou na educação superior recebeu apoio pedagógico como condição para lecionar no ensino superior? Como foi essa sua experiência?**
- 5. Como você se vê hoje como professora universitária?**
- 6. Você é formada em licenciatura plena? Como você percebe a sua formação na graduação, ela te preparou para você ser a professora que é hoje?**
- 7. E o mestrado contribuiu para a sua formação?**
- 8. Qual o seu tempo de docência superior?**
- 9. Você é capaz de perceber a sua relação com os seus alunos? como de dá essa relação?**
- 10. Você se identifica como professora- professora, professora-profissional, professora-pesquisadora, dentro da universidade.**
- 11. Todo o conhecimento e saberes adquiridos ao longo da vida interfere no seu ser e no tornar-se professora universitária.**
- 12. O que você é hoje reflete no ser professora?**
- 13. As práticas pedagógicas escolhidas caracterizam seu jeito de ser professora?**
- 14. Qual a sua profissão?**

CONDUÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistada: Alcione

- 1. Gostaria que você falasse sobre a sua vida pessoal (escola, graduação). O que foi importante?**
- 2. Percurso da vida profissional na graduação**
- 3. Como você tornou professora? como você se vê professora universitária? como percebe o seu percurso de formação?**
- 4. A universidade nunca promoveu curso de preparação para esses professores formados em bacharelado e sem experiência em docência superior?**
- 5. Você hoje se identifica como professora pesquisadora, professora profissional ou professor professor?**
- 6. O que significa para você ser professora universitária?**
- 7. Como você se apresenta na sociedade? Professora ou Advogada?**
- 8. Todo o conhecimento adquirido ao longo da vida interfere no seu jeito de ser, tornar-se professora?**
- 9. Como você se formou para ser professora? A experiência de aluna interferiu no ser professora hoje?**
- 10. O que representa ser uma formadora de profissionais e de professores?**

CONDUÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistada: Caetana

- 1. Como você se formou professora? Como pensa esse processo? Todo o percurso de vida e experiências?**
- 2. Todo esse rigor, rigidez interferiu ou interfere na professora que você é hoje?**
- 3. Como a professora Ivna identifica-se dentro dos três pilares da universidade: extensão, pesquisa e ensino?**
- 4. Quando perguntam a você qual a sua profissão, qual a sua resposta?**

CONDUÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistada: Iracema

- 1. Como foi sua história de vida (pessoal, familiar, escolar)? Quais os reflexos na sua identidade?**
- 2. Como você se percebe professora? como é a professora chrislene? seu processo formativo de ajuda? Você se identifica com que tipo de professor – professor, profissional ou pesquisadora?**
- 3. O que representa exatamente o que é ser uma formadora de professores e de profissionais?**
- 4. Você considera que na sua trajetória da especialização, mestrado e doutorado e PHD interferiu na professora que é hoje?**
- 5. Qual a sua profissão?**
- 6. Identificar-se como professora causa em sua vida satisfação?**
- 7. Ser professora universitária causa em você vaidade?**

ESCUTAS DAS NARRATIVAS DE VIDA

Entrevistada: Caetana

Data: 02/07/2012

Dia e hora: Segunda-feira- 11:00 - Manhã

Local: Cidade de Sobral

Idade: 44 anos

Como você se formou professora? Como pensa esse processo? Todo o percurso de vida e experiências?

A temática é muito instigante. Fazer esse mergulho, esse retorno a história para ir tentando identificar esses caminhos que vão organizando, estimulando as nossas trajetórias de formação e há um equívoco, eu diria que a formação, ela só é pensada, a partir do âmbito da escola ou da universidade. Para mim ainda permanece esses equívocos, por que acho que o processo formativo das trajetórias que você vai passando a própria relação familiar as experiências de vida cotidiana, tudo isso é um conjunto de elementos que eles vão te dando possibilidades de fazer leituras do mundo, da vida que vão desembocar em algumas decisões da vida. O início da minha trajetória como professora, hoje, é um caminho extremamente, não-linear. Eu não pensava em ser professora, mas ao ser professora, eu considero que eu tenho que zelar muito por essa condição de ser professora. É uma condição, extremamente desafiadora. Por que eu digo que não foi um caminho não-linear, por que do ponto de vista de querer ser pedagoga, não existia esse desejo, eu nunca me imaginei isso. 3. Quando veio para a UECE, para a interiorização da UECE, veio com um único curso que era a pedagogia, era exatamente o tempo que nós estávamos terminando o ensino de 2º. Grau no Colégio Estadual Virgílio Távora, que é o maior colégio estadual que nós temos e nós éramos tido como as intelectuais da cidade, a família intelectual. Nós tínhamos um problema, o meu pai é um pessoa que muito zelou por nós, ele não teve condições de estudar, mas fazia de tudo para que os filhos estudassem, tanto que ele ao chegar do trabalho, fazia uma fila com os filhos e passava um visto em todas as tarefas escolares, se estava errado, se não estava, ele ficava com uma régua grande de madeira e ele tomava a tabuada, era tarefa do meu pai quando chegava cansado do trabalho. Por que a primeira coisa que o meu avô fez quando ficou viúvo foi rasgar os livros deles, dizer que agora ele iria trabalhar. De certa forma ele vai canalizando esse significado, isso que foi rompido ele vai transferindo para os filhos. Sempre foram um pai e uma mãe que sempre se dedicaram a comprar livros, nós tínhamos coleções, livros, revistas, naquela época eles compravam as coleções. Comprava jogos, todos os filhos sabiam jogar xadrez. Então eles investiam muito nos filhos em educação. Não podíamos tirar notas baixas. Eu sou fruto desse rigor de estudar. Hoje eu não me arrependo, de ter participado disso, nós temos os nossos dramas, eu vejo que foi algo de um tempo, também, que fazia parte desse rigor, todos nós fomos muito formados nesse ambiente de estudar e de ler, de ter uma formação aprofundada, de sempre buscar coisas aprofundadas. Nós tínhamos um problema, papai achava que as mulheres não poderiam ir para a capital, pessoas da

universidade eram suspeitas na cabeça dele, até eu te digo que era como se fossem mulheres levianas, nós fomos eu não diria vítimas, mas fomos levadas a isso, então essa foi a opção que nos foi dada, estou falando isso para explicar a opção por pedagogia. Então era a única opção, eu fui fazer de forma engasgada, meio atravessada, mas depois passei a gostar.

Eu diria que eu tive bons professores, como uma professora do ensino fundamental que era conhecida pelo seu rigor em corrigir os alunos. Diziam, até, que o aluno que passasse por essa professora ele saia com uma postura correta. Esse rigor foi estendido até os cursos de mestrado e doutorado. Minha ida a Fortaleza foi diante do meu desejo em estudar, avançar no estudo. Fiz a minha especialização na UECE e meu mestrado na UFC, quando fui fazer minha inscrição no mestrado a fila fazia voltas no pátio da faculdade, e fiz a seleção sem nenhuma indicação e passei. Lembro que escolhi uma orientadora conhecida por ser muito rígida, todos diziam não era qualquer aluno que ela orientaria. Em um encontro em Caxambú, de educação, encontrei minha orientadora e tive a coragem de falar com ela e disse que gostaria de depois falar com ela e a resposta foi, no ceará nós conversaremos. Ali eu visualizei uma possibilidade e assim ela aceitou meu convite e fiquei como sua orientanda no mestrado e no doutorado. O rigor era tanto que ela não admitia que chegássemos atrasados. Uma vez um colega marcou com ela e atrasou cinco minutos, então ela disse que não o atenderia mais, pois o horário dele já tinha passado. Esse rigor, hoje, também adoto, sempre gosto de chegar mais cedo na universidade, o meu esposo é um pouco mais flexível do que eu. Gosto de esperar os meus alunos na porta. Quando me atraso eles pensam que eu tive algum problema. Meu pai quando marcava que deveríamos chegar às 10h00, caso chegássemos às 10h05 ele já dizia que da próxima vez não deixaria mais. Minha irmã que gostava de namorar mais do que eu, não ficava preocupada, eu era que cronometrava o tempo.

Todo esse rigor, rigidez interferiu ou interfere na professora que você é hoje?

A palavra rigidez vai muito para o lado da punição, eu diria todo o rigor que direciona mais para a disciplina, ordem. No início das disciplinas sempre tem conversas de corredores de que professora Caetana é rígida e alguns ficam assustados, só que aos poucos eles percebem que não é bem assim, o que faço é exigir deles que estudem. Tenho muita preocupação no meu papel de professora universitária, pois não aceito quando não tenho tempo para revisar minhas aulas, meus conteúdos. Gosto de aprofundar-me sempre, minha formação está em permanente ebulição, não gosto de ficar na superficialidade, procuro direcionar, dar sinais aos meus alunos sobre os conteúdos explicados. Essa rigidez vem da minha formação familiar, pois a minha casa sempre foi uma casa de muitos livros, tenho irmão editor, muitos livros eu já doe, outros trouxe para Sobral.

Como a professora Caetana identifica-se dentro dos três pilares da universidade: extensão, pesquisa e ensino.

Acredito estar inserida nos três, pois tanto tenho projetos de extensão, pesquisa e estou em sala de aula. Durante uma corrida que saiu do CCS e chegou até a Betânia, fiquei surpresa em receber um prêmio da professora que mais tem projeto de Extensão na faculdade. Ano passado tive um projeto de pesquisa aprovado pelo CNPQ e o relatório final foi entregue e aprovado em primeira instância. Me vejo dentro das três, pois o projeto que é estudado na extensão pode ser levado para a pesquisa e para sala de aula. O que me deixa muito preocupada, hoje, com a nossa realidade da universidade é essa diversidade de conhecimentos exigidos, até mesmo pelo CNPQ, quando o professor tem que produzir sobre qualquer coisa e escrever trabalhos em todo congresso sem aprofundar-se em algo. Eu não concordo com isso.

Para fazer o meu phd entrei em contato com os professores e programas e fui fazer, mesmo sem bolsa, só porque gosto muito de estudar.

Também, percebo uma grande importância nas trocas de experiências entre os cursos, até convidei alguns alunos da educação física para fazerem uma aula de 10 min, pois percebi que meus alunos chegavam muito cansados vindo de ônibus. Também, tive a experiência de receber uma entidade de bairro e levei-os a extensão e hoje tem um projeto de extensão sendo realizado com eles.⁷

Quando perguntam a você qual a sua profissão, qual a sua resposta?

Sou professora. Apesar de ter pensado em fazer direito, hoje sou feliz e realizada. Interessante, meu pai quando terminei meu doutorado ele disse : Pronto, minha filha agora você vai ser advogada. Eu disse a ele que era muito feliz com a minha profissão. Hoje, tenho dois sobrinhos médicos, um procurador geral que mora comigo, meu pai fica muito vaidoso, cheguei a dizer-lhe que existem outros sobrinhos que também exercem outras profissões, inclusive tenho uma sobrinha que está indo muito bem na carreira de publicidade.

ESCUTAS DAS NARRATIVAS DE VIDA

Entrevistada: Elis Regina

Data: 20/02/2012

Dia e hora: Segunda- 11:00 Manhã

Local: Cidade de Sobral

Idade: 38 anos

Fale sobre a sua vida pessoal.

Meu nome é Elis Regina .Sou de Sobral e a minha vida de estudo se deu toda na cidade, estudei 11 anos no Colégio A e os demais no B tenho 37 anos e ao terminar meus estudos no Colégio C, eu fiz um vestibular para área da saúde, fiquei nos classificáveis, não passei e então fiz o segundo fiz o que realmente queria , o curso de Educação Física. Começou o curso na UVA e lá mesmo, perto de concluir a graduação, iniciei uma Pós-graduação em Educação Física Escolar. E um quando comecei a trabalhar na escola, comecei a dar aula de Dança e iniciou uma nova especialização em Arte e Educação, uma parceria da Secretaria de Cultura do município de Sobral com a UVA. Fiz esse curso. Tínhamos direito a todos os módulos, dança, teatro, música e artes plásticas, mas eu consegui mesmo frequentar mais a dança, escolhíamos a nossa categoria específica e hoje estou, após entrar na docência superior, cursando um mestrado em Educação Física e Saúde na Universidade Católica de Brasília.

Fale um pouco como é que você se formou professora? Como se deu o seu processo de formação?

Na verdade, eu dizia muito que eu nunca me vi professora, nem mãe. E eu me descobri professora e mãe. Por que eu tenho três filhos (externou um sorriso). E o fato de ser professora é assim: eu tinha um prazer enorme de dar aula de dança. Porque eu já cursei os três anos do científico como bolsista da minha escola, porque eu dava aula de dança. Mas se me perguntassem se eu queria ser professora, eu dizia: de jeito nenhum, eu queria dançar. E aí, já no Colégio SanT'Ana, nas datas comemorativas, eu era quem coreografava o grupo que se apresentava no dia das mães e tudo mais. Então, a Bida (pessoa que trabalhou, como iniciante na inserção do Educador Físico na estratégia Saúde da Família aqui em Sobral) ela me disse recentemente, que eu dava aula de dança com 11 anos de idade. Se dissessem você quer ser professora eu dizia que não. Mas, na verdade eu era professora. Eu nunca sonhei em ser , mas era assim que acontecia. Então, de repente me fizeram um convite para ir para a Universidade ministrar uma disciplina de dança que já estava na metade, pois a professora substituta que estava havia pedido demissão do cargo e me perguntaram se eu poderia assumir. Eu tremi nas bases, quase dou um troço, mas fui por ser uma coisa que eu amava. E aí, já era o final da disciplina, eu pensei em uma estratégia, foi quando eu iniciei a ideia das

apresentações. Eu pensei: poxa, eles passaram tanto tempo estudando esse assunto, eu tenho que ofertar algumas vivências, e nós fizemos esse final. Foi a minha primeira experiência. Meio assustada, porque bibliografia em dança não tinha. Eu disse: estou no ensino superior, eu preciso ler. Porque até então, eu pratico, mas eu não lia. Né. E aí, eu notei que esse convite foi feito, porque os alunos revelavam uma defasagem nas experiências com dança. Eles não gostavam do que a professora tinha para oferecer. E eu percebi que a pessoa que me convidou, foi por conhecer a minha vivência prática naquela área. Então, na verdade começou assim. O meu debruçar nos livros, pensando em estar tendo a certeza de estar no ensino superior, começou por aí. Me vi, meio sozinha. Tive contato com a minha ex-professora de dança, mas não me senti muito acolhida. Mas, a professora de dança que veio para a especialização em arte e educação, fiz contato e ela conversava e dava referencial bibliográfico, livros. Até, os livros de Educação Física que ela lia, dizia que era interessante. Eu fui meio que Tateando sozinha. Não tinha muita gente para conversar, como eu disse, a minha área, não tinha muita bibliografia. E na cidade não tinha ninguém que eu identificasse. Ah, o fulaninho vai poder contribuir. Porque eu visava muito a metodologia do ensino da dança, que era a disciplina que eu assumia, até então. Então, foi mesmo procurando, vendo nos referenciais daquilo que eu lia, de quem os autores estavam falando, comprando livros, e fazendo leituras e fichamento e aí aprendendo, assim, errando de vez em quando.

Como é que você percebe o seu percurso formador? Como se deu o seu processo de formação?

Na verdade, eu identifico esse estudo muito angustiante e muito individual. Dentro do Curso de Educação Física, que apenas aonde eu ministrei aula. Nós temos um bom convívio, com os meus ex-professores, mas em relação a essa troca, essa contribuição de um com outro. Eu não lembro ter vivido.

Quando você entrou na educação superior recebeu apoio pedagógico como condição para lecionar no ensino superior? Como foi essa sua experiência?

Isso me serve, muito, para hoje eu observar os que estão chegando. O que eu poderia fazer com eles para que fosse diferente? Porque eu aprendi com os meus erros, literalmente. Porque era a disciplina que acabava e eu analisava, o que foi bom e o que não foi? Algumas que eu tinha a coragem de me expor e fazer um questionário no final e escrito, para que, o que foi bom da disciplina e o que não foi. E foram nessas avaliações que eu ia modificando. Porque, ter encontrado um apoio pedagógico, eu não encontrei. Eu vivi a sensação da solidão. De estar sozinha. O que eu queria, era que alguém indicasse na minha área, o que eu deveria ler. Muita coisa funcionou pelo bom senso. Hoje, eu me identifico, assim: eu não sei como funciona o professor (pensou em como poderia dizer....) eu encontro a relação de ser professor, é ser um cidadão, uma pessoa decente, uma pessoa ética. Eu acho que isso tem muita relação. Eu até conversando uma vez com o nosso amigo, o professor do Curso, ele disse: ser professor é ser pai, ser mãe. E eu identifico isso. Muita coisa, eu fui pelo meu bom senso, por aquilo que eu identificava ser bom ou ser ruim. Eu fui conduzida por esse senso. Que já fazia parte da formação como pessoa, da minha educação. E eu fui ficando com aquilo que eu identificava de bom e a parte científica eu ia lendo, identificando que existia um saber que tinha que ser repassado para os meus alunos, e o nível de compromisso que eu tinha com essa formação. E eu vivi, quando você fala dessa solidão e do professor se sentir só, eu identifico no meu processo essa solidão. Eu não lembro do apoio da coordenação, de alguém... isso não existiu. Fui aprendendo, tudo era uma pista. Nas reuniões do colegiado, algumas coisas que conversavam com os mais experientes, algumas coisas eu guardava e fica

comparando e tentando aprender, ia em busca. E foi assim que se deu meu processo de formação.

Como você se vê hoje como professora universitária?

Hoje, eu me encontrei mãe e professora. (Risos) Acho que eu era uma professora em potencial e não sabia. Por que eu fico, hoje, analisando o meu comportamento na minha casa, tudo que eu vou conversar com as pessoas, eu fico explicando e mostrando e isso é uma característica própria do professor. Explicar compassadamente, com sequência para que as pessoas possam entender bem aquilo que você está querendo dizer, aquilo que você está querendo ensinar. Hoje, eu tenho um prazer enorme, um cuidado, ... Mas, foi muito interessante, no começo eu dizia para os meus próprios alunos. Teve um momento que eu não sabia se eu era aluna ou se eu era professora. Assim que eu saí da universidade, eu voltei como professora, com pouquíssimo tempo. Mas, eu consegui pegar umas coisas que me foram positivas, tipo: eu quando aluna, o que eu gostava e não gostava? Se eu fosse aluno como eu acharia bom o ensino desse conteúdo? Então, hoje tenho uma relação com os meus alunos, bem à vontade, identifico que isso não me dá status, não me faz diferente deles, porque o conhecimento, se eles tiverem uma dedicação, eles daqui a pouco eles avançam dos nossos níveis. Porque, hoje eu tenho família e esses meninos que a pouco, não tem tanta responsabilidade e se eles abraçam a causa do conhecimento e do saber, eles avançam. Eu tenho uma relação muito natural com os meus alunos, sabendo dividir o momento da brincadeira e do estar à vontade, como o momento de levar à sério e de saber escutar, né. Eu conduzo as minhas aulas dessa forma e tenho um prazer enorme de dar aula hoje. E percebo que aprendi muito com as minhas experiências passadas (com as minhas, mesmo). Ah! Uma coisa que eu lembrei: As aulas. Eu me lembro um fato, quando eu fiz essa especialização em arte e educação, um professor maravilhoso que chegou na sala, ele conversava com a gente e o tempo passou rápido e então comecei a fazer uma relação dos professores que eu olhava e que eu ficava angustiada e não vendo a hora do tempo passar, como uma vez eu fui para uma palestra na Universidade e o Cara era PHD em alguma coisa e sentou numa mesa, baixou a cabeça e passava os slides, lendo algumas coisas. Então, conhecimento, eu fiquei me questionando para que servia. O homem tinha o título, né! De PHD, naquele momento, a gente olhava para a plateia e pairava aquela sensação e as pessoas incomodadas, com uma coisa ruim. Aquele momento era para ser prazeroso. Eu fiz uma relação... (foi interrompida)

Você é formada em licenciatura plena? Como você percebe a sua formação na graduação, ela te preparou para a professora que é hoje?

Não. A minha graduação não preparou. Apesar de ser identificada como licenciatura plena, a formação em Educação Física ela era muito voltada para a prática. E hoje, penso e identifico que tanto a área formal, com a não formal, é para você ensinar, para você estar perto de alguém, ensinando alguma coisa, orientando. Vamos dizer assim, porque o professor da academia, ele orienta muito, mais do que ensina, como o professor da escola. Acho que a metodologia de alguns saberes que são pensados só para a licenciatura, eles são muito úteis, como abordar uma pessoa, como perceber, se relacionar e tratar bem. Acho que, não sei se caberia até comentar, mas eu identifico que a formação deveria ser única, não concordo com esse rompimento da licenciatura e do bacharel. Mas, a minha graduação não me preparou para ser professora. Inclusive, o meu primeiro contato com escola, quando eu comecei a trabalhar, assim, no ensino, na educação, via CREDE 6, fui para uma escola. Todos aqueles processos que o professor deveria cumprir conhecimentos da LDB, eu não conhecia.

Pedagogicamente, você sentiu falta?

Uma falta grande!!! A partir de então que eu fui ... essa formação que eu fui buscar não iniciou , literalmente, já no ensino superior, não . Foi no meu contato com a escola, mesmo , quando fui como professora de Educação Física.

As suas especializações lhe formaram para ser a professora que é hoje?

Elas me colocaram em contato com a ideia de ministrar aula, com algumas apresentações, conhecimento. Dentro da minha especialização começou a ter uma relação mais aproximada de teoria e prática, que na graduação, não lembro muito. Mas, também, vou dizer algo que me questiono? Que é nossa faixa etária. A cabeça que temos na graduação, que se vive, o grupo de amigos, descompromisso e a cabeça que eu estava, a minha forma de ver as coisas quando eu comecei a trabalhar. Bem diferente. Eu, particularmente, dentro da graduação se teve esforço do professor , não ficou para mim. Lembro-me, fazendo uma relação na minha graduação com muitas vivências práticas . Mesmo no coletivo mais técnica do que pedagógica.

E o mestrado contribuiu para a sua formação?

Eu ouvi muito as pessoas dizerem que: eu saí da graduação sem aprender nada. Eu saí da especialização sem aprender nada e quase eu digo isso do mestrado. Porque é superficial, se briga com o tempo, são tantas horas para serem ministradas naquele período. De certa forma é cansativo, não aprofunda muito. Eu identifico que esse aprofundamento , esse processo de aprendizagem , essa busca é muito do indivíduo. Hoje, eu digo, ela não vem de fora para dentro. Eu que busco porque me interessa. O meu nível de comprometimento com aquilo que eu faço. Eu digo que você pode ser formado na melhor universidade do mundo, mas, se você não tem o compromisso ético com aquilo que faz, isso não modifica. O seu nível de ensino, a sua qualidade, principalmente, no serviço público, que às vezes, você adquire estabilidade e isso lhe confere o direito de ser do jeito que você quer ser e acabou. Identifico, hoje, que essa relação, não adianta ter o melhor curso e não ter comprometimento o que faço. No mestrado, fui descobrindo isso. As disciplinas passavam por mim e não conseguia aprofundar aquilo que já fui com defasagem. Eu achava que a disciplina me ajudaria a saber mais. Dependendo do meu nível de leitura, ela passava por mim desapercebidamente. Apesar que o nosso primeiro professor sugeriu uma leitura de uma dissertação abordando o professor do ensino superior, esse professor chegava ao ensino superior sem uma metodologia apropriada, não sabia ensinar. Tinha o título, que a universidade exigia, mas não sabia ensinar e aqueles que sabiam ensinar ficavam nas escolas porque não tinham tempo para conciliar a rotina da escola com o aperfeiçoamento, comprovando que o professor universitário não tinha a didática, faltava a parte pedagógica dele. Ele não teve a experiência, apenas estudou como aluno até ter o título de doutor , que as universidades exigiam para você passar nos concursos. Lembro-me bem dessa dissertação e foi um desbravar de ver a minha realidade identificada com aqueles escritos, porque eu não tinha , eu uma especialista ingressante na docência superior através de concurso público com titulação mínima de especialista. Mas, eu tinha experiência sem o nível exigido.

Qual o seu tempo de docência superior?

Foi professora convidada por quase um ano e depois fez dois concursos como substituta, tempo de quatro anos que já se soma cinco. Quando foi chamada para o efetivo, que já tem três anos. Total de oito anos.

Como você se percebeu nesse percurso como efetiva?

Nós temos vários nomes de temporária na escola. É muito diferente a relação que nós temos com esse trabalho. Antes eu me dividia em várias coisas. Lembro-me que ao passar no efetivo, a primeira coisa que me preocupei foi de comprometimento e de estabilidade. Vejo que hoje conheço mais a instituição em que trabalho. Tenho dedicação de tempo para aquilo que faço. Consegui desenvolver projeto de extensão, aluno monitor, foram abrindo as possibilidades de estar em contato com a pró-reitoria de extensão. Isso tudo trouxe uma qualidade maior ao meu tempo de permanência na universidade. Diferente do tempo do substituto, quando dividimos o nosso tempo com várias atividades, porque aquilo não será uma constante na vida, apenas um passa tempo. Pelo menos para mim, quando substituta não tive um nível de comprometimento que tenho hoje. Era algo que terminava em dois anos e eu tinha a minha família e minhas responsabilidades. O que identifico mais forte é que a minha qualidade de trabalho modificou muito pelo comprometimento maior. É um mundo de possibilidades, você ir em busca de um edital, de uma parceria. Percebo uma melhora até mesmo na qualidade da minha aula.

Você é capaz de perceber a sua relação com os seus alunos? Como de dá essa relação?

Recordo que dentro dessa minha formação muito sozinha, tinha uma coisa que eu gostava. A minha relação com os alunos. Eu chamava de vínculo afetivo. Que eram bom. Nós conversávamos, brincávamos, e teve um tempo que me questionei se era preciso ter ou não esse vínculo. E com tempo me respondi que é sim importante. É bom tentar despertar uma relação amigável entre o professor e o aluno. Deixando-os à vontade para questionarem, perguntarem, sugerirem. Eu procuro ter essa relação. Encontro, hoje, o porque da apresentação da disciplina onde cada aluno diz seu nome, naturalidade, para que o meu cuidado com ele durante a disciplina possa ser diferenciado ou não. Nas estratégias de avaliação sugeridas, nos trabalhos, percebendo que é de foram, para escolhermos a melhor forma. Eu fui aprendendo com isso tudo. Para construir uma relação mais saudável. Não só de formadora e o aluno no processo de formação. Mas, percebo, principalmente, no primeiro período que eles estão vindo da escola, percebo que muita coisa fica emperrada, pois eles não se sentem à vontade. Tem o professor como aquele que vai passar o dever, o que tem para fazer e acabou. Enquanto o professor vai abrindo As minhas disciplinas são disciplinas em que os alunos podem contribui muito. podem ficar bem para falar as suas verdades. Não são conteúdos sistematizados, amplo. Quando se fala de linguagem corporal, a dança, discutidas dentro das disciplinas, essa relação eu procuro, acho que tem o vínculo que tem hoje. É importante quando o aluno sabe que pode se aproximar do professor e pode contribuir. O professor, também, ao sentir que agrada, que aquele momento da sala vira um momento prazeroso. A cada semestre nós temos um grupo diferente, então muda muito. Nunca uma mesma estratégia consigo aplicar igual ao outro. Os alunos é que pegam a proposta e dão vida a proposta, varia muito. Procuro ter uma relação aproximada tentando que aquele conhecimento científico que precise ser repassado, ele também encontre uma recepção.

Você se identifica como professora- professora, professora-profissional, professora-pesquisadora, dentro da universidade.

Vou falar com um querido professor , não me sinto bem em saber que estou formando somente profissionais. Tento ampliar a minha docência de uma forma mais integral. Trazendo situações éticas da profissão, humanas, questionando os alunos e pensando junto com eles. Coisas que temos respostas e outras não. A professora-pesquisadora nunca tinha me visto, mas vivido intensamente por conta do mestrado, tenho achado maravilhoso. E penso: será que dentro da universidade nós conseguimos ser e dar a pesquisa, o ensino e extensão com tanta eficiência abraçando as três áreas. Tenho achado muito difícil. Estou fazendo meu mestrado trabalhando, não pretendo fazer o doutorado nesse formato. Pretendo avançar, pois adorei essa ideia de descoberta, procurar entender, mas tem sido um caos para mim, fazer um mestrado trabalhando, não é fácil. Compromete a qualidade da pesquisa. Como professora-pesquisadora tenho inaugurado esse momento com o mestrado. Identifico-me como professora-professora numa visão integral , tanto da categoria e percebendo pessoas. As três dimensões pesquisa, extensão e ensino são importantes. Questiona que essas três dimensões sejam importantes para o professor, mas hoje diria que as três não podem ser realizadas bem. Não sei como deveria ser pensado nessa dinâmica, desse realizar dentro de cada curso. Hoje, não identifico realizar bem essas três funções. Professora-professora é o mais presente.

Todo o conhecimento e saberes adquiridos ao longo da vida interfere no seu ser e no tornar-se professora universitária.

Todo essa bagagem influencia na minha prática docente. Percebo uma relação direta. Todas as experiências, todas as dificuldades vividas, a minha docência ganhou com isso. Com a maturidade. Não sei se poderia chamar de bagagem cultural, aquela que adquirimos com o tempo, ela contribui, diretamente, com a minha docência, o meu jeito de ser professora, minha forma de ensinar. Eu identifico que elas desenvolvem juntas. Tenho procurado falar isso na aula de dança. Tive uma aula de dança voltada para o Jazz, balé, sapateado. Dentro da especialização tive uma experiência mais aproximada com a dança contemporânea, ela exige de você não reproduzir aquilo que está pronto. Exige que você pense, descubra, experimente. Toda essa relação com a dança contemporânea aconteceu com um período na minha vida de constante mudança . Consegui perceber de uma forma tão real ,como a realização dos meus movimentos na dança eles sofriam reflexos da minha dinâmica da vida , daquele momento difícil, de superação , de dor algumas vezes. Então, trago essa relação para o que você perguntou. Percebo que o meu nível de maturidade na vida, os meus valores morais adquiridos durante todo o processo de educação familiar , em outros níveis sociais, eles hoje estão presentes e contribuem para o meu jeito de ser professora.

O que você é hoje reflete no ser professora?

Não tem como separar. Não posso ser ética na vida social e antiética na vida docente, ou vice-versa. Não consigo separar a relação do que tenho na vida pessoal para a vida docente. Essas coisas caminham juntas. O que sou na vida real , sou na vida docente.

As práticas pedagógicas escolhidas caracterizam seu jeito de ser professora?

Os alunos participam das avaliações. Respeito meus valores. Não sei se tenho uma identidade pedagógica. Um exemplo: sou muito maleável, não sou carrasca, acho que as pessoas tem direito de errar. Uma coisa que identifico com o tempo de docência foi que algumas estratégias foram modificadas. Também não benéfico para o aluno ser muito maleável com ele, passar a mão na cabeça, aprendi que quando você é um pouco mais cobrada aquilo se

torna um benefício mais na frente. Isso eu aprendi. Vou até as minhas estratégias e modifico para realizar as atividades. Procurando uma educação mais humanizada, que acredito, mas também, sem ser muito mãe. Não sei se já tenho uma pedagogia própria daquilo que eu seja, acredita.

Qual a sua profissão?

Sou professora.

ESCUTAS DAS NARRATIVAS DE VIDA

Entrevistada: Iracema

Data: 06/07/2012

Dia e hora: Sexta-feira- 09:00 - Manhã

Local: Cidade de Sobral

Idade: 41 anos

Como foi sua história de vida (pessoal, familiar, escolar)? quais os reflexos na sua identidade?

Ficar nessa memória e juntar com a profissão, aparentemente é fácil e ao mesmo tempo quando pensamos, por onde começo? A memória não tem começo, nem fim. Eu sou Paraense, a minha formação é em História. Estou no Ceará basicamente, a minha ação docente é cearense. Cheguei à Sobral 1994, dei aula em Fortaleza três meses, substituindo professor no ensino médio e, em abril de 1995 assumi na UVA, por conta da formação em Licenciatura em História. Morei em Belém até os vinte e dois anos e toda a minha formação é de escola pública. Só estudei duas escolas particular na alfabetização, pois na década de setenta a família era responsável pela alfabetização. Fui para a escolinha particular e entrei com seis anos na primeira série, já estava alfabetizada e depois quando terminei o ensino médio, em 1988-1989- fui fazer cursinho. Em 1990, passei na Universidade Federal do Pará, em História, na época era licenciatura e bacharelado. Em quatro anos consegui terminar os dois cursos. Lembro, assim, a escolha da profissão no início da adolescência, da vida jovem. Passei por várias mudanças, na infância eu queria ser comerciante, pois tinha o desejo de pegar logo no dinheiro, todos os dias. Para sair da pobreza, sou da periferia de Belém e queria uma situação melhor. Fui educada que era pelo estudo que tinha de vencer. Tinha esse compromisso. Meu Pai dizia que ia nos ensinar . Ele tinha o segundo grau e minha mãe só tinha o ginásio e depois de adulta, lá pelos quarenta anos foi que ela concluiu o ensino médio. Meu pai dizia: vou ensinar vocês até onde eu sei e o mais vocês serão mais do que eu. Nós somos quatro irmãos, dois seguiram, efetivamente, o caminho do estudo, tivemos a sorte de seguirmos o recado e seguir. Depois, quis ser médica, mas descobri ter medo de sangue e seria muito sofrimento, pensei: não dá. Digo, então vou ser administradora, juíza, e depois , no cursinho tive três professores brilhantes de história. Olhei para eles e disse: eu quero isso. Engraçado que no segundo grau, sempre dizia que não queria ser professora, porque vou estudar muito e ganhar pouco, ainda pegar problemas de alunos, pois na época eu era de movimento estudantil, sabia todo o processo. Pensei que merecia mais do que isso. Até então, meu pensamento era no aspecto financeiro, pensava em escolher uma profissão que desse mais dinheiro. Mas, lembro que a minha geração brincou muito em quintal na casa da avó com os primos e era comum brincar de professora, eu adorava era uma brincadeira que ia para o quadro. Na oitava série eu era monitora do professor de português e de matemática, adorava ir para o quadro e ensinar aos meus colegas, dizer que eu sabia. Achava isso muito legal. Acho que isso vai costurando e vai dando o start que decide aquilo que você vai ser. Quando

vi aqueles professores e percebi que poderia andar no tempo, sem utilizar nenhum texto na mão dessa forma. Pensei: vou ser professora. Então comecei a ver a profissão diferente, percebi que eu tinha jeito, por gostar estudar, de ajudar e ser oportunidade de crescimento. Tinha uma outra questão, na década de noventa final de oitenta, em Belém, só tinha uma faculdade privada, que eu sabia que não poderia pagar, então eu tinha que estudar muito e passar na federal. Ainda entrava na questão das vagas. Tinha que escolher um curso que fosse fácil acesso e também aquilo que eu gostasse, pois aprendi na vida que nós temos que fazer aquilo que gostamos, se encontrar e ser. A História juntou de não ser tão concorrido, já tinha abdicado do direito, estava entre administração e História. Administração eu gosto muito, fiz o ensino médio em técnico de administração. Quando passei no vestibular, percebi que o curso era mais encantador do que eu imaginava, os professores eram maravilhosos. A história marxista que aprendi no curso estava defasada, hoje já tinha um outro universo que agente poderia transformar o mundo sem necessariamente destruir ninguém, porque a leitura do marxismo era destruí e pela opressão os dominadores, a classe subalterna poderia adquirir a força. Quando comecei a ver que sem a força, nós conseguíamos pelo campo das ideias, pensei estou no caminho certo. Percebi que tinha me encontrado. Lembro bem que sempre gostei de ler paredes, nas universidades federais todas as informações de congresso e de tudo está nas paredes e tinha um concurso para uma cidade no interior de São Paulo, eu disse: nossa eu gostaria muito de me formar e trabalhar no interior para ver como eu poderia fazer a diferença no lugar. Isso foi no primeiro ano do curso, depois vamos aprendendo as coisas e tudo vai sendo diluído. A minha família é muito urbana, para mim interior era só passeio e férias. Entendia meio como uma missão, gosto, qualidade de vida, mas na época não ficou bem definido. Na época o curso de História era de quatro anos, tanto para licenciatura como para o bacharelado, houve um drama nesse período, minha mãe morreu de infarto fulminante, foi muito difícil terminar o curso (emoção na fala), mas consegui e percebi que já não dava para ficar em Belém e conviver em um lugar sem a presença da minha mãe. Era melhor viajar, sair e então passei em um concurso em Macapá, para lecionar no ensino médio, no estado do Amapá, migrei em 1994, nessa migração fiquei seis meses e namorava a três anos com um rapaz de Fortaleza, nós fazíamos parte de movimento estudantil e nos conhecemos em Curitiba, ficamos namorando a distância. Quando terminei o curso perguntei se poderia ir para o Ceará, ele balançou e, então, resolvi priorizar a vida profissional e parar um pouco a pessoal, deixei a vida me levar. Fui para Macapá e depois ele foi me buscar, deixei o concurso e vim para o Ceará procurar trabalho. Nesse processo de três meses passei no concurso da UVA que era também a perspectiva que já tinha de algum dia morar no interior. Essa experiência no início foi muito difícil. Eu queria ser professora universitária, a educação básica foi apenas o início. Trabalhei com quinto e sexto ano, em Belém. Lindo, maravilhoso, trabalhar com essas séries, faz parte da docência. Agente se potencializar e saber trabalhar em diferentes faixas etárias. Mas, meu desejo era ensinar na universidade. Quando passei fiquei muito feliz, até porque eu só tinha a graduação, a LDB não era a 1996, e só com a graduação era possível ingressar na universidade. O início foi difícil e interessante porque eu era professora com espírito e cara de aluna, pois na minha sala eu tinha alunos de trinta e quarenta anos. Então, fazer chamada e ficar na cobrança da chamada era complicado, pois achava que ir i vir, alguns disciplinamentos da profissão ainda era de aluna, foram alguns golpes e como fui entendendo a profissão e saindo da etapa de ser aluna, porque até então, todo o meu convívio escolar é como aluna e de repente eu mudo meu papel e já não o sujeito que está aprendendo e sim aquele que está formando. Sabia que tinha instrumental, mas não tinha a prática. Teve um acontecimento na UVA de uma senhora que era quase jubilada e ela estava matriculada e fazia abortos clandestinos e ela matou uma moça num desses procedimentos e ela disse que estava em aula. A sorte é que o professor nesse dia fez a chamada e ela realmente tinha faltado. Esse professor costumava dar presença para todo mundo, pois ele

pensava que o aluno deveria ter o interesse de estar e aprender. A partir desse fato conversamos no colegiado do curso o quanto era importante e seguro para o nosso trabalho nós termos o controle da frequência e aprender a fazer e a nossa responsabilidade com a sociedade. De repente o juiz pediu o diário e disse ser um instrumento de prova, se ela estava ou não em ato ilícito e criminoso. Foi ,na época, um susto e percebi que a responsabilidade era grande e muitas vezes no início de carreira ou até mais velhos, nós não conseguimos e mesmo sabendo que o aluno é adulto e escolhe o que quer aprender, mas tem a responsabilidade do professor com aquele indivíduo, sujeito que está em sala de aula. Assim foi todo esse processo. O que mais me chamou atenção na educação superior era que eu poderia continuar estudando. Dava a sensação de quando mais agente estuda, melhor ficamos na profissão. Fui entender que eu poderia receber estímulo, incentivos. Resolvi fazer uma especialização, professor que se entrega a profissão ele precisa estudar muito e nesse sentido a UVA me ajudou muito, a gestão do Teodoro. Eu digo nós, os professores da primeira e segunda leva de concurso da UVA. Houve muito incentivo para os professores saírem para especialização, mestrado, doutorado. Na hora que abria oportunidade, eu me inseria para qualificação. Naquela época podíamos sair oficialmente ou não. Hoje, só com autorização. Era ajustar só ajustar o grupo que queria sair e o colegiado segura as pontas. Foi nesse caminho que segui da especialização, para o mestrado e depois doutorado. Terminei meu mestrado em julho de 2000 e já passei na seleção de doutorado na UNICAMP. Fui fazer doutorado com liberação total, o mestrado foi liberação parcial. Para alguns colegas era uma crítica grande, pois como era que eu mantinha uma condição de trabalho e estudava, como ficava a qualidade do estudo e do ensino, pois o professor tem ser liberado total e os direitos do docente na sua formação. Era sobrecarregar, mas eu tinha interesse em continuar para me qualificar mais rapidamente. Nessa etapa de construção, de juntar informações, é o que gosto de ser. Se paralelo a isso me apareceu outra formação profissional, não consegui ver. Quando eu voltei do doutorado outras possibilidades se abriram, como ser avaliadora do MEC , na época só poderia doutores, hoje podem ser mestres. As publicações que foram surgindo, através do edital de cultura e publicações, no final de 2005. O INTA começou a crescer e souberam que eu era doutora e me convidaram , na época eu era DE na UVA e abdiquei para um novo projeto de criar um curso de história privado no interior. Até hoje é o curso que temos. Para mim foi outro desafio e uma nova etapa da docência, principalmente, atuamos em quatro pontos, ensino, pesquisa através da publicação de artigos, pois ela está *sine qua non ao ensino* garantindo a qualidade do processo ensino aprendizagem, o terceiro seria a gestão- já tinha experiência na gestão de cinco a seis anos na direção do centro de ciências humanas, órgãos de assessoria, e quarto no sindicato que também é uma atuação docente, pois a equipe do sindicato são os próprios professores. Faz parte do ofício. Esse foi o único campo de atuação que não me permiti entrar, talvez pela rotina de trabalho, questão ideológica ou por achar que não posso contribuir tanto. Sempre fui de movimento estudantil, mas a minha linha nunca foi radical e talvez por isso eu não consiga congrega num grupo de sindicato, tem que ter todo um perfil, suas intervenções. Mas, nas outras três dimensões da docência, eu me sinto bem a vontade. Lembro, nesse semestre reencontrei alunos da minha primeira turma, em 1995, lembro que naquela época eu tinha duas turmas, uma que eu tinha a alegria de entrar na sala e outra, eu sentia que nem eles sentiam-se a vontade, imagina eu. Foi uma experiência muito difícil, pois essa turma era de Estudo Sociais, de um outro curso, na hora que eu comecei a trazer leituras, foi um choque muito grande, eles não conseguiram fazer as leituras e eu não tive a tolerância de compreender o momento de jovialidade deles. Também, foi a única turma que eu senti esse impacto, nas outras sempre foi tudo bem. Quando começa, eu consigo adaptar, melhorar o clima, mas esse primeira foi difícil, como todo primeiro ano de formação profissional. Então, relembrei e nós não falamos no assunto, eu mesmo que exercitei para passar outra imagem para eles. Pois, cada professor pode ter trinta anos quando

entra em uma turma agente projeta uma imagem, nunca posso ter a mesma desenvoltura, pois os personagens são outros e o professora também sente essa mudança. Sempre digo aos meus alunos, posso ter três turmas com a mesma disciplina, na hora que entro cada uma as reações são diferentes, uma turma pode gostar, a outra não. Essa é a experiência de me encontrar pelo prazer de estar em sala de aula. Como a sua discussão é sobre identidade e quando agente se reconhece sendo e eu me reconhecendo plenamente na função de educadora, inclusive em um outro recorte. No século XXI nós temos acesso a muita informação, o trabalho é também de intermediar essa etapa. O professor ganha muito tempo com a informação que os alunos tem. O que não podemos trabalhar e eles também.

Como você se percebe professora? como é a professora Iracema? seu processo formativo de ajuda ?você se identifica com que tipo de professor – professor, profissional ou pesquisadora?

Estou em dois, o terceiro vou começar a construir agora nesse semestre. Creio que eu seja a professora que gostaria de ser. Estou em construção, penso já ter evoluído bastante e como percebo isso pelo prazer e satisfação quando termino algumas disciplinas, também pelo feedback dos alunos. As avaliações institucionais, elas são panorâmicas, são sempre positiva e vejo uma impessoalidade quando apenas se escreve, se preenche um formulário, é o que a UVA solicita ao aluno. Mas, fico muito satisfeita com o resultado positivo. Mas, a linguagem dos alunos quando colocam sobre a amizade, compreensão, porque me vejo como pesquisadora por gostar, tanto pela ascensão funcional, publicação, mas também pela descoberta, as orientações da iniciação científica me ajudaram muito a levar os alunos a serem pesquisadores sempre atrelando o processo de como transformo isso numa linguagem mais acessível. Nesse semestre vou entrar numa outra linha que não da pesquisa e sim da iniciação, mas vejo que é tanto de ensino quanto de extensão, que é o PIBID, colocar vinte alunos no ensino médio, para estarem dialogando nessa formação e debate com os professores que serão os supervisores deles na escola. Não é estágio, é uma iniciação à docência, que é também uma extensão. Coordeno um laboratório desde o semestre passado, de ensino aprendizagem, é exatamente esse recorte, os grupos de pesquisa estarão pesquisando dentro dele, mas não é um grupo de pesquisa, como vira um serviço de orientação docente? É uma loucura de olhar o universo de produção cultural e encontrar jogos, livros para o ensino de História, os alunos perguntam onde encontro esse material. Essa etapa de ver que tipo de profissional se vai construído e o que vai ser. Porque uma das coisas que tive muito receio, quando voltei do doutorado de uma instituição com nota sete, nota máxima no Brasil que é a UNICAMP, a tendência é quanto mais os professores estudam mais distantes eles ficam dos alunos. Esse receio eu tinha e não gostaria de me transformar nesse profissional. Como eu poderia transpor a linguagem para que meu aluno não me visse distante, apesar de saberem que a sua titulação dava um grau de estudo, eles imaginam a quantidade de livros que eu li, e muitos desses livros eu passo para eles e os incentivo que eles são capazes. Foi a sensação que eu tive na UNICAMP. Na época da graduação eu já sonhava e lia os historiadores da UNICAMP, na linhagem francesa, eu queria ter nascido lá, para ter estudado lá e o sonho só foi realizado no doutorado. Lembro que na UNICAMP eu via os autores dos livros que eu lia e tinha a alegria de pensar que eram os meus livros andando. Eu fica de boca aberta de vê-los andando, ficava admirada, bem coisa de periferia mesmo, de quem vem do Norte que consome livros do sudeste e acha que a melhor capacidade de produção está lá e nós somos apenas consumidores. Na hora que me vi lá, ouvindo-os, percebi que os acompanhava, comecei a ver que dava certo. Mas, a melhor experiência que tive de docência, forma os dois anos que tive na UNICAMP de PED (programa de estágio docente), como eu estava afastada de sala de aula, quando abriu vaga o meu orientador, Edgar Bebeca, ele acatou. Dei aula para História e

Ciências Sociais. A minha primeira turma logo que eu passei livros, eles não reclamaram que iriam ler livros, já me assustei. O que está acontecendo aqui? No Ceará passar um livro, é uma confusão. Os alunos falam que vão quebrar, não conseguem ler, vai sair muito caro, toda uma reclamação até convencer ou quebrar o livro todo para cada equipe ler capítulos de livros. Isso nós temos que adotar em algumas realidades. Em São Paulo, ninguém reclamou. Tudo bem, vamos para o seminário. Na época programada para o seminário, eles deslocaram a aula para um auditório e estavam mexendo no data show, que há onze anos era um recurso de luxo, de oito, dez mil reais. E eles numa desenvoltura, apresentando no palco, dando palestra. E eu pensando: tem alguma coisa estranha aqui, tenho que descobrir o que estava acontecendo. Então comecei a pensar na trajetória de vida deles e formação. Eles estão no Sudeste, quando eles consomem os livros, eles são fabricados lá no Sudeste, os da educação básica. Eles conseguem absorver a ideia de que eles tem a responsabilidade de produção, a cultura de quem estuda, publica e faz, isso se passa consciente e inconscientemente, eles tem a segurança que com certeza os professores passam. Tem a indústria cultural.... Quando eu voltar, tenho que começar a escrever, porque todos os alunos se espelham nas ações dos professores que admiram e vão se tornar capazes de fazer. Na hora que voltei já pensei em publicar não só preocupada com a minha titulação, mas com nós não temos uma indústria cultural aqui, isso leva tempo, mas o poder da sala de aula é transformador, eu consegui um grupo de pesquisa que já dura desde 2005, sobre História social e Memória, tive quatro alunos de iniciação científica e fui congregando mais alunos e então escrevemos um livro sobre História Social de Sobral, eu organizei com outro colega e nós juntamos doze trabalhos, depois os documentos que eu pesquisei para o doutorado, eu transformei em livro e o segundo já está no prelo e agora a minha dissertação de mestrado está para ser publicada pela prefeitura de Sobral. Com essa experiência, fui colocando nas aulas que eles são capazes, que existe na LDB que a história precisa ser regionalizada, então a prefeitura tem que incentivar a produção local. Tive a grata sorte de ter uma aluna da UVA, juntamente com o IVA de Cruz, ela teve a ousadia de escrever a história de Cruz, com o dinheiro da prefeitura. Isso ela fez em 2008, 2009. Quando foi em 2010, ela recebeu um convite do Airton de Farias, um grande historiador que escreve livros didáticos. Ela recebeu um convite da Editora Moderna para escrever para crianças, ele conheceu o trabalho da Gleiciane e a convidou, pois ele tinha dificuldade de escrever para crianças. Eles escreveram juntos e esse ano foi aprovado pelo PNLD. O Luciano Feijão adota esse livro e inclusive minha filha estuda esse livro e eu disse para ela que a autora tinha sido minha aluna e ela não acreditou. A geração da minha filha que começa a ter os próprios professores ou professores da região escrevendo e essa experiência de saber que o autor existe, que ele está próximo, é de verdade, ele tem as mesmas limitações que nós, isso humaniza o livro e promove um sentimento de somos capazes, também. Esse exercício é fazer a mudança da educação, pois a educação é transforma o outro para melhor, que nós conseguimos na educação superior fazer com mais adultos, nós professores temos mais instrumental, mais leveza no cotidiano de trabalho, porque pelas experiências que escuto dos alunos que são professores da educação básica, é que há uma pressão muito grande que são os resultados e educação superior tem essa leveza. É tempo de pensar, respirar, construir no espaço. A experiência da Gleiciane me deixou muito grata e os meninos que no campo pesquisa foram para o mestrado, doutorado. Quando coordenei o curso de história no INTA, convidei muitos ex-alunos para serem professores, é muito lindo. Hoje eles estão terminando seus doutorados, são pares. Acho que formar os pares é parte do prazer da profissão. Ver o seu, hoje colega, como parte do seu trabalho que isso é muito raro na educação superior. Digo sempre que o professor alfabetizador ele tem a certeza do trabalho que ele faz, porque ele pega o aluno sem saber ler, nem escrever e chega um momento daquele ano que a magia vai acontece, ele vai ver que ele fez diferença na vida do seu aluno. Esse prazer eu nunca vou ter. Essa plenitude do professor alfabetizador, eu nunca vou ter na

minha profissão. Mas, tem rituais em que percebemos, como defesas . Receber convite de participar de bancas de mestrados dos ex-alunos, que já fui, ali tenho um pouco dessa sensação e digo: Nossa como eles falam bem, com tem postura e quando me reconheço nos textos e nas posturas, penso que ajudei. Mas sei que não foi só eu, tem toda uma conjuntura, tem os colegas, o programa, a matriz. Por isso digo, que é muito pleno o que o professor alfabetizador faz. Na docência superior nós temos outros prazeres de vermos crescer os nossos alunos. Fui na casa do capitão Mor e vi que tinha dois ex-alunos trabalhando lá, e eles falaram com tanta desenvoltura e com domínio da informação que eu pensei o quanto eles eram bons e percebi que também nós ajudamos no bom profissional . Dentro da sua pergunta de como me vejo como professora , me vejo hoje como uma professora educadora que está tentando entender essa tríade, a extensão na minha vida universitária sempre foi um dos grandes problemas, nós aprendermos a dialogar com a sociedade, que é quem nos paga, nos garante a profissionalização e nós muitas vezes não conseguimos, diretamente, retribuir. É um processo de construção do século XXI. Aprender e colocar o serviço à disposição e ter a paciência de abrir as portas. Porque não sei quem é que vem, para abrir as portas para a extensão, a primeira coisa é a afetividade e saber e se educar para gostar de quem vem, seja no formato que ele venha, seja quem quer ou quem não quer. Essa afetividade que precisamos construir. Hoje na educação superior vejo com clareza em muitos colegas um afastamento, que pensam que é só conteúdo, que enquanto o aluno estiver aprendendo o conteúdo está tudo bem. Conteúdo, hoje, é até um contra senso, que percebo nos meus alunos , quando digo que o conteúdo vai ficar em segundo plano, nós vamos para forma, nós estamos formando educadores. Eles sentem falta, como ela estudou tanto e não passa tanto texto. Hoje eu reduzi o número de textos, o ponto de partida sou eu que dou, mas a informação é a sociedade, eles tem saberem onde pegar esses textos. Antes eu passava muitos textos, pedia para eles estudarem. Passo textos com menor frequência, quero que eles discutam. Aconteceu no final desse semestre, que ainda estou muito chocada e estou em processo de autocrítica, numa turma de sexto semestre, numa disciplina de produção de jogos didáticos, com todo envolvimento, fizemos jogos e eles ficaram com ciúmes, pois no primeiro semestre de ciências sociais houve uma empatia total entre eu e a turma, eles fizeram uma homenagem para mim, fizeram um mural dos nossos eventos, e na outra sexta eu fiz uma festa para eles. Os outros alunos ficaram vendo o bolo e tudo mais e então eles me perguntaram: professora a senhora trouxe bolo para sua turma e para nós? Eu não pude ficar calada , disse nós estamos encerrando, agradeço o trabalho, mas o gesto foi uma representação de afetividade da turma comigo e de mim com eles, quando vocês estiverem em sala, perceberão que não podemos mecanizar a afetividade. Não é porque eu tive a festa de uns que vou ter de todos. Percebi que eles ficaram constrangidos e disse que não é que não gostasse deles e eles de mim , isso talvez vocês só entendam mais para a frente, estou falando da alegria e da tristeza de ter que terminar um trabalho e que se manifestou na celebração, mas a celebração não pode ser automatizada , não é que eu estar com vocês, mas vocês não manifestaram isso e talvez, também eu não tenha manifestado. O professor se faz em cada turma, eles tem a relação diferente comigo em relação a vocês, eu tive quatro turmas nesse semestre. Na verdade, em dezessete anos aqui no CCH foi a primeira turma que fez festa para mim. Então, tem alguma coisa que foi especial com essa turma, não que não tenha tido com as outras, mas foi uma empatia como foi essa e em outro curso de Ciências Sociais, talvez para História essa afetividade não seja uma construção que tenha sido estabelecida. Os alunos ficaram calados e então comprei pipocas para eles e fiz truques de mágica, hoje em dia venho utilizando outros instrumentais até para eles entenderem que eles estiveram na educação básica eles não vão chamar a atenção para o silêncio só com gritos de cala a boba que eu quero falar. Venho utilizando truques de mágica, já faço uns oito truques mais ou menos. Acho que tenho no carro e saí para pegar e cai no estacionamento e o quite não estava no carro, quando eu entrei

na sala, gente não estava lá e eu caí, as minhas mãos estavam sangrando, alguns falaram a professora caiu e sentados permaneceram, me deixaram com sangue e ninguém cuidou e não foi só pelo discurso, talvez fosse a prática deles. Só que na hora eu estava com dor e não consegui perceber e no outro dia pela manhã, fiquei pensando e pensando o que aconteceu? Como é que uma turma que está terminando um curso de licenciatura vê sangue no corpo do outro e não se coloca para cuidar, para proteger, acalmar. Eu disse: isso é um problema e não estou satisfeita com essa conduta. O fato de não ter falado, de ter tido a tranquilidade e equilíbrio emocional de controlar a dor e ver o que eu estava vivenciando, porque um grupo de dezesseis alunos me viu sangrando e não me ajudar, é feio e desumano. Então eu fico pensando de como eles serão com os seus alunos. O aluno vai estar com o nariz sangrando porque o tempo está seco e eles mandam o aluno ir a secretaria e limpar o seu nariz. Não é isso que o aluno quer quando está com o nariz sangrando, ele quer cuidado, proteção que é também papel da afetividade do ser humano com o outro, e principalmente, na docência. Vejo que nós temos que ter esse respeito com os nossos alunos na idade que ele tiver, ao mesmo tempo os alunos devem se sentirem responsáveis pelo professor. Isso é reciprocidade numa relação humana, e profissional. Isso me chocou muito, estava terminando o seminário e eu disse que iria colocar como ponto do colegiado, sobre até ponto nós estamos formando pessoas sensíveis para a dor do outro ou eu quero só aprender e ser bom e o bom é ter conhecimento. Isso me assustou e me pôs em auto reflexão para perceber como é a minha construção de trabalho já que não educo só e com os meus colegas se eles vêm pensando sobre isso. Venho me sensibilizando mais porque o meu pós-doutorado foi sobre valor moral e ética a partir dos filósofos, aí tem a Martin Buber, Levinas, Pope que vão trabalhar a perspectiva do transcendente na forma do fazer científico e aí quando eu comecei a leitura desses filósofos eu pensei que a universidade – isso tem uma outra trajetória e quando a gente entra no curso de licenciatura e ciências humanas de uma forma geral, começamos com a leitura marxista e se faz um cisão de que existe Deus e o mundo terreno. Deus não faz intervenção na ciência e a ciência é soberana, divide o mundo muito claramente. Eu meio que fui entendendo e aceitando essa fusão. Quando no Pós-doutorado que eu fiz na mesma universidade da graduação, eu disse: Nossa a universidade me afastou e me trouxe de volta, porque foi a compreensão de que o transcendente, ele está no campo do mistério e ciência está no campo do problema e todo problema tem solução. Só que a vida tem problemas que tem soluções e tem situações que não tem soluções. Então entrou no campo do mistério, é o campo do aceitar e então estamos no outro patamar de compreender o que é o sentir, afeto e essa sensibilidade após o pós-doutorado me fez construir esse outro perfil profissional que alguns colegas já me entendem e outros acham que é meio ciência, meio informação e comentam que estudem tanto e que agora não quero mais ensinar. Não quer dizer qual a linha teórica em que o aluno tem de seguir, não sou eu que digo, ele tem que descobrir. Como docente tenho que apresentar e não posso definir por ele. Vem sendo esse exercício de leitura da filosofia e da ética me ajuda muito a repensar esse trabalho, faz quatorze anos de profissão, eu passei um pouquinho do meu tempo de trabalho, estou um pouco mais de cinquenta por cento de vida profissional, mas agora é tenho a sensação de que estou chegando no ponto, acho que essa é a questão importante, pois no ensino superior são trinta anos de trabalho com cinquenta e cinco anos de idade, ainda tenho quinze anos. Sempre digo para os meus alunos, o que vou fazer nesses quinze anos, pois já estudei o que tinha para estudar, como é que se faz um bom professor já que no início de carreira é aquele que faz carreira para estudar tudo o que tem. Ok!! Primeira metade da profissão já fiz, não posso voltar para fazer mestrado e doutorado, só pós por cima de pós-doutorado. Hoje entendo que essa não é a melhor formação do professor, é mergulhar mesmo no que é estar em sala de aula, com quem se está e em cada semestre. Sinto muito como esse desafio, hoje, que não é pela busca do conhecimento, que continua sendo, não mais institucionalizado, com troca de experiências com outros

pesquisadores, que é o sentido do pós-doutorado. Mas, agora eu sinto que vai me ajudar muito nesse processo são exatamente os meus alunos, que é essa demanda e esse impacto de estar no curso de licenciatura, sendo professora de licenciatura. Esse semestre nós tivemos uma carta escrita pela população e chegou nas mãos do reitor, um aluno nosso que fez uma carta muito bem-feita colocando que ele admirava os professores, admirava o processo de pesquisa, mas achava que o curso de história não formava educadores para a educação básica. Quando li a carta pensei que era exatamente esse feedback que nós professores deveríamos saber. Às vezes achamos estar arrasando e quando o aluno colocou isso e nós já vínhamos ouvindo de diferentes experiências isso que uma coisa é aquilo que aprendemos na universidade e a outra é a outra na atuação na educação básica. Eu já venho com esse discurso há mais de vinte anos, naquela época, era um outro tempo da educação básica, hoje ela tem um outro padrão, a política educacional tem um outro padrão. Então, esse impacto de que até ponto nós formamos um professor para a educação básica vem sendo uma problemática a ser resolvida. Essa busca de tentar adequar e até entender que profissional sou está nesse complexo. Essa carta gerou uma auto reflexão, alguns colegas acham que o aluno está só tecendo críticas por críticas. Nós temos que saber ouvir e saber até onde ele está colocando e a prática do LEAPH (Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História) , quando assumi a coordenação foi para tentar responder a essa crítica com ações instrumentalizadas , porque na universidade não podemos dar a garantia de que o professor vai conseguir formar um bom professor para a educação básica, o bom professor se faz no ambiente de trabalho. E os desafios que cada campo de trabalho tem. Então, nós procuramos estabelecermos um norte e as possibilidades do que é a aceitabilidade na educação básica. Qual é grande problema que eles colocam é que o aluno não quer que o professor esteja em sala, tudo bem, não posso exigir que ele queira, mas o que podemos fazer é instrumentalizar o professor para atrair essa atenção, por isso o uso de jogos, tenho feito a mágica. E digo que na hora que colocamos a magia, como utilizo de uma mágica que são três múmias , principal temática da história antiga, tem quatro tipos de livros, todos com dois D, um que quando abre parece uma caixa de presente, ao abrir a primeira página, ele assume o formato de uma pirâmide do Egito e ela é formada por cada página e tem um assunto, então tem um bem colorido que é da Cleopatra , tem os livros que dão apoio na parte de vídeo, a mágica de um sarcófago preto com três múmias azul, amarela e vermelha, o professor solicita que o aluno escolha uma das múmias, coloque dentro dessa caixinha do sarcófago e esconda as outras duas, eu vou virar e quando voltar eu digo qual é a cor, sempre vou acertar porque tem a magia da coisa. Eu digo na hora que vocês fizerem isso o aluno vai olhar assim com o olho esbugalhado e pensa se o professor advinha o que está ali, imagine o que eu penso. Vocês já conquistaram, não estão ensinando nada historicamente falando. Vocês estão atraindo para um tema e para a centralidade da atenção, na hora que consegue por qualquer viés essa atenção, você está ganhando o seu aluno, você tem que inovar. Tem um que é da guilhotina, da revolução francesa, é uma mágica, põe um giz de cera embaixo e seu dedo em outro buraco, desce a guilhotina ela passa pelo seu dedo e corta o giz de baixo, não tem como o moleque ficar fascinado numa aula dessa. É um pouco dessa perspectiva, minha formação tem me ajudado muito a transpor o que eu venho aprendendo.

O que representa exatamente o que é ser uma formadora de professores e de profissionais?

Uma aceitação de que eu sou capaz, é a consciência. Primeiro eu tenho que partir de que eu quero e desejo ser capaz de formar um novo profissional e de que eles serão bons professores. Ouço muito, estou fazendo história porque é a noite, quem faz história numa turma de vinte alunos, somente oito fazem porque gostam, tudo bem, digo a eles que na hora que eles estão

cursando é porque eles serão professores e eu tenho o compromisso para isso, agora se vocês querem aproveitar ou não é uma opção de vocês. Então, quando digo isso é porque tenho a plena consciência de eu vou formar professores de história que gostam e os que não gostam, os que sabem que vão atuar e os que acham que não vão atuar, os que gostam se vão atuar ninguém sabe e os que não gostam ninguém nunca sabe, as coisas mudam muito. Sempre penso dessa maneira, tenho responsabilidade com os meus alunos e tenho que exercer. Tem que manter a leveza da etapa e a firmeza quando for necessário. Tipo, não cumprir prazos, abro porque tem direito a mais tempo, mas a responsabilidade com o tempo e com o prazo é característico da qualidade do professor. Sempre digo a eles, uma coisa vocês não podem permitir, na educação superior o professor deseduca o aluno, a aula é para ser sete horas e começa sete dez, sete vinte. O que já aprendi é que na hora que tenho autonomia eu faço o tempo que eu quiser, regras são regras. Na educação básica a aula é as sete e o professor tem que estar cinco para a sete para receber os alunos e termina na hora que a campanha anunciar. No dia da reunião pedagógica marcada para as oito, só começa nove quinze, está errado, esses profissionais são deseducadores, porque só se respeita mecanicamente o relógio e a sirene? Eles tem autonomia e atrasam uma hora e ninguém percebe o desrespeito, entre em uma sala de professores e dê um boa tarde, se os seus colegas não lhes responderem são todos mal educados. Como é que vão educar? É assim que se cobra os professores, é com atitude são com detalhes. Ao chegar na sala e dar um boa noite e ninguém me responder, eu fui bem recebida? O que vocês acham? É dentro dessa perspectiva que eu quero que vocês pensem, o boa noite não é mecânico e a resposta não deveria ser mecânico, também. Enquanto não chegarmos nesse patamar, teremos problemas, vamos exercitar na sala, isso. O prazer de estar aqui e saber quem está entrando. Uma outra questão dentro dessa formação que considero importante, é além de estar formando professores, ensinar conteúdo é da profissão, mas hoje vejo que é nesse sentido da conduta e da atitude. Quando vocês chegarem anunciem que chegaram, porque houve um tempo em que o professor dizia se vocês chegarem atrasados vão pelo cantinho e não incomodem, porque a aula não pode ser interrompida. Veja, quem entra de mansinho em algum lugar está sendo mal recebido, aquele lugar não é seu você está incomodando, ou chega ou não chega. Estabeleça ou entra ninguém ou entra se anuncie e peça licença, pois é um gesto de educação, eles ficam comentando que um professor não permite isso e a senhora está pedindo isso. Com o professor que não permite você não faz, com o professor que permite você faz. O que você aprende com isso? Que nós nos posicionamos no mundo de acordo com quem está na nossa frente, não posso ter um único comportamento com todo mundo. Penso que essa formação e me vejo com a responsabilidade de formá-los e é um grande desafio, porque estamos em um tempo deseducado e tem uma política muito importante para a educação, nós temos uma política pública, hoje vejo com extrema clareza, que valoriza a educação, só que não nós vejo assumindo a nossa responsabilidade que é o ato de educar, é o grande ponto, não saber o que é autonomia, responsabilidade, horários, ter autonomia e horários somos nós que fazemos, mas na hora que agente define temos que ser respeitados. O acordo é uma questão de honra.

Você considera que na sua trajetória da especialização, mestrado e doutorado e phd interferiu na professora que é hoje?

Cada etapa, inclusive na relação com os orientadores. O meu orientador do mestrado da UFPE, foi Antônio Torres Montenegro, que foi o pioneiro de História Oral no Brasil, ele é conhecido no nosso meio como sendo muito prepotente. Aquela pessoa que quando fala, fala. Comigo a relação foi muito tênue, tranquila. Tenho uma leitura dele com muita firmeza, ele fala é um filósofo que fez depois uma trajetória na história. E assim, ele gosta de pessoas que estudem e saibam o que estão estudando. Perguntas óbvias ou que demonstre não ter

aprendido ou não ter usado o que aprendeu, ele dá umas respostas mal educadas. É uma conduta da prepotência. Eu digo: isso não!! Mas gosto do eixo de que o outro demonstre o que sabe, com ele tive muito cuidado em relação a isso, de ponderar as palavras, como ele já tinha essa fama e fui vendo que ele não era uma pessoa grosseira, mas tinha o perfil da intolerância com quem não colocava em ação o que aprendia ou fazia que aprendia e fazia tudo errado. De qualquer forma a outra pessoa se sentir mal tratada, isso não deve acontecer. O meu orientador do doutorado tinha sido o orientador dele, pois esse professor é reconhecido internacionalmente na história social, o Dedeca, que é o inverso. É um doce de pessoa, sorridente, de bem, nunca nada está errado. Nunca tive um orientador que fosse o carrasco do tempo. Tenho uns orientadores que dizem que os orientandos só saem do seu lado quando terminarem a tese. Tem que ter a produção. Todos os meus orientadores me deixaram muito a vontade. É isso que exercito com os meus orientandos. Às vezes, eles até reclamam, professora você não impõe uma data para correções e digo que eles conhecem os prazos e cada um tem que produzir. Não vou ficar dez dias antes cobrando, estou assumindo com vocês um tempo, tento a minha parte quando a de vocês. Eles sentem porque com tem outros colegas que fazem o rigor do tempo, digo cada um tem a sua experiência e o que cada um construa, pois se fico lhe perseguindo fico colocando uma presença muito grande em mim e uma pressão que não faz parte da minha personalidade ficar pressionando os outros. Acredito que quando chegamos em um acordo tem ser cumprido. O Dedeca me ajudou muito nesse sentido, por ser um profissional brilhante, estar num grande núcleo, hoje ele é vice reitor da Unicamp e de uma simplicidade imensa. Esse combina mais comigo, o de aprender a ser, pois nem sempre a gente consegue, chega determinado ponto que não dá. Ele me ajudou não só no conteúdo. No PHD, a minha orientadora que já tem quatro pós-doutorado, dá palestra na Espanha, Alemanha, essa eu não tenho nem o que dizer, é a humildade em pessoa, ela exercita, exatamente, tudo o que li nos textos indicados ela pratica, sempre agradecendo, princípio da graça, ela não vê a vida como esse sufoco, como estar em busca, mas na ação da escolha e na compreensão de que ela pouca, é menor e não é do que ninguém como indivíduo. Ela sempre dizia; eu rezo muito e agradeço o aluno que recebo, pois acho que estou ganhando, é um presente que eu nem sabia que merecia. É de um acolhimento e simplicidade. Ela foi escolhida porque já tinha sido uma professora brilhante no meu primeiro semestre em Introdução a ciências sociais, mas não sabia que fosse tão divina nesse sentido. Ela tem formação em economia e depois foi ser professora universitária, foi aprendendo, também, na sociologia, esses trajetos, a experiência dela como professora, orientadora e a relação dela com os alunos, tem um perfil de extensionista, um perfil que de aprender e venho me aproximando do grupo dela que se chama peregrinos da paz. Os alunos orientandos dela de graduação e mestrado eles atuam na comunidade para pensar como é que se constrói uma cultura de amor e paz nas escolas, trabalhando em periferias pesadas em Belém onde os meninos se matam por drogas e ela atua e coloca projetos dentro dessas escolas, tanto que a Capes até financiou parte desses projetos pela Pós-graduação. Eles atuam diretamente com os professores, para que aprendam a não rejeitar os seus alunos nesse sentido. Isso é lindo!! Como a nossa realidade de violência não é tão forte quanto em Belém, pensei em trazer para o PIBID uma discussão disciplinar sobre a não violência, como nós vamos trabalhar nessas três escolas em Sobral o que é trazer afetividade para a sala de aula, como os professores podem pensar nisso. Em coisas simples: tom de voz, ver uma fono para educar a voz do professor, pois os gritos dados em sala de aula não tranquilizam ninguém. Tudo isso pensado dentro de autores e transposto para as nossas necessidades. Mais do que o conteúdo colocado foi o de perceber como posso ser uma pessoa melhor. Inclusive um maior diálogo com o transcendente, é a grande vantagem, pois estava num momento de vida pessoal em que eu precisava muito disso, acho que casou e são sinais. Na academia, acham que é trabalho interiorizado, é um grupo da Ciência Social e política da Universidade Federal do Pará, esse

grupo é meio que rejeitado, lá vem as carolas que de carolas não tem nada, mas nesse sentido do preconceito que a universidade tem com a construção do saber, se coloca como aberta para as novidades, mas muitas vezes não sabem nem o que é novidade. Mas é exercício de quando trabalhamos com as diferenças , sempre conquista de espaços e etapas.

Qual a sua profissão?

Sou professora. Sempre tem nos formulários, quando me perguntam, sempre respondo sou professora. Depois vem de onde, de que?

Identificar-se como professora causa em sua vida satisfação?

O mais interessante!! Essa foi muito boa. Houve um tempo em que eu viajava muito para Fortaleza, no tempo do mestrado, terminava a aula, ia para a rodoviária e naquela época tinham moradores da rodoviária e o ônibus estava meio que atrasado, fiquei uns vinte a trinta minutos esperando, fiquei lendo e um desses moradores sentou do meu lado e disse: a senhora não é daqui? Quando falei ele percebeu pela voz. Ele perguntou se eu era professora, e disse que era e perguntei porque e ele respondeu que era forma como me sentava, com um livro de lado. Isso tem uns dez anos. Ele captou a essência, a gente adquire o jeito os trejeitos até mesmo em família, eles dizem agora você não está como professora , você é a Chrislene de casa , tirar esse laço de estar tentando buscar e orientar o que é melhor para os outros acaba virando pele. Foi muito lindo!! Uma pessoa ignorante no sentido da escolaridade, ele ter feito uma leitura de comportamento ter me identificado como professora. Eu fiquei muito feliz!! Porque não vejo a profissão como eu achei que fosse na adolescência, era uma profissão menor, na questão financeira. Hoje não consigo, nem acho que o professor ganhe pouco no sentido de comparar com outras profissões. A lei de mercado nesse mundo capitalista, ela é muito complicada. Quem eu acho um absurdo de ganhar muito bem é jogador de futebol, mas o cara tem o corpo que vai lesar, então ele poderá ter problemas incuráveis, nem com todo o dinheiro ele poderá ter o prazer de ter um corpo saudável. Toda profissão tem seu lado bom e seu lado ruim. Como estou no ensino superior, hoje o salário não é tão ruim como antigamente. Sou satisfeita e realizada na qualidade de vida quanto a situação financeira, apesar de trabalhar muito, tem muitas profissões que trabalham muito e não estão satisfeitas, o ponto financeiro se diluiu nas minhas preocupações.

Ser professora universitária causa em você vaidade?

No campo real tenho muito prazer em dizer que sou professora universitária, era o que eu queria. Mas, simulando, se fosse pedagoga e alfabetizadora a minha satisfação iria ser maior mesmo ganhando menos. O prazer e o reconhecimento do trabalho me fizesse falar com a mesma satisfação. Tenho a minha melhor amiga, a conheci no cursinho, acompanhamos toda a formação uma da outra , ela sempre morou em Belém, hoje ela faz o doutorado na federal do Pará, e ela tem quinze anos como professora na educação básica, do sexto ao oitavo ano. Já está na metade do doutorado e não quer sair da educação básica. É uma pressão dos colegas perguntando porque ela não vai para o ensino médio, na hierarquia da profissão o topo é o ensino universitário, abaixo o ensino médio, e assim vai degradando a profissão. Quando se tem o prazer e a identidade da profissão tanto faz aonde se está. A professora disse que particularmente não quer trabalhar com adolescentes, gosto dos pré-adolescentes, é uma raridade de se ter o prazer e de quebrar com essa questão do status, já que sou bom mesmo vou ser promovido para tal nível de ensino. Então, assim como eu ela teve muita tranquilidade no processo de formação e assume que ela é professora de fundamental II e gosta. Isso me faz

lembrar outra questão, ser professora universitária, tenho a maior alegria de dizer isso, porque realizei um desejo profissional, vejo hoje muito especial, pois nem todo mundo que tem o desejo vai conseguir e falo que nem a Kátia teve a graça de ser atendida no meu desejo. Dentro desse viés tem outras coisas, ser professora universitária de história é uma coisa e ser professora universitária de Medicina, enfermagem você tenha outro patamar hierárquico, ser professor de uma federal você tem um status maior, numa privada parece ser inferiorizado pela a seleção ser menos simples, etc. Já pensei desse jeito, já sonhei em ir para uma federal, mas tenho muita tranquilidade em relação a isso, inclusive estou trabalhando em duas instituições uma privada e outra pública, hoje tenho reconhecimento na região que antes não tinha. Assim, como o INTA tem uma respeitabilidade que não tinha há cinco anos. Foram conquistas. Esse exercício não faço de dizer porque sou professora da UVA e me destaco mais do o INTA. O status nesse sentido não vale. Inclusive em alguns lugares que já coloquei que sou professora do INTA e da UVA os meus colegas da UVA, imediatamente ligaram para dizer como eu me identifico como mais da UVA do que INTA, porque tenho muito mais tempo na UVA e é meu ganha pão. Digo que não vou ouvir isso. Se eu caio na relação de refém, estaria colocando essa hierarquia que socialmente existe. Só que tudo que é social só continua se os sujeitos que estão ouvindo aceitarem. Quem aceita reforça, quem não aceita vai construir um outro. Vejo que todos nós de instituição superior, meio que temos essa herança de hierarquia, de está no topo aquele que está há mais tempo, ou porque tem mais referência. Não porque sou da UVA e no INTA minha boca fica mais cheia por ser professora universitária. Ficar feliz por ser professora universitária não é ser melhor do que ser professora do ensino básico. Realizei um desejo, se o meu desejo fosse educação infantil, falaria com muito orgulho, penso! Como não é real, penso que seria dessa forma. Uma coisa que sempre busquei e isso tem haver com formação familiar, fosse feliz na escolha que fizesse. A responsabilidade foi total minha, a família nunca fez nenhuma interferência, claro que desejavam medicina, direito. O que escolhesse era para o meu bem e fosse feliz.

ESCUTAS DAS NARRATIVAS DE VIDA

Entrevistada: Alcione

Data: 26/06/2012

Dia e hora: Terça-feira- 16:00 - Manhã

Local: Cidade de Sobral

Idade: 39 anos

Gostaria que você falasse sobre a sua vida pessoal (escola, graduação). O que foi importante?

Vou abordar alguns pontos para tentar dizer como foi que chegou a Alcione até aqui. Estive analisando como cheguei até aqui. Estava me lembrando que na época do Colégio, no fundamental I aconteceram duas coisas interessantes, um é que meu irmão tinha uma babá que era analfabeta e eu alfabetizei a babá, eu tinha uns nove anos e ela 14 anos. Alfabetizei bem direitinho, ensinei a escrever os números, as letras, escrever o nome, começou a ler. Foi uma coisa que causou impacto em todo mundo, minha tinha sido professora, ela ficou admirada. Lembro que quando eu saía do colégio Sant'Ana, atrás do viaduto do São Francisco tinha umas salas que os frades colocavam como salas de alfabetização. Eu vinha do colégio e uma amiga, e ao terminávamos a prova cedo e íamos para essas salas para brincar de escola ajudando aos adultos a ensinar as crianças dessas salas. Foi, também, interessante que eu demorei muito a ler, eu tive dificuldade para ler, mudei do Jardim direto para alfabetização, por que eu vim de Fortaleza e tinha 5 anos, totalmente fora de faixa, então terminei a alfabetização e não lia. Minha Mãe não conseguiu colocar no Colégio Sant'Ana, por que eu não lia. Tive que estudar em outra escola, o Pinóquio para ver se me alfabetizava, fui para a repetidora e no meio do ano sai da escola e fui estudar em casa com minha mãe. E o meu pai que não tem muito estudo, começou a me incentivar comprando gibi, revista. Quando comecei a ler parecia que eu tinha tomado uma orvedose de letrinhas, pois lia tudo. Lia jornal dos classificados até o final, eu tinha uma necessidade de ler. Isso fez parte do início da minha história do fundamental. Tive muita afinidade por leitura, por que fui aluna de uma professora muito exigente, no Sant'Ana, ela gostava que eu lesse, pois a melhor leitura era a minha, quem tirava as melhores notas em ditado e redação, em compensação morria de sofrer em matemática e física. Comecei a pensar no que eu iria fazer da minha vida, ao entrar no ensino médio. Sabia que tinha que ser algo ligado a humanas. No primeiro momento pensei em fazer Jornalismo, eu gostava muito de política, ciência política e ler sobre política, nesse tempo eu tinha 14 a 15 anos. Tinha vontade de estudar sobre isso, porém eu pensei o campo para comunicação social no Ceará era muito restrito e pensar na possibilidade de fazer fora, pois já era difícil estudar em Fortaleza, meu Pai não muita estrutura financeira e para mais distante seria mais difícil. Além disso, eu já olhava para a carreira jurídica com bons olhos e resolvi ainda o primeiro científico fazer direito. Dois fatos importantes na minha história. O primeiro foi que resolvi de fazer vestibular na UVA para Letras e passei, e fui matriculada,

eu fazia ainda o terceiro ano no Geo Sobralense e sendo chamada para efetuar a minha matrícula na Universidade. Teve uma pessoa que disse: essa menina faz o terceiro ano no Geo. Quando terminei o segundo grau fiz direito na UFC, fiz serviço social na Uece, e pedagogia na Uva. Fui o primeiro lugar de pedagogia da Uva e chorei muito, pois não tinha conseguido passar em Direito e não sabia que tinha ficado classificada na Uece. Chorava, pois pensava que meu pai fosse dizer que eu deveria fazer pedagogia e eu não queria. Então, meu pai me viu chorando e perguntou porque eu estava chorando se havia passado no vestibular. Eu disse que não gostaria de ficar em Sobral, pois meu desejo era direito (nesse momento a entrevistada ficou emocionada), ele disse: Não, se você quer fazer direito nós vamos dar um jeito. Eu fiquei preocupada onde iria morar, as condições financeiras não eram boas. Meu pai posicionou-se dizendo que não iria impedir e me ajudaria a realizar meu desejo. Ele, então, perguntou o que eu queria fazer, eu disse que gostaria de fazer um cursinho em Fortaleza, para conseguir passar no vestibular da UFC, pois tinha terminado em Sobral não vou ter condição para isso. Fui para Fortaleza, para fazer cursinho e depois soube que havia ficado classificada na UECE, mas o que eu queria era Direito e nem fui para a chamada. Fui audaciosa, pois abandonei um vestibular na UVA, na UECE. Resolvi fazer cursinho. Me dediquei muito para passar no meio do ano e passei na primeira fase, na segunda fase não passei, um detalhe terminei o terceiro ano com dezesseis anos. Era muito nova. Fiquei muito deprimida, pois havia dado tudo de mim para passar. Tive problemas de saúde, desenvolvi uma bronquite, pneumonia. Com muito sacrifício andava dez quarteirões para ir e nove para voltar. Morava na Parquelândia e para não pegar ônibus lotado eu saía de casa às 06h00 para chegar às 07h00 no cursinho, na praça do Coração de Jesus. As pessoas olham e pesam que foi fácil, mas não foi. Meu pai disse que eu iria fazer cursinho novamente, pois eu era nova e tinha estudado em Sobral a vida inteira e não podia me comparar com os meninos que estudaram em Fortaleza. Fiquei no mesmo cursinho, desmotivada por alguns meses e depois fiquei animada. Meu pai falou que seria bom que eu me inscrevesse na UNIFOR, por que se eu não passasse na federal ficaria na UNIFOR. Passei na primeira fase da UFC e muito bem. No vestibular da UNIFOR teve uma prova muito difícil de espanhol que eu não gostei. O resultado da UNIFOR saiu na sexta e a segunda fase da UFC era no sábado. Eu não passei na UNIFOR. Como poderia passar na federal se não havia passado na particular. Minha única explicação foi eu ter zerado na prova de espanhol. Fui fazer a segunda fase sem esperança. Fiquei a noite anterior em claro, pois não sabia como iria dizer ao meu pai a minha reprovação na UNIFOR. Pensando e prevendo que teria que voltar para Sobral e fazer qualquer coisa. Fiz a prova, a redação foi boa. Teve um porém, o curso de direito aprovava 80 alunos, os 40 primeiros entravam no turno da manhã e os outros no turno da noite. Estava na torcida para ficar pela manhã, pois meus pais tinham pavor que eu estudasse à noite. Pedi muito a Deus e então passei em trigésimo sétimo lugar e foi a minha glória. Foi a minha redenção, na época não tinha nenhuma menina de Sobral que fizesse Direito, só os homens, muitos entravam na UNIFOR, poucos entravam na UFC. Lembro de situações importantes, todas as vezes que eu ia caminhando para o cursinho, eu passava na praça da Bandeira e olhava para o prédio do curso, eu dizia quando é que vou entrar nesse prédio. Lembro bem da roupa que eu usei, o perfume, exatamente, o jeito que me arrumei para entrar no prédio. Foi uma alegria e um resgate de tudo o cursinho, morar na casa de tio. Aquela história de estudante que vai sacrificado para Fortaleza. Durante a faculdade, fiquei na casa dos meus tios e depois fui para o pensionato.

Percurso da vida profissional na graduação

Comecei a faculdade e logo senti desejo em fazer monitoria, porém me sentia muito insegura. Um vez, me inscrevi, tive de vir passar férias em Sobral, tive virose, acabei não indo. Na

verdade, eu tinha um certo temor de entrar em sala de aula como monitora. Acabei a graduação sem ter tido a experiência da monitoria. Quando terminei minha graduação, até brinco, que o único tempo que fiquei fora da sala de aula do jardim da infância até agora, foi o tempo de seis meses entre a graduação e a especialização. Foram seis meses perdida, não existia cursinho preparatório para concurso. Estudei para passar na OAB. Depois que passei no exame de ordem, eu fiquei pensando o que iria fazer da minha vida. Fiquei um tempo no escritório de uma orientadora pegando alguns casos, já tinha alguns casos em Sobral. Então, comecei a estudar para concurso, em outros estado, até que em 1999, o curso da UVA que já funcionava desde 1998, abriu concurso, vi o edital para professor, já namorava com um rapaz de Sobral a um e meio (meu atual marido). Ele me motivou para fazer e vi que a disciplinas não eram meu forte, como Hermenêutica, filosofia, sociologia jurídica, não tinha segurança, pois tinha vontade de lecionar, mas pensava nos títulos exigidos no concurso. Resolvi fazer para Hermenêutica. Tinha três candidatos e como tudo que faço procuro me dedicar, acabei passando em primeiro lugar. Meu Deus eu tinha que dar aula de Hermenêutica, eu virava noites estudando para dar aula. Pois, Hermenêutica é uma disciplina muito capciosa, muito importante para o curso, introdutória, difícil, filosófica, boa para quem já tinha saído de um mestrado, doutorado, não para quem tinha só uma especialização. Bom, dei o meu melhor. Fiquei lecionando um ano Hermenêutica e no ano seguinte renovei meu contrato com a UFC, e apareceu a necessidade de professor de Civil I. Em 2000, voltei para Sobral. O contrato se prorrogou até 2001, em virtude da necessidade do curso. Em 2001, foi a época da transição do curso de Direito da UFC para a UVA. Foram abertos concursos, e vaga para Direito Civil, mas exigia mestrado, eu não tinha. Fiz para processo penal com 20 concorrentes. Brinco que passei em terceiro lugar e me vanglorio, pois em primeiro foi o Magno que sempre foi o primeiro em tudo, segundo foi o Leandro Vasco que é criminalista. Fiquei em terceiro, esperando ser chamada. Nesse tempo meu contrato na UFC acabou e na época o coordenador do curso era o Veveu e me contratou como orientadora do NPJ (Núcleo de prática Jurídicas) juntamente com a Kátia Ismênia. Isso no meio do ano de 2001. Em 2002, abriu edital para professor substituto para direito civil e daria para eu fazer. Fiz e passei e entrei como professora substituta, fiquei no NPJ, dando aula. Em julho de 2002, o governo abre concurso para professor efetivo, e fiz para direito civil e passei. Só que, desse concurso só fui nomeada um ano depois, nesse tempo permaneci como professora substituta. Sai do NPJ e vim para ser coordenadora adjunta com o professor João Alberto. Em 2003, assumi como efetiva e no final do ano o coordenador de afastou e assumi como coordenadora interina até 2004. Nesse período estava advogando no escritório, tinha contrato com a penitenciária, estava com muita coisa e resolvi dá um tempo na coordenação. Até hoje leciono direito civil. Depois em 2008, surgiu o a Faculdade Luciano Feijão. Descobri que eu gostava muito de dar aula. Percebi que ficava muito mais realizada dando aula do que no escritório, ou no fórum. Mesmo que o retorno financeiro fosse melhor advogando, minha satisfação era maior dando aula. O ambiente universitário trazia para mim mais satisfação. Em 2006, meu filho nasceu e resolvi não voltar para o escritório. Tenho meu filho, a universidade e resolvi ficar na penitenciária. Abri mão do escritório. Em 2009, tomei uma decisão difícil, porém muito gratificante para mim, resolvi deixar de advogar. Atualmente tenho OAB e pago a ordem e sei que quando desejar voltar terei abertura. Na penitenciária tinha um bom contrato de trabalho, ganhava bem, mas estava cansada, estava a quase cinco anos trabalhando com outro universo que era totalmente diferente daquele de sala de aula que me dava muito prazer. No Luciano a cada semestre, eles aumentavam minha carga horária e teve um tempo que eu já trabalhava manhã, tarde e noite, oito as doze, duas as seis de seis e quarenta até as dez horas de segunda a sexta. Aquilo era loucura, não era vida. Acordava cinco horas ia para academia, deixava menino na escola. Só chegava depois das dez e ficava estudando até as duas da manhã. Meu marido, minha mãe já estavam me pressionando e eu tinha que resolver, tinha que deixar algo, que em

tese era mais fácil para os outros, porém resolvi deixar a penitenciária e ficar com aquilo que me dava prazer. Vou ser feliz, não aguento mais ter que fazer algo para agradar aos outros, pois a advogada tem que andar de salto alto, maquiada 24 horas por dia, de salto batendo perna no fórum, para ganhar metade do ganhava dando aula. Tinha que abrir mão, o ritmo era intenso e da UVA não poderia abdicar por ser concurso efetivo, do Luciano, buscava outros ideais. Abri mão da advocacia, não que não advogue para um amigo e me senti muito feliz com isso. Muitos colegas perguntam porque eu não volto, digo que eu gosto da sala de aula. Sei que vai me deixar de cabelo branco, com mais ruga, vai me cansar, mas é o que eu gosto de fazer e faço com prazer. É o que me dá satisfação. Não vou mais ficar preocupada com o que os outros pensam. Chega um tempo na vida que você tem que escolher e fazer o que lhe dá prazer, pois vou chegar aos cinquenta anos me perguntando o que fiz da minha vida. Gosto de advogar, mas ensinar é mais forte e a função administrativa dentro da universidade, eu também gosto, trabalho no meio acadêmico. Sempre falo aos colegas que os alunos do direito se acham melhores que os outros cursos da UVA. Acho que tudo isso está errado. Exemplo, o professor de física, química acha que o curso dele é menos valorizado e por isso ele tem que ser um profissional menos valorizado e tem que entrar na universidade arrastando uma sandália, não se valoriza e nem estimula aos alunos olharem para cima. Já do direito os alunos já entram se achando melhores. Nós não somos melhores, somos iguais. No mundo todos não poderiam ser advogados, todo mundo juiz, médico. O importante é fazer tudo bem feito. Aqui na universidade os professores se acham os melhores e não temos nem um doutor no direito. Enquanto os outros curso tem muitos doutores. O curso menos qualificado da universidade é o direito. Somos todos chamados de doutores. Não é um contrassenso? Todo muito de paletó, saltos. Gosto de dar aula e sou considerada uma professora carrasca, pois não levo o magistério como um hobby e sim com muita seriedade. O interessante é que aquele que é promotor, defensor ou juiz que dar aula no curso de direito é status. As pessoas chegam me perguntam como foi que consegui entrar no curso de direito, então respondo que foi estudando, prestando concurso. O professor não sabe a dimensão do trabalho que ele vai ter, quando assume, leva a função como um trabalho de segunda categoria. Tem escritório, audiências e não tem a responsabilidade se o aluno está aprendendo, se está passando conteúdo. O importante é estar lá. Eu fiz do magistério a minha prioridade profissional, me dedico, estudo e dou o melhor para o meu aluno e cobro dele o melhor que ele tem. Às vezes, os alunos estranham, pois estão acostumados com um perfil de profissional diferente. Porque nós não estamos preparados para sermos professores.

Como você tornou professora? como você se vê professora universitária? como percebe o seu percurso de formação?

Primeiro tudo que assumo, tenho responsabilidade. Dou sempre o meu melhor, por o contrário, não assumo. Não consigo fazer nada incompleto, não sei se é defeito ou qualidade. Comecei me dedicando, gostando e aprendi muito com os meus alunos, principalmente, com os meus primeiros alunos. Quando entrei no curso, ainda pela UFC eu tinha doze alunos em uma sala. Eles tinham ou a minha idade ou eram mais velhos do que eu. Quando entrei em sala eles pensaram que era uma aluna nova, transferida e queriam me expulsar de sala, pois tinha essa história de expulsar transferidos para UFC, se eu não tivesse me identificado. Eu vi de uma escola muito fechada. A UFC foi minha mãe e muito fechada. O professor não tinha muita conversa com os alunos e para conversarmos com eles tinha que passar por várias pessoas, alguns eram mais abertos, apesar de não achar isso legal me influenciou. Tinha que encontrar um meio termo. Como vou passar conteúdo da melhor maneira possível, pois não fui formada para isso. Como vou adquirir respeito e admiração dos alunos sem causar temor. Só vou conseguir isso através do meu conteúdo. Comecei a supervalorizar as minhas disciplinas, os

alunos perguntam se eu acho que eles só tem a minha disciplina para estudar. Eu respondo que a minha obrigação é fazer isso. Se o outro professor não faz propaganda da disciplina dele eu faço da minha e Direito Civil é a disciplina mais importante que tem. Comecei a mostrar para o meu aluno que ele tem que estudar, se esforçar. Foi tudo como empirismo, foi testando, vendo como funcionava com uma turma, dá certo fazer trabalho, mas trabalho dá muito control c e control v, vou ter que pesquisar. Como faço uma prova e fui buscando livros, fui pesquisando e fui vendo o que outros professores de direito faziam em outras universidades. Quando eu tinha acesso as apostilas, como eram as provas e vi que minhas provas estavam bem elaboradas, os assuntos nessas apostilas eram superficiais e vi que meu material estava bom. Fui por mera intuição.

A universidade nunca promoveu curso de preparação para esses professores formados em bacharelado e sem experiência em docência superior?

Teve uma vez um encontro com uma professora da pedagogia, isso há dez anos. Não lembro bem o que foi abordado pelo tempo. Uma coisa que tive muito cuidado quando estive na coordenação era quando recebia um professor novo, que nuns tinha entrado em sala de aula, tive o cuidado de tentar encaminhá-lo, ajuda-lo. Meus ex-alunos que já ingressaram como docentes, vou dizer lá no Luciano o horário é muito rígido, já na UVA existe uma certa flexibilidade, terminou o conteúdo, faltam dez minutos pode liberar o aluno. Na instituição privada se tenho que terminar as 08h20, o horário tem que ser cumprido. Uso de algumas táticas, faço a segunda chamada no segundo horário, outra ao terminar um conteúdo e ainda ter um tempo de 30 minutos fica complicado começar um novo conteúdo. O aluno está cansado, mas tem que ficar. Sempre tenho umas questões na minha bolsa acerca do assunto e que já foram de provas passadas, jogo para a turma responder. Parece bobagem, mas dizendo isso para um ex-aluno que agora é professor, quando faltam uns minutos para terminar ele repete o modelo. Isso é a experiência que vai capacitando. O professor é o maestro da orquestra, ele sabe exatamente onde o conteúdo deve ser dado mais rápido, ou devagar. Sempre consigo dar o meu conteúdo dentro da carga horária, pois me adequo a carga horária que foi colocada. Não dá para o professor ficar horas a fio conversando só sobre um tema. O professor tem que encontra uma forma do aluno aprender bem tudo que for dado. É na universidade que o aluno veja aquele conteúdo, se ele não estudar ali, não terá outra oportunidade. Tenho essa preocupação. Nunca tive formação para ser professora e nunca entrei numa sala de pedagogia. Tenho muita vontade e atualmente tenho procurado muitos livros da área, inclusive tem um encontro nacional dos professores do direito. A Faculdade Luciano Feijão trouxe um professor que nos repassou uma série de dicas sobre o magistério, a melhor forma de exercer a profissão. Tenho me preocupado em fazer o meu aluno falar mais, inclusive nas disciplinas que proporcionam isso. Na UVA não temos muito incentivo. Se o aluno do direito não fizer a monitoria para ter a Iniciação à Docência, ele sai sem formação. Tenho certeza que não sou uma professora no ápice e pronta, tem muita coisa que quero moldar. A cada semestre melhora. Eu estive no Luciano Feijão e vim de lá chateada, pois tenho uma turma de civil 1 do segundo semestre, com 40 alunos, em quatro anos que estou lá, entrei com responsabilidade civil e depois civil, nunca tive uma turma tão difícil como essa. Tive dos quarenta alunos, onze foram aprovados, seis aprovados por média e cinco aprovados por NAF, dez reprovados por falta. Os que foram para NAF tiraram zero, um. Conversei com o coordenador e disse que estava muito chateada, pois passo o semestre inteiro se doando, fiquei com sentimento de culpa e procurei outros amigos docentes para saber do rendimento da turma em suas disciplinas por pensar que problema também pudesse ser comigo. Mas, não vou abrir mão do que acho que é correto e flexibilizar, passar a mão na cabeça, o mercado de trabalho não é fácil. Até digo que sou muito “muquirana” para nota. Quando meu aluno tira

um dez ele chega para mim e diz obrigada, respondo que ele não deveria me agradecer , não estou fazendo nem um favor para você, esse nove ou dez é seu, foi você que estudou e conquistou, somente constatei na minha correção seu mérito. Apesar de vibrar com o sucesso do aluno, me causa uma alegria ver o aluno fazer direitinho. Agora ver uma turma de quarenta alunos somente onze aprovados. É muito difícil.

Você hoje se identifica como professora pesquisadora, professora profissional ou professor professor?

Seria interessante se no Brasil houvesse mais incentivo para o professor universitário ser mais pesquisador. Durante muito tempo exerci somente a dimensão de professor professor e é o que gosto de fazer. Existem professores que possuem um nível de conhecimento alto, mas quando chegam em sala não conseguem passar o conteúdo, com uma linguagem muito específica e o aluno não compreende bem. Confesso que me falta muito de qualificação. Uma diretora de centro certa vez me disse que só não tenho é carteira de habilitação, mas dirigir bem isso eu sabia. O ensino de eu gosto, tem pouco tempo que procurei me dedicar nas outras áreas, tenho projeto de extensão dentro de uma concepção fora do pragmatismo do direito, pensei e escrevi um trabalho sobre o direito vai ao cinema, começou em Maio e inicialmente só para o direito e depois pretendo estender para outros cursos. O projeto consiste de uma vez ao mês é exibida uma película, após a apresentação é aberta uma discussão. O cinema é uma arte e aproxima as pessoas dos problemas mais corriqueiros e isso faz parte do direito , pois é uma ciência que vem de anseio as angústias da sociedade. Passamos nesse último mês um documentário sobre alienação parental, muitos ficaram emocionados. No campo da pesquisa estou começando, já publiquei artigos e pensando em ingressar no mestrado e entender esse campo do professor pesquisador o qual não o considero fácil. Requer dedicação e a universidade cobra sua qualificação. Estou tentando fazer um pouco de cada área.

O que significa para você ser professora universitária?

É difícil!!!! A primeira vez que fui homenageada foi na turma de 2003, a turma do Carneiro Neto, pessoa que me é muito cara. Ele na aula da saudade recebi uma placa que dizia: O mestre por vocação era aquele que desejava que o seu discípulo fosse melhor do que ele. Assim... (ficou muito emocionada)... Para ser professor tem que ter vocação e doação. O conhecimento é algo que você conquista arduamente e passar um pouco para o seus alunos é muito gratificante. Fico feliz com a conquista dos meus alunos. Sinto que apesar do meu egoísmo como ser humano, eu consigo ser generosa. DEUS tem para cada um uma missão e acredito que a minha, apesar de já ter sido rotulada de egoísta, no magistério nunca fui . (momento de choro e muita emoção). Uma vez um aluno contou que comprou um livro e percebeu que as provas do professor eram retiradas desse material didático. Ao fazer uma prova e receber a nota foi até o professor e perguntou se ele conhecia o livro em questão, então o professor disse que era o seu livro de estudo e não o adotava como bibliografia. Claro que o professor deve saber quais são os livros de graduação e os mais específicos. Mas, todos os livros que li passei para os alunos. Não vejo que o aluno seja um concorrente meu. Pensei muito sobre isso no dia que recebi a homenagem, em 2003. Realmente, trabalho para que o meu discípulo seja melhor do que eu.

Como a Alcione se apresenta na sociedade? professora ou advogada?

É uma complicação. Muitas vezes respondo que sou advogada, mas não estou exercendo a profissão e sou professora universitária. Nas fichas preencho como professora. Identifico-me como professora universitária.

Todo o conhecimento adquirido ao longo da vida interfere no seu jeito de ser, tornar-se professora?

Procuro separar as coisas. Quando entro em sala, procuro deixar os problemas fora da sala e me dedico aquilo que estou fazendo. Alguns colegas entram em sala e consideram aquilo uma tortura. As experiências da minha vida modificam-se, hoje sou uma professora mais flexível. Digo sempre que regras podem ser modificadas, princípios jamais. Penso que se alguém encontrar uma cédula de cinquenta reais e guardar, ao encontrar um milhão faz a mesma coisa. Os meus princípios são os mesmos. Convivi com uma aluna diversas dificuldades, sabia que ela estava cursando Direito, mas ela não ia exercer a profissão. Uma vez, ela fez naf e deixou muitas questões sem responder. Ao entregar a prova a aluna me disse que pensava que eu iria responder a prova por ela. Depois que fui mãe e as experiências na penitenciária muita coisa mudou em mim. Antes eu vivia um sonho de romantismo, sem interesse somente de passar em concurso, mas também de mudar o mundo. O tempo da política de colocar o Collor de Melo para fora, subir o Pirambu e ajudar as pessoas. Quando comecei a lecionar tinha muito desse sentimento e fui percebendo que as coisas não funcionam assim. Tenho consciência do faço, minha dedicação é a mesma ou até mais, cobro mais do meu aluno. Eu era muito fechada, exigente e hoje acredito que tenha mais suave, talvez sintam-se mais segura. Percebo isso, nos comentários dos amigos de trabalho, quando os meus alunos me elogiam e os colegas ficam dizendo que vão ver minhas provas para entender os comentários. Os alunos mesmo ficando de naf e reprovados dizem que gostam de mim e das minhas aulas. Algo mudou. Você não precisa brigar com o mundo para as coisas darem certo. Não me vejo uma pessoa muito suave, delicada, sou mais objetiva. Os alunos antes diziam que eu fazia muito terror e esse comentário me assustava pela imagem que fica nas pessoas. Na verdade eu cobrava que eles estudassem. Resolvi, então, mudar meu discurso, colocar na prática sem assustar e tentando dizer a mesma coisa, só que com outras palavras. Não quero que meu aluno tenha medo de mim e sim tenha respeito e estude. Fui tentando melhorar. Às vezes, tenho um jeito de falar, adquirido na escola da UFC, mais objetiva e o aluno interpreta como grosseria. (momento de sorriso) Só sei que vamos melhorando como pessoa e como profissional.

Como você se formou para ser professora? a experiência de aluna interferiu no ser professora hoje?

Tive alguns modelos na universidade que não gostei. Sou professora de Família e sucessões totalmente autodidata, pois a minha professora foi uma negação, tinha um comportamento meio louco, acredito que ela tivesse algum déficit, enfim. Tinha algumas experiências que dizia que jamais os seguiria e depois me vi repetindo e sem querer. A minha postura de autoritária em sala, seja reflexo de duas coisas, a primeira o modelo da UFC de uma formação autoritária, faculdade tradicional. Como comecei muito jovem a lecionar e necessitava impor respeito aos alunos, me dediquei muito e fiz muitas imposições e acreditava que era correto. Os alunos tem razão quando dizem que tem medo de mim, embora não seja intencional, não tenho dolo de fazer isso. Nos últimos quatro anos tenho mudado minha postura, pois não quero que meu aluno tenha medo de mim. Esses modelos não foi influência boa. Não lembro de ter visto, no âmbito pessoal, alguém autoritário. Vejo no meu filho de cinco anos, ele sempre que decide, fala de um jeito autoritário. Também, em relação aos meus filhos tenho

procurado me policiar. Sempre fui muito tímida, quando disse que ia fazer direito meus amigos diziam que não combinava comigo. Quando criança sofri Bulling e queria fazer alguma coisa que as pessoas me respeitassem, talvez isso tenha influenciado, pois pensava sempre aqui quem manda sou eu, ninguém vai me mandar. A escola da UFC reforçou meu pensamento e quando vim dar aula reproduzi o modelo. Sem intenção!!!! Hoje tenho consciência e desejo melhorar, pois não é essa imagem da Alcione que desejo passar. Tenho outra imagem guardada e tento passar aos poucos.

O que representa ser uma formadora de profissionais e de professores?

Tenho alunos que hoje são meus colegas de trabalho na UVA e Luciano Feijão. Foram trazidos por mim para o magistério, foram monitores, estagiários. Tenho alunos que exercem a advocacia e fazem diferente do que foi ensinado. A formar professores fico envaidecida e que agradecem o que foi feito por eles, agradecem e outros nem lembram. Faço recomendações de ex-alunos para dar aula.

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO COLETIVO

DATA: 22/02/2013

LOCAL: CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – CCS – UVA

HORÁRIO: 15H00 ÀS 18H00

PARTICIPANTES: A docente pesquisadora, e as quatro docentes participantes Alcione, Caetana, Iracema, Elis Regina.

Segue a transcrição do encontro coletivo a partir da pergunta: Que experiência da sua narrativa pode ser tomada como experiência formadora? Antes das respostas a pesquisadora fez uma explicação sobre experiência formadora.

A primeira a falar foi a Iracema colocando “ao ler essa primeira pergunta, como está no singular e como são conceitos muito habituais nas ciências humanas, eu já fiquei..., tem tanta coisa que eu disse e para destacar uma... Formação passa por várias etapas. Entendi a pergunta no singular; é uma escolha de um momento. Vejo a minha formação na graduação, desde a escolha da profissão na juventude é sempre um desafio se vai dar certo ou não. Mas, eu, queria fazer História e sabia que o ramo era tanto de pesquisa como de ser professora. E durante o curso foi realmente de formação. Aprender o que é ensinar, mesmo no diálogo, como minha formação foi bacharelado e licenciatura, a ênfase na docência foi muito grande. Apresentar trabalhos, ir para um curso voluntário. Isso me transformou completamente, no sentido de dizer que é esse o caminho. Escolhi certo. Dentro da pergunta e se a pergunta for no singular a minha formação se dá na graduação. Me encontrei como ser humano, docente. Com o desejo de querer ir caminhando e ter a certeza de que escolhi a profissão correta, pois é sempre um desafio para um jovem”.

Logo em seguida foi a vez da Caetana comentar “ no meu caso a minha experiência se oficializou na graduação. Com a experiência com os movimentos sociais, a experiência do trabalho, com a formação familiar, nas organizações sociais. Fui nessa busca tentando adequar essa formação fora do espaço da academia, tentando conciliar esse tempo da academia. Claro que a academia vai possibilitando uma sistematização desses saberes, reorganizando, avançar, mas muita coisa do meu processo formativo de compreensão do mundo, de tentar compreender mais essa dinâmica da vida social, se deu bem menos na universidade e bem mais fora da universidade. Por isso que no ponto de vista de uma formação, o peso maior dessas atividades, se dá fora do espaço da universidade, muito embora depois, eu tenha tentado e para mim isso foi muito conflitante. Eu diria que a universidade foi uma necessidade, para mim a trajetória da universidade sempre foi por questões de vida, uma extrema necessidade de uma sociedade em que nós temos que fazer esses curso. Isso tudo foi uma necessidade. Se tivesse um outro modelo de sociedade que eu vivesse, me sentiria bem fora da universidade. Não sentiria esse desejo da vida acadêmica, para mim foi uma necessidade muito forte para entrar na vida acadêmica, muito embora compreendendo que ela tem toda sua importância, pois foi lá em sistematizei melhor os conhecimentos, tive a oportunidade de fazer e oficializar a pesquisa, na verdade já fazíamos pesquisa nos municípios. É algo oficial, institucionalizada, um espaço onde você começa a ser reconhecido. Diria até que quando você entra universidade, você fica muito... No meu ponto de vista, eu era mais feliz fora da universidade. Às vezes, tenho vontade de quebrar muitas amarras. A universidade é muito certinha, muito cheia de regras, muito... você fica muito sério. Talvez seja o tempo que a gente esteja vivendo que é depois disso aqui. Mas, o tempo da universidade não é um tempo feliz para os estudante. As vezes sinto isso. Converso com os

alunos e parece que não é um tempo feliz e existe um descompasso. Os alunos correm quando saem da universidade, quando dá 22h00, os alunos correm, vão se agarrar com os namorados, vão fazer o que é bom. Converso muito com eles sobre esse tempo. Briguei muito ideologicamente com vários professores. Fui me sentir menos amarrada a partir do Mestrado e Doutorado. Isso já a frente. Tive a oportunidade de conhecer professores amarrados. O tempo de formação, a experiência de formação é o tempo fora da universidade, é o tempo da vivência e contato com as pessoas”.

A pesquisadora perguntou a professora Caetana se as experiências relatadas influenciaram na identidade docente. Nesse momento a docente Iracema fez sua colocação refletindo sobre as colocações da Caetana sobre o processo formador. “Dentro desse processo formador me vejo num processo bem dentro dos muros universitários, não muito saber para além do muro. Vejo a experiência da Caetana bem extramuros. Então a identidade profissional dela como professora universitária é esse diálogo com os movimentos, fora dos muros. Tenho extremo conforto dentro dos muros universitários. Inclusive nos meus alunos, consigo ver alegria na graduação deles. Para mim uma das melhores fases é da graduação. São experiências, é uma identificação com esse espaço escolar, algo claramente admirável. É um trabalho muito importante. O extramuros é o grande debate de como fazermos isso”.

A pesquisador fez uma reflexão sobre “a importância da vivência social na identidade do professor, a universidade é lugar de formação. Os professores tem dificuldade de conversar com os colegas sobre as disciplinas afins, conversar sobre os alunos, a importância de perceber que o aluno deve ser formado para atuar nessa mesma sociedade. Como docentes nós temos dificuldades, por vezes ficamos engessadas a modelos que nos cobram qualificação apesar de alguns docentes terem dificuldades pedagógicas dependendo da formação de cada um”.

A professora Elis Regina comentou “eu diria para a professora Caetana que o meu processo foi muito diferente. Quando comecei dizia para os meus alunos, conversando com eles, que as vezes não sabia, a minha identidade, se era professora ou aluna, pois recebi um convite para terminar uma disciplina que já tinha sido iniciada e a professora pediu exoneração. Dentro da graduação tinha uma busca de uma realização pessoal, adorava dançar e a formação mais próxima era a Educação Física. Gostava de fazer tudo o que tinha aqui dentro, de fazer, realizar, mas nunca imaginei ser professora universitária. O meu processo dentro da universidade, foi um processo de descoberta, de aprender a sistematizar, de descobrir coisas novas, de gostar de ajudar, de gostar de ensinar. Foi um processo de descobertas com a convivência e com o passar do tempo fui meio que me apaixonando e me descobrindo. Me descobri uma professora desde a forma de conversar com os alunos, fiquei analisando. Esse processo de formação tenho coisas que me angustiam e que foi muito sofrível meu processo de formação universitária. Depois descobrindo coisas dentro da universidade fui fazendo um paralelo e fui identificando com a vida e fui organizando. De repente me questiono sobre muitas coisas: estar em contato com os alunos e suas faixas etárias e a nossa faixa etária que o tempo nos faz compreender tantos acontecimentos e termos mais sensatez. A minha pergunta é como devemos agir para que eles percebam, mesmo com pouca idade, de verem alguns fatos importantes. Fui costurando com os saberes extramuros e os saberes que fui buscando pessoalmente. Como fui atrás de uma satisfação pessoal e a Educação Física tinha essa característica da prática e do fazer. Quando fui convidada para ser docente encontrei a minha deficiência do conhecimento teórico que os alunos precisavam e que na época não existia literatura. Vim ministrar a disciplina de Dança e a literatura? Eu vivia na academia, na escola

de dança esses eram meus espaços. Sistematizar conhecimentos, ter textos para discutir, como conversar. Foi uma dificuldade enorme. Tudo aconteceu rapidamente, e o processo de descobertas, desafios e superação eles foram acontecendo e aprendi aqui na universidade como ser docente universitária. Em parte tenho um aspecto sofrível da busca solitária, angustiante, as vezes sem ter com que dividir algumas coisas, descobrindo coisas novas e depois esse outro processo de conversar o extramuros com os conhecimentos da academia e começar a gostar de superar, de inovar. Explico meu processo nessa duas fases”.

Seguida da professora Elis Regina, a docente Alcione relatou “ a minha formação é totalmente diferente. Talvez um pouco mais próximo da Elis Regina no sentido de ser bacharel, não somos formadas para ser professora, embora faça parte da área de humanas, minha formação é diferente das professoras. Eu venho de uma escola de que não recebemos formação para ser professora , mas uma parte de nós gosta e tem isso como um status conquistado profissionalmente. Que experiência da sua narrativa pode ser tomada como experiência formadora e transformadora? Tem muita coisa na minha narrativa que vejo como um prenúncio de tudo que ia acontecer e aconteceu na minha vida pessoal e profissional. Mas tem um lado de uma situação que não foi uma decisão fácil, e que nunca é, foi quando tive que sair do meu escritório e escolher o magistério e ficar com o magistério superior. Até hoje, recebi dois telefonemas me cobrando a volta ao escritório. As pessoas queriam que eu assumisse o processo. Não é uma decisão fácil para uma advogada ter que sair do fórum, fui formada para aquilo. Não é porque eu não gostasse de advogar, absolutamente, eu gosto, só que formei uma família e tive que dar prioridades na minha vida, pois não estava conseguindo conciliar o escritório, com a sala de aula e minha família. Fiz uma opção por criar uma família, ter filhos e tinha dentro de mim que para todo mundo eu conseguia dar conta de tudo e estava tudo bem. Mas, para mim não dava conta do jeito que eu queria. Escolhi retirar o que naquele momento da minha vida me dava menos prazer, me dava muito prazer ser mãe e estar em sala de aula. Então, essa experiência transformadora porque não foi uma experiência fácil. A quanto me descobri professora, apesar do bacharelado, sempre tive uma vontade, uma tendência, um olhar. Acho que o docente vai se formando com o tempo. Vejo uma grande diferença entre o docente que se inicia e aquele que tem experiência. Antigamente dizia que o professor que está no fim da carreira já presta atenção a nada, já aprova todo mundo. Não sei, costumo brincar com meus alunos que estou numa fase complicada, porque já não tenho a insegurança do início, sempre tem uma turma nova, mas você tem um noround, se você está ali é porque se sente segura depois desse tempo todo de sofrimento. Também não me sinto nem um pouco desestimulada e cansada. A experiência docente vai se construindo a cada ano, o relato da Elis Regina é importante porque me percebo como professora. Os meus ex- alunos que hoje são colegas falam claramente e percebem que sou professora diferente da que fui há dez, doze, quatorze anos, muito diferente. Estou em constante transformação, se não me sentisse em constante transformação já teria saído da sala de aula. Porque, brinco, mas descobri, apesar de ser um contra-senso, que a vida acadêmica, a docência, é a fonte da juventude. Quando você Elis falou que entrou em sala e foi um susto, também quando entrei na sala de aula a primeira vez os alunos tinham a minha idade ou eram mais velhos. Hoje encontro filhos de colegas minhas de colégio que foram mães jovens com filhos sendo meus alunos. Então, você vai vendo o tempo passar e vai trocando experiências e vai se transformando. O fator de escolha de uma experiência foi a minha escolha de ficar no magistério. Poderia ter decidido o contrário, fiz uma escolha que poucos profissionais da minha área fazem. Nós temos alguns no curso de direito, mas são poucos. Por escolher magistratura à docência no ramo de direito, é tanto que antigamente nós tínhamos uns gabinetes de professores e foram entregues para o curso de filosofia, porque nunca eram utilizados. O professor do direito, hoje não, mas há alguns anos ele não tinha essa... falar de

pesquisa, de método, sistema para nós, sistematizar conhecimentos, isso era hebraico. Nós não temos nenhuma disciplina na faculdade que fale qualquer coisa desse tipo, aprendemos as leis, a interpretá-la, aplicar, fazer peça. Ninguém te ensina sobre isso, ninguém nunca me ensinou sobre como devo me portar e entrar em sala de aula. É diferente a experiência docente de quem é bacharel para quem tem experiência docente, independente do extramuros, intramuros, para ser formada professora. Não fui formada para ser professora. Os meus professores da faculdade nunca forma formados para serem professores e assim, é consequentemente, todas as relações dentro do curso de direito. Somos professores do curso de direito sem nunca termos sido orientados para ser professores. Agente aprende, mas ninguém ensina.

A pesquisadora perguntou como é que a Alcione se identifica como docente universitária, a partir de todas as suas experiências formadoras? Ela respondeu que acha que está melhor do antes, cresci, amadureci como docente, acumulei e agreguei uma série de experiências de vida, mas estou em constante transformação, me vejo claramente, é tanto que, aquela coisa de ter material e dar a mesma aula todo semestre. Um aluno que foi reprovado na minha disciplina e meus monitores dizem muito isso, professora a sua aula é diferente do semestre passado, o conteúdo é o mesmo, mas vou mudando algumas fórmulas que desenvolvi e não deu certo, não ficou legal. De repente li, vi, algum assunto e naquela turma com aquele número de alunos dá para ser aplicada a prova daquela forma.

Em seguida a professora Caetana fez outras considerações: o que vai se somar aqui é tentar ver com a Alcione, Elis Regina, Iracema e Caetana pelo trabalho que você está pesquisando é exatamente ver os processos identitários dos professores universitários nos espaços e tempos de formação. O que me parece que é uma discussão importante é esse tempo de formação na vida acadêmica ou esse espaço da vida acadêmica, ele se constrói mesmo no ponto de vista, quando você disse que é uma permanente transformação, mas ele não se dá somente nesse espaço acadêmico, quando você fala que veio com o desejo da dança, você não aprendeu dança na universidade. Talvez quantas vezes te olharam, tiveram um olhar vesgo, você lá no campo da CIDAO e o povo lá, quem essa maluca, porque não era da formação da academia e nem da área da Educação Física, a dança, como em muitos curso ainda não é. Então, você veio com essa bagagem e a Iracema vem com uma bagagem, também, de uma trajetória. O que é interessante perceber é como essa trajetória de vida que nós vamos misturando com o processo da academia que vai nos dar essa possibilidade de experimentar esse outro espaço. E quando você fala que a sua aula anterior é diferente de agora e que os alunos percebem, certamente, é porque você trás uma vivência daquilo que não se adequou pela linguagem de como os alunos perceberam, de como assimilaram e certamente a tua trajetória dos escritórios preparando as peças, ouvindo as pessoas e o público, isso de certa forma interfere nessa trajetória. A Elis Regina, também, ensinando dança aos meninos da periferia de todo canto, vai dizer que precisa de música, porque isso aqui estava muito parado. Essa educação física estava muito parada.

A Elis Regina disse tem um detalhe professora, eu digo que não me via professora. Lembrei que um dia estava na escola saúde da família na preceptorial de educação física e uma professora me lembrou que eu dava aula aos onze anos na academia, como é que agente percebe esse processo de ensino na universidade e como era a minha percepção daquilo que me interessava. Comecei a dar aula com vinte e alguns anos e percebi que desde os onze anos dou aula.

Alcione falou isso que você falou diz um pouco da minha experiência inicial de alfabetizadora, sempre pensei em estar em sala de aula. Quando você faz o resgate e vê que naquele tempo não tinha o jeito para ensinar.

A pesquisadora disse que a identidade que tem hoje como docente está sempre em construção. Lembro que nós professores sentimos dificuldades em lecionar em curso diferentes da nossa formação. Sou fisioterapeuta e ensino na educação física, para mim é difícil, tenho nove anos de docência. Toda a experiência que tenho na minha formação profissional, exige muito para que eu possa ensinar na educação física. Exige de mim aprender outros conceitos, porque o meu aluno pergunta sobre o assunto da disciplina dentro do contexto profissional. Isso exige estudo. A experiência de vida é importante. A identidade é muito pessoal, é próprio de cada um. O que foi formador para mim pode não ser formador para você.

Caetana pensou e disse que a Iracema por exemplo ela no Pará era muito de rua.

Iracema não resistiu e completou dizendo que estava ouvindo as histórias e lembrei do Pe. Sadoc quando disse que só pode ser padre e professor, mas gosto de todos os conhecimentos e essa fala me tocou muito, porque me lembro como gente que a partir dos cinco anos e desde então sou encantada por tudo. A dança me fascinou, era moleca de rua de dançar carimbo, lambada na década de noventa, não bem feitinha, mas me rebolava e dançava mesmo. Assim, como quis ser médica por toda a minha infância, até descobri que tinha medo de sangue, não pude me identificar, mas eu achava uma profissão lindíssima. Todo o ensino médio queria ser administradora ou advogada e gosto das duas áreas. Acho se tivesse ido para qualquer uma das duas teria sido muito feliz, também. Mas, porque escolhi, acho que a leitura do texto me fez pensar isso, ser professora, porque sempre brinquei de professora, as minhas bonecas eram minhas alunas. O prazer da escola sempre foi muito intenso, ensinar os colegas, ir para o quadro, fazer as tarefas de matemática, sempre fui boa em matemática. Fui começando a entender. Como os professores falavam mal do salário, que não era uma profissão boa, até o ensino médio não queria ser professora, pois já que iria estudar muito queria ter sucesso na carreira e não queria uma carreirinha. Fui para o cursinho para fazer direito ou administração, foi quando tive três professoras de história brilhantes, disse que era isso que queria ser. Foram os professores que se manifestaram e que me fez escolher a profissão, assim como muitos outros não me tinham despertado, mas eu também tinha essa formiguinha. Tudo me encanta muito, até hoje. A pesquisadora me conhece um pouco, quando via os projetos nascendo de fisioterapia, nossa... podemos pensar disciplinas assim. Eu me integro muito rápido com as áreas do conhecimento. O conhecimento é uma beleza da nossa inteligência, é a nossa capacidade de criação. Artes, acho fantástico. Quando busco entender porque a minha identidade é ser professora, acho que exista uma relação com as experiências que a Caetana está me provocando, eu diria que como essa relação de vida, de experiência, de estar no mundo, é um pouco nesse sentido.

Caetana disse que acha legal. Voltando para as minhas dificuldades, a maior dificuldade na academia foi exatamente isso. Porque que a música não pode estar na Educação Infantil? Você tem que ter um pouco de conhecimento. Você pode ensinar a criança pela música. As limitações do tempo, a área de direito para mim, me fascina. Converso com alunos do direito, porque eles perguntam porque tem que estudar filosofia no direito. Espera aí que vou te dizer porque tens que estudar filosofia, antropologia, história, medicina no direito, várias coisas que

você está uma pessoa que matou o pai e a madrasta solicitaram no caso um antropólogo. Essas diversas áreas que a Iracema está falando...

Alcione abordou que não temos mais uma área totalmente fechada e engessada. Está claro que o juiz não precisa ser um psicólogo, médico. Tem que ter um conhecimento mínimo.

Caetana complementou talvez essas nossas trajetórias nos possibilite a pensar que o nosso trabalho é algo que vai se renovando, pensando na Educação Física, durante muito tempo nos disseram que não era legal correr descalço, fico lembrando eu corria tanto descalço no meio da rua, achávamos super bacana, agora dizem que tem que colocar um tênis, tem que ter um mol, algo muito caro. Nunca tivemos dinheiro para comprarmos esse sapato caro, então corríamos com um bem duro e continuávamos correndo. Quando é agora com as novas descobertas é dizendo que ser interessante correr descalço.

Elis Regina disse isso em muitas áreas do conhecimento nos deparamos com isso.

Caetana disse ser muito legal. Isso nos inquieta com as nossas áreas. Sempre tive dificuldade na academia, aquela coisa muito fechada, arrumada.

E a Alcione complementou percebendo nos alunos e que a época da graduação para ela foi muito feliz, de muito prazer, sentimento de vencer, de estar onde queria, de estar numa situação almejada e talvez eu transfira isso para os meus alunos em sala, percebo meus alunos muito felizes em sala. Quando vai chegando no final do curso, que é natural, aparece uma vontade de terminar, de querer encerrar, de correr para concluir. Talvez os objetivos profissionais e a possibilidade de fazer o exame de ordem no oitavo semestre, mas fora isso, tem muito da formação de cada um, me sinto a vontade, não tenho nenhum problema com a rigidez acadêmica, ao contrário.

Iracema falou que o a fala da Caetana a fez refletir que depois de dezoito anos de carreira e sempre na universidade, agora no Pós doutorado foi exatamente o felling de trazer a junção da espiritualidade para dentro da academia, aprendi na graduação que nós brigamos com Deus, rompe mesmo, perdemos a nacionalidade e essa formação foi federal do Pará e voltei para o pós doutorado na federal do Pará e justamente quando o diálogo com Deus voltou e foi um grande desafio, porque é uma área do conhecimento totalmente delicada, porque no campo da racionalidade, ter o espírito de presença de corpo e alma, porque não somos só corpo, nós somos alma, mas alma não se explica. Para a ciência é problema e a religião é fé e mistério. No campo da fé vai para a espiritualidade e não tem que explicar nada, então hoje estou nesse grande desafio que é essa formação no campo da história que é extremamente secundária, racional e mesmo contra Deus. Esses desafios são sempre importante, esse momento é um marco se é possível ter uma pluralidade de formação e isso transforma completamente, porque me transformou na forma de como estar em sala de aula não somente com uma técnica no conhecimento mas, com um ser humano, com irmão, com almas e encontro de almas.

Perguntei a Iracema se antes dela fazer o Pós doutorado tinha um perfil identitários diferente? Isso acontece constantemente com cada turma, com cada etapa, por isso que é difícil escolher uma, pelo sentido da pergunta, a narrativa ficaria mais longa, mas depois do pós doutorado, com certeza... hoje coordeno um grupo do PIBID de 20 alunos dentro dessa linha, dessas formação e é outra formação que eu vou vendo como eles estão se colocando, mas a principal formação já na experiência mesmo é como os alunos nos veem e a fala da Alcione é exatamente. É o grande sujeito, grande espelho onde nos enxergamos é nos alunos.

Se pegar um aluno da minha primeira turma de graduação e dezessete anos depois pegar na especialização e eles me perceberem diferente e eu me relacionar com eles diferente. Isso é importante, na verdade é toda uma etapa. É uma grande mudança epistemológica pós doutorado, com certeza.

A pesquisadora disse estar com vontade de fazer uma pergunta a vocês. O fato do método ter permitido a cada uma falar de si. O que foi formador ao falar de si para a professora que é hoje? Caetana disse: vou dizer o que eu sinto. Sempre gostei de trabalhar e trabalhei com os alunos a história. É de fundamental importância... Você não ter essa percepção histórica, acho que você está fadado a qualquer coisa. Até a ciência, a razão pura, ela trás a ideia da história. Sempre estimei aos alunos e aos estudantes a pensar a partir das suas trajetórias de vida. Trabalho muito dentro dessa dinâmica, porque há uma percepção que a sua história de vida ela não tem valor. É tanto que quando converso com os alunos sobre as famílias tradicionais de Massapê, eles dizem é a família fulano e fulano, o tradicionalismo e a tua? E teu pai, tua mãe e você? Não é dessa história? Não faz parte desse lugar? Você trabalha, ensina, dar duro e os livros só contam a metade da verdade, como o Drummond fala que a porta está entreaberta, meio aberta.... e é assim essa possibilidade de se sistematizar uma história de vida, que é exatamente isso que estamos fazendo, estava na nossa subjetividade, estava num espaço, num lugar das nossas cabeças, das mentes e memória. Acho que o método estimula a memória, uma memória que tem as suas fragilidades, porque qualquer um de nós, em cada história de vida, ela tem suas vantagens e tem dificuldades, pois vou contando minha história a medida em que eu vou querendo selecionar determinados fatos, vou fazendo uma seleção que talvez a memória..... Agora do ponto de vista de estimular e reconhecer, é tanto que depois que você enviou a transcrição, fiquei pensando... tem mais coisa, lembrei-me de outra professora que foi importante na vida, porque estava mentalizando somente uma que foi extremamente forte e fiquei pensando, teve uma outra, nós íamos para a casa dela e ganhávamos bolo de milho e começávamos a aula, ela cantando bom dia e era uma coisa quase na cozinha da casa dela e eu não lembrava e essa história foi me fazendo lembrar, tantas outras coisa, porque vai extrapolando essa memória, coisa de relação com o pai, aqueles momentos as lembranças e relembrações, acho um método muito interessante, como todo método tem as suas limitações, mas tem as suas possibilidades, também. Eu achei muito legal.

Elis Regina disse que apontaria dois aspectos: a sensação que tenho é de que reforça o compromisso, dá uma consistência maior, uma certeza, um resgate, essas palavras explicariam. Outro aspecto rico do momento coletivo é a troca, pois a fala do outro faz agente resgatar, lembrar e desejar outras coisas. A sensação que eu mais tenho quando fazemos essa volta, essa lembrança acho que afirma a posição que estou hoje, dá uma convicção maior. Falar do que estou sentindo.

Iracema disse que concordo com as duas professoras e as falsas e o importante é o que isso faz e como transforma, o poder de transformação para cada uma se vê. Ouvindo as experiências de áreas diferentes, dá um ponto maior de exemplos porque na graduação lido diretamente com licenciatura, com formação de professores, então é o método auto biográfico, pois colocamos nossos relatos, para eles perceberem como se constrói e se forma professores, mas esse encontro, essa metodologia que inclusive esse ponto de encontro entre nós quatro é muito enriquecedor, realmente, e necessário porque só receber a fala não saberíamos que seriam os outros perfis, agradeço a pesquisadora pela participação na pesquisa, porque nessa memória vamos selecionando quer queira quer agente sabe o sentido de como vai ser, esse encontro possibilita, exemplo, hoje a legislação brasileira diz que o professor universitário se faz na pós graduação, na época que entrei no concurso essa legislação não

existia, entrei com a graduação. Hoje tenho a responsabilidade de quando estou nos cursos de pós stritu que é como formar bacharel em professor universitário, ouvindo o relato de cada uma nos dá mais responsabilidade e exemplos de como poder ajudar na construção da formação de professores em nível de graduação, pois a graduação hoje é para a educação básica e a pós para o ensino superior, responsabilidade maior. Eu estou adorando, achei importantíssimo essa etapa de fechamento e de encontro das falas, dos sujeitos, das experiências.

Caetana completou dizendo que devemos ter respeito pela história de vida de cada um, pois há um processo de desvalorização muito grande, onde cada um tem um peso, a história de vida para cada um foi importante,... Iracema disse que é a sua e não poderia ser outra . Caetana disse que sente que na sala de aula a receptividade dos estudantes quando abordo perguntando como você está? O que está acontecendo com você que não está de batom, você gosta sempre de estar de batom? Ela diz que está cansada, diz que precisa conversar. Cada trajetória tem um peso. Esse momento é bom para que agente perceba que cada uma tem sua vida, seu estilo, seu peso, sua condição, seus momentos. Às vezes dizemos que algo não é bom, mas para a Elis Regina foi legal, a dança é importante para a Elis, o direito é importante, a forma como você se formou, na família, a ideia de que... sempre tenho muito cuidado com a questão da religiosidade, sempre falo em sala quais são as religiões que temos em sala, muitos são temerosos em dizer o que é.... Hoje já falo e aí que é de umbanda, quem vai para os terreiros, vocês sabiam que em Sobral tem mais de 200 terreiros cadastrados, o que é isso professora? São expressões de religiosidade. Um dia uma aluna me disse que saiu de um curso porque o professor disse que não acreditava em Deus. Eu não fiquei naquele curso mais nenhum dia. Abandonei e fiz vestibular novamente. Tenho que respeitar esse pessoal. Um aluno diz que é separada do marido, mas a fulana perguntou se ele voltasse, se eu aceitava e disse que sim, pois disse sim para Deus, olhei para meu marido e falei temos que respeitar esse povo. É muito forte para você ir trabalhando.

Alcione colaborou dizendo quando é feita a leitura é outra percepção. A fala daquele dia tem todo um momento histórico, dia, hora, influencia o tom de voz, o que você vai relatar. Talvez se essa entrevista fosse hoje, obviamente não seriam outros fatos mas, talvez a conotação ou a forma como relatei teria sido diferente , ou parcialmente diferente. Então, nesse sentido, foi um momento de parar e olhar para mim e me dar a chance de falar de mim. As vezes você fala mas, contar a sua trajetória, sua história de vida para alguém, funciona até como terapia (Risoss...), você se programou para falar isso, isso... você não sabia e fala tudo diferente.

Caetana disse que o método faz com que a memória seja despertada e a Iracema que é historiadora sabe disso, a memória você revê imagens, coisas que estavam guardadas... Iracema disse que é por isso que a história de vida transita na vida e na memória.

A pesquisadora pediu para completar a fala perguntando como você se percebe professora universitária? Elis Regina começou falando que a Alcione falou claramente que é um processo, senti assim, me sinto como meio que já respondeu. Como me percebo nessa história narrada? Me percebo em processo de mudança, aprendendo sempre, refletindo entre a academia e a vida como a professora falava, o que está aqui dentro e fora daqui que também está em processo de formação. Na nossa fala fomos contemplando esses aspectos de como agente se encontra nesse cenário.

Alcione fez um comentário sobre um processo convidado do Direito , ele é bacharel em Direito e ele já se aposentou e tem um prazer de ensinar e tem prazer em ensinar. Digo que

quando eu tiver aposentada com 40 anos, nem que seja voluntária só para dar uma disciplina, mas é um ambiente que tenho certeza que não vou sair. Pode até não ser na UVA, ninguém sabe das modificações que a vida imprime em nós. O ambiente universitário, é um lugar que me sinto completamente a vontade. Voltei a coordenação do curso e me sinto em casa, posso até amanhã não ser, mas para mim é prazeroso e digo que estou coordenadora e não sou coordenadora, com estive a oito anos. Quando vejo essa história e me percebo na minha história, eu narrei com toda veracidade e não fiz por menores, quando aceitei o convite da pesquisadora disse que não podia fazer censura, é minha história. Já pensou você.... quando dou aula sobre direito ao nome o nome digo sempre que deve ser muito ruim você ter um nome o qual você não se sente a vontade com ele. A lei permite que você modifique seu nome, e reconhece o nome que a pessoa se sente bem. Me percebo nessa história, é minha história, me sinto bem ao narrar, pois deve ser ruim você não se sentir bem na sua própria história. A história é feita de momentos bons e ruins. A história de vida não adianta contar só os louros e vitórias, para chegar as vitórias você passa por um série de fracassos, de dúvidas, de desistências e que vão fazer parte daqui para frente. Me percebo a vontade na história que narrei. Cada dia me percebo mais a vontade, senta numa cadeira confortável, a situação de conforto me instiga a melhorar. Tenho colegas que chegam para mim e dizem que vão entrar em sala com um sofrimento que até parece estar sendo atacado por uma faca no peito. Deve ser muito sofrido você ter que conviver na sua vida desse jeito de ter que transpassar uma faca a cada vez que vai fazer uma coisa. A pessoa tem que fazer algo que ache interessante, é não se sentir bem na sua própria história. Se minha vida terminasse hoje, estaria feliz? Estou vivendo como gostaria daqui há vinte anos. Constante mudança e hoje me sinto muito confortável, talvez há alguns anos fosse diferente.

Caetana disse que para ela o único espaço na universidade, lugar protegido é a sala de aula da institucionalidade. É como se o espaço da sala de aula desse uma dimensão diferente, porque ali você é capaz de reinventar ou de se proteger da institucionalidade, porque ali é vivo. Os alunos, as suas histórias, trajetórias, você tem a capacidade de reinventar. Para mim a sala de aula é uma proteção, passo pelos corredores e corro para a sala de aula, ali fico, dialogando com um e com outro, perguntando como foi o carnaval e enfim chego cedo e fico ali dialogando com eles.

Alcione disse ser engraçado pois alguns professores do direito chegam e vão para a sala dos professores e ocorre uma interação só entre eles professores. A sala de aula é sagrada, a liberdade é de cada um, a parte viva é a universidade.

Iracema disse que vale ressaltar que a atuação docente tem quatro campos de atuação ensino (como espaço sagrado), a gestão também é um trabalho, a autoria dos materiais e livros, por isso que a pesquisa cria essa produção do saber e quando me percebo nessa narrativa, me percebo quando coloco esses quatro campos de atuação, tem uma que eu não atuo que é um sindicato, somos nós que temos que leva-lo a frente. Me identifico muito com a gestão, sala de aula, e produção e não tive a experiência de sindicato e percebo que nessa experiência escrita, leitura e nessa conversa, é realmente como me sinto, uma pessoa que conseguiu realizar o que queria, estou feliz com o que faz, que investiu na carreira, pelo bem de onde está, também de gostar do que estou fazendo, também gosto de onde estou, da cidade de Sobral, das pessoas com quem convivo, de estar bem no que faz. Concordo perfeitamente com a Iracema de que a semente deve ser plantada para a vida daqui a vinte anos. Estou com semente, raiz, galho estou bem satisfeita. A percepção nessa narrativa é de uma professora realizada e se desafiando a cada dia, afinal estou na metade do caminho, tem tempo oficialmente falando tenho uns quatorze anos pela frente, está só na metade do caminho.

Fico feliz com as falas e percebo que foi formador, que valeu a pena, Iracema acrescentou dizendo que temos responsabilidade com o país de formar formadores de uma nova geração capaz de desejar, também que agente cresça.

Caetana completou que vale a pena perceber essas mudanças, é diferente o tempo de estudante para o de agora. Meu esposo estava dizendo que ele fez um levantamento sobre um menino de dezesseis anos no curso de administração, temos que elaborar como vamos conversar com esses jovens de dezesseis anos.

Iracema disse que a professora Alcione comentou que quando entrou na universidade ela tinha a idade de ser aluna, passei por isso, hoje o tempo de trabalho que tenho é a mesma idade dos alunos. Tenho dezessete anos de profissão, quem tem essa idade, tinha uns cinco, é tempo de vida do indivíduo, são gerações de diferenças, esse é o nosso desafio....

Caetana completou Música, pensamento, forma de aprender, ontem estava fazendo um levantamento....

Alcione disse que hoje as informações são de fácil acesso, o aluno coloca no google e não mais no Aurélio. O aluno tem acesso a tudo, hoje o professor é um facilitador. Não é mais um detentor de conhecimentos.

O professor tem que ter propriedade disse Elis Regina, nossos filhos vivem na época de muita informação e pouco conhecimento e digo que o professor é detentor o conhecimento, por isso esse aluno que tem acesso a informação como é que fazemos e que aumenta a nossa responsabilidade diante do cenário. É muito desafiador....

Estou satisfeita com as falas.... Fiz agradecimentos...

A identidade é modificada de acordo com a sociedade, com as experiências. Fui aprendendo, renovada. Com a história de vida de vocês foi formadora...

I. PERFIL BIOGRÁFICO - Data: ____/____/____ **Hora:** _____

Nome: _____

Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

_____ CEP: ____

_____ Fone: _____ Celular: _____

e-mail: _____

Você estudou em Escola ? Particular () Pública() Período: _____ Tempo de formação: _____

Atualmente em qual (quais) instituição trabalha?

Função(funções): _____

Há quanto tempo atua no magistério: _____

II. FORMAÇÃO ACADÊMICA

Graduação: Início/término: _____

—

Instituição: _____

Curso: _____

Especialização: Início/Término: _____

Instituição: _____

Título do trabalho: _____

Mestrado: Início/término _____

—

Instituição: _____

Título da dissertação:

Doutorado: Início/término: _____
—

Instituição: _____

Título da tese: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. SOBRE A SUA VIDA: CONTE-ME COMO FOI SUA HISTÓRIA DE VIDA PESSOAL (FAMILIAR, ESCOLAR).
2. QUAIS SÃO AS LEMBRANÇAS DO TEMPO DO COLÉGIO?
3. SOBRE VOCÊ: CONTE-ME COMO FOI SEU PERCURSO DE VIDA PROFISSIONAL NA GRADUAÇÃO?
4. O QUE LHE IMPULSIONOU A PROSSEGUIR SEUS ESTUDOS NO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO?
5. GOSTARIA QUE VOCÊ FALASSE DE COMO SE FORMOU PROFESSOR? PARA VOCÊ COMO SE PENSA PROFESSOR? COMO VOCÊ PERCEBE SEU PERCURSO FORMATIVO?
6. COMO VOCÊ CHEGOU ATÉ AQUI? FALE SOBRE A SUA TRAJETÓRIA DE PROFESSOR? COMO VOCÊ FOI SE PERCEBENDO PROFESSOR?
7. QUE SIGNIFICADO TEM PARA VOCÊ O TRABALHO DE PROFESSOR (A)?
8. O QUE VOCÊ COMPREENDE POR FORMAÇÃO?
9. VOCÊ ESTABELECE ALGUMA RELAÇÃO ENTRE SUAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E PESSOAIS? FALE UM POUCO SOBRE ELAS.
10. A QUE VOCÊ ATRIBUI A SUA IDENTIDADE PROFISSIONAL NO MAGISTÉRIO?
11. O QUE REPRESENTA PARA VOCÊ SER UMA FORMADORA DE PROFESSORES? PROFISSIONAIS?

CARTA DE CONSENTIMENTO

Sobral, ____ de _____ de 2012

Eu _____

RG: _____, declaro para os devidos fins que autorizo os direitos de minha entrevista, gravada no(s) dia(s) _____ de _____ de 2012 para integrar a dissertação da professora Jônia Tércia Parente Jardim Albuquerque, podendo ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citação desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso do texto final da narrativa a terceiros, ficando vinculado o controle a biblioteca da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias – ULHT-Lisboa e Universidade Estadual Vale do Acaraú, na qual ficará a guarda da dissertação.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

